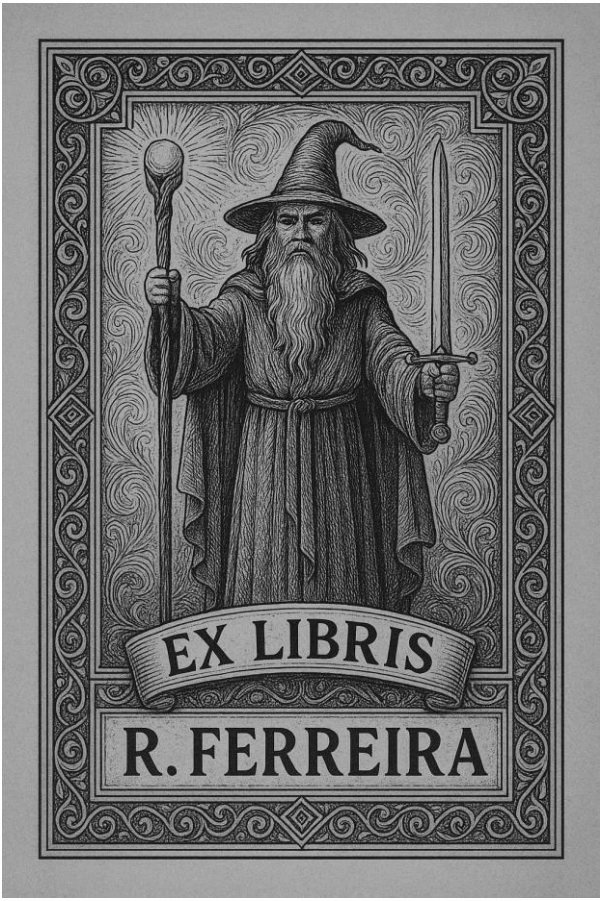
AGENTE PARANORMAL: A NECRÓPOLE SOB O GELO
R. FERREIRA

1ª Edição

Dedico este livro àqueles que acreditam que permanecer humano é, muitas vezes, o maior ato de coragem.


EX LIBRIS
R. FERREIRA

CAPÍTULO 1
O TREM BLINDADO

A chuva continuava caindo sobre Londres.

Como se a cidade tivesse esquecido como parar.

Os Marcados haviam retornado à igreja de Father Malcolm há poucas.

Ninguém estava bem.

Fisicamente.

Mentalmente.

Espiritualmente.

Principalmente espiritualmente.

O Hotel Impossível tinha deixado marcas.

Algumas visíveis.

Outras não.

A antiga sala de estudos da igreja parecia mais silenciosa agora.

Mais humana.

O cheiro de livros velhos, café queimado e cigarro era quase reconfortante depois do que haviam acabado de atravessar.

Quase.

Mako estava largado em um sofá destruído.

Os pés apoiados sobre uma pilha de livros proibidos.

Os olhos fundos.

A barba começando a crescer.

Seu notebook aberto sobre a mesa central.

— Eu preciso de um banho.

Silêncio.

— Um banho muito longo.

Mais silêncio.

— E de preferência um psicólogo.

Teo continuava limpando o próprio fuzil.

— Você precisa dos dois com certeza.

— Verdade.

Mako apontou para Sophia.

— Ela também.

Sophia permanecia sentada próxima da janela.

Observando a chuva.

O terceiro Fragmento estava guardado dentro de uma caixa ritualística reforçada sobre a mesa principal.

Mesmo fechado… ela conseguia senti-lo.

Chamando.

Sussurrando.

Respirando.

Lucas percebeu.

— Tá ouvindo alguma coisa?

Sophia demorou alguns segundos para responder.

— Menos do que antes.

Aquilo era preocupante.

Porque não parecia uma melhora.

Parecia adaptação.

Dmitri estava do outro lado da sala desmontando a própria arma.

Peça por peça.

Movimentos precisos.

Mecânicos.

Como alguém tentando manter a mente ocupada.

Aruem lia um dos livros de Malcolm.

Calma.

Impecável.

A mesma expressão serena de sempre.

A mesma máscara perfeita.

Father Malcolm Reed entrou na sala carregando duas canecas de café.

Entregou uma para Sophia.

Ela aceitou com um pequeno aceno.

Quase um sorriso.

Quase.

Então o notebook sobre a mesa chiou.

Maya.

— Reunião.

Mako gemeu imediatamente.

— Ei, não faz isso.

— O quê?

— Primeiro, não invade meu notebook e segundo não vem me dar missão nova.

Maya ignorou completamente.

— Tenho informações.

— Isso é exatamente o que uma pessoa prestes a destruir meu descanso diria.

A imagem de Maya apareceu na tela.

Parecia tão cansada quanto eles.

Olheiras profundas.

Três xícaras vazias ao fundo.

Provavelmente a quarta noite sem dormir.

— Recebemos um rumor de um dos nossos informantes há seis horas.

A sala ficou séria imediatamente.

Maya ampliou um mapa da Europa.
Linhas ferroviárias surgiram.
Rotas comerciais.
Fronteiras.
Uma delas ficou vermelha.
Bálcãs.
Sérvia.
Romênia.
Uma rota que parecia terminar no território russo.
— Uma organização independente recuperou um Artefato há aproximadamente duas semanas.
Lucas franziu a testa.
— Independente como?
— Independente como: não é Orpheus. Não é Black Sun. Não é governo.
Silêncio.
Dmitri foi o primeiro a falar.
— Mercenários.
— Mais ou menos.
Maya ampliou novamente.
Fotografias começaram a aparecer.
Homens armados.
Cientistas.
Colecionadores.
Empresários.
— Eles se autodenominam Consórcio Atlas.
Teo cruzou os braços.
— Nunca ouvi falar.
— Porque eles preferem permanecer invisíveis.
Mako levantou a mão.
— Pergunta importante.
— Não.
— Você nem sabe qual era a pergunta.
— Era sobre você poder dormir primeiro.

— Justo.
Maya continuou.
— O Artefato está sendo transportado neste exato momento.
Uma nova imagem surgiu.
Um trem.
Blindado.
Militarizado.
Negro.
Cortando os Bálcãs.
— Destino?
— Romênia. Depois Rússia ou mais além.
O silêncio voltou.
Sophia levantou lentamente os olhos.
A sensação veio imediatamente.
Como uma agulha atravessando o peito.
Ela conhecia aquele chamado.
Outro Fragmento.
Mais próximo do que nunca.
Lucas percebeu antes mesmo dela falar.
— Sim, está no trem.
Sophia assentiu.
Devagar.
— Sim.
A sala ficou imóvel por alguns segundos.
Agora estavam perseguindo os fragmentos.
Tinham uma oportunidade real de chegar primeiro.
Então Mako apontou para o mapa.
— Certo.
Silêncio.
— Contraproposta.
Todos olharam para ele.

— A gente volta para o The Vault. Toma banho. Dorme uma semana. Faz terapia. Come comida quente. E depois vai atrás do artefato.

Ninguém respondeu.

— Não?

— Não — disseram todos ao mesmo tempo.

Mako fechou os olhos.

— Eu odeio trabalhar com vocês.

Maya ignorou.

— O trem cruza a fronteira sérvia em menos de vinte horas.

Lucas levantou.

A decisão já estava tomada.

Todos sabiam.

Mais uma vez.

Sem descanso.

Sem pausa.

Sem recuperação.

Outro Fragmento.

Outra missão.

Outra corrida contra a Black Sun.

E em algum lugar distante… muito distante… uma locomotiva negra cortava a Europa carregando algo que jamais deveria estar sendo transportado.

A Sérvia estava coberta por neblina quando chegaram.

Montanhas escuras surgiam entre florestas antigas enquanto a chuva fina transformava as estradas em rios de asfalto molhado.

O trem podia ser visto mesmo à distância.

Negro.

Blindado.

Longo demais.

As locomotivas pareciam militares.

Os vagões não possuíam identificação.

Nenhum logotipo.

Nenhuma bandeira.

Nenhuma marca.

Como se alguém tivesse tentado apagar a existência inteira daquela operação.

Mako observava tudo através de binóculos eletrônicos.

— Isso definitivamente não parece algo de uma empresa privada.

Maya respondeu pelo comunicador.

— O Consórcio Atlas gosta de fingir que é uma ONG.

— E o que eles são de verdade?

Silêncio.

— Pessoas muito ricas tentando causar o fim do mundo.

— Ah. Então só empresários mesmo.

Lucas ignorou a conversa.

Os olhos estavam presos ao trem.

Alguma coisa o incomodava.

Uma sensação.

A mesma que sentira antes de encontrar os Observadores.

Antes do Hotel.

Antes da Argentina.

Como se alguma coisa já soubesse que eles estavam ali.

A infiltração foi surpreendentemente fácil.

Talvez fácil demais.

Os documentos falsificados pela Orpheus abriram todas as portas necessárias.

Em poucas horas os Marcados já estavam vestidos como contratados de segurança do Atlas.

Uniformes cinzentos.

Colete balístico.

Identificações falsas.

Armas escondidas sob protocolos aparentemente legítimos.

O trem começou a se mover ao anoitecer.

Lentamente.

Silenciosamente.

Como um animal enorme atravessando a Europa.

Lucas caminhava pelos corredores internos observando o fluxo de funcionários.

Mercenários.

Cientistas.

Colecionadores.

Homens de negócios.

Todos nervosos.

Todos parecendo saber que transportavam algo importante.

Mas não exatamente o quê.

Teo aproximou-se pelo corredor.

— Consegui acesso parcial aos vagões centrais.

— E?

— Segurança pesada.

Lucas assentiu.

Isso confirmava o óbvio.

O Artefato estava ali.

Sophia sentiu primeiro.

No momento em que atravessaram o quarto vagão.

Ela parou.

Bruscamente.

Como alguém atingido por uma corrente elétrica.

Lucas percebeu imediatamente.

— Sophia.

Ela levou a mão ao peito.

Respiração acelerada.

Os olhos perdendo foco por um instante.

— Está perto.

Silêncio.

— Muito perto.

Os sons do trem desapareceram.

Por um segundo.

Sophia ouviu algo vindo além das paredes.

Além do aço.

Além da realidade.

Um chamado.

Familiar.

Antigo.

O mesmo tipo de chamado que ouvira na Amazônia.

No Hotel.

No Outro Lado.

O Artefato estava ali.

E sabia que ela havia chegado.

Enquanto isso... Aruem caminhava sozinha por um corredor de manutenção próximo aos vagões traseiros.

Passos silenciosos.

Precisos.

Calculados.

Ela verificou o relógio.

Exatamente no horário combinado.

Retirou um pequeno dispositivo escondido dentro da manga.

Ativou.

Uma única transmissão.

Curta.

Criptografada.

Poucos segundos.

Nada mais.

Depois guardou novamente.

A expressão continuou exatamente a mesma.

Calma.

Serena.

Controlada.

Mas quando virou o corredor... Dmitri estava parado ali.

Imóvel.

Os olhos frios observando ela.

Silêncio.

Aruem não demonstrou reação.

— Algum problema? — perguntou calmamente.

Dmitri demorou alguns segundos para responder.

— Talvez.

Silêncio.

Longo.

Pesado.

Então ele simplesmente passou por ela.

Sem dizer mais nada.

Sem acusar.

Sem perguntar.

Mas alguma coisa havia mudado.

Mais tarde.

No vagão-restaurante.

A equipe inteira se reuniu brevemente.

O trem cortava a escuridão dos Bálcãs enquanto a chuva batia contra as janelas blindadas.

Mako estava tentando comer.

Tentando.

— Essa comida consegue ser pior que a da Orpheus.

— Impressionante — comentou Teo.

Lucas observava o mapa digital enviado por Maya.

Mais algumas horas.

Depois entrariam na Romênia.

E então a operação começaria de verdade.

Foi nesse momento que ele percebeu.

Um reflexo na janela.

Lá fora.

Entre árvores.

Por apenas um segundo.

Um veículo distante seguindo o trem.

Impossível.

Lucas levantou imediatamente.

O reflexo desapareceu.

— O que foi? — perguntou Sophia.

Ele continuou olhando para a escuridão.

Sentindo o mesmo aperto no estômago.

A mesma sensação.

Predador.

Observador.

Caçador.
Alguma coisa estava esperando.
E agora ele tinha certeza.
Não era apenas o Artefato.
Alguém sabia exatamente onde eles estavam.

Não muito longe dali.
Numa estrada abandonada da Romênia.
Cain Mercer observava um mapa dentro de um veículo blindado da Black Sun.
As coordenadas brilhavam lentamente.
Exatas.
Perfeitas.
Recém-atualizadas.
Yelena observou os dados.
Depois olhou para Cain.
— Eles estavam vindo direto até nós.
Cain abriu um pequeno sorriso.
Raro.
Predatório.
— Então vamos buscar nosso Artefato.
E o comboio da Black Sun começou a se mover.

A madrugada havia engolido o trem.

Do lado de fora das janelas blindadas existiam apenas chuva, florestas e escuridão.

Lá dentro...

o clima começava a mudar.

Não por causa do Artefato.

Não por causa da Black Sun.

Mas por causa da dúvida.

E dúvida era algo muito mais perigoso.

Maya foi a primeira a perceber.

O alerta surgiu discretamente em uma das telas do The Vault.

Uma transmissão.

Curta.

Criptografada.

Não autorizada.

Ela imediatamente ampliou os dados.

Origem móvel.

Duração de apenas três segundos.

Quase impossível de rastrear.

Quase.

— Mako.

O comunicador chiou.

Mako ergueu os olhos do notebook.

— Já odeio a sua voz.

— Alguém transmitiu informações do trem.

O humor desapareceu da cabine instantaneamente.

Lucas olhou para o aparelho.

— Tem certeza?

— Sim.

Silêncio.

Maya raramente errava.

— Consegue identificar?

— Ainda não.

Mako já estava digitando.

Linhas de código atravessavam a tela.

Mapas.

Pacotes.

Saltos de frequência.

O vagão parecia menor agora.

Mais apertado.

Mais pesado.

— Alguém foi inteligente.

— Quão inteligente? — perguntou Teo.

— Inteligente nível "eu teria orgulho se fosse eu".

— Isso não me tranquiliza.

— Também não me tranquiliza.

Alguns minutos depois.

A equipe inteira havia se reunido em um dos compartimentos de manutenção.

Pequeno.

Fechado.

Seguro.

Ou pelo menos tão seguro quanto era possível naquele trem.

Maya aparecia na tela do notebook de Mako projetando os dados.

Linhas vermelhas atravessavam o mapa da rota.

— A transmissão saiu daqui.

Ela apontou para um setor específico do trem.

Corredor de manutenção.

Próximo aos vagões traseiros.

O russo permaneceu em silêncio por alguns segundos.

Depois falou.

— Eu vi alguém lá.

Todos olharam para ele.

Dmitri raramente falava mais do que o necessário.

Por isso todos prestaram atenção.

— Quem?

Silêncio.

Longo.

Pesado.

Então:

— Aruem.

O vagão ficou imóvel.

Mako parou de digitar.

Teo franziu a testa.

Lucas não respondeu imediatamente.

Sophia permaneceu em silêncio.

Aruem apenas observava.

Serena.

Impecável.

Como sempre.

— Eu estava verificando rotas de fuga — respondeu ela.

Natural.

Sem hesitação.

— Sozinha? — perguntou Teo.

— Sim.

— Sem avisar ninguém?

— Sim.

Outro silêncio.

Lucas observava ambos.

Dmitri não era paranoico.

E Aruem também nunca havia dado motivos claros para suspeitas.

Até agora.

Maya interrompeu.

— Eu não tenho provas.

Todos voltaram atenção para o notebook.

— Ainda.

A palavra ficou suspensa no ar.

Pesada.

Incômoda.

Aruem cruzou os braços.

— Então estamos acusando pessoas sem evidências agora?

— Ninguém está acusando ninguém — respondeu Lucas.

Mas a verdade era que estavam.

Todos sabiam.

A confiança havia sofrido uma rachadura.

Pequena.

Mas real.

E rachaduras cresciam.

Mais à frente.

O trem atravessou a fronteira romena.

Nenhum anúncio foi feito.

Nenhuma cerimônia.

Mas Maya percebeu imediatamente.

Os mapas mudaram.

As coordenadas atualizaram.

E algo aconteceu.

Todas as transmissões de longa distância morreram ao mesmo tempo.

As telas piscaram.

Os rádios chiaram.

O GPS desapareceu.

Mako encarou os monitores.

— Ah.

Silêncio.

— Isso é ruim.

Mako apontou para a tela.

Vazia.

Completamente vazia.

— Alguém acabou de desligar metade da infraestrutura eletrônica ao redor do trem.

Lucas já estava de pé.

Instinto.

Experiência.

Sobrevivência.

A sensação no estômago voltou.

Mais forte agora.

Predador.

Caçador.

Emboscada.

Sophia levantou ao mesmo tempo.

Os olhos fixos na escuridão além da janela.

— Eles estão aqui.

Silêncio.

Ninguém precisou perguntar quem.

Porque todos já sabiam.

Lá fora... entre as florestas da Romênia... a Black Sun estava esperando.

CAPÍTULO 2
ENCONTRO EXPLOSIVO

A explosão veio sem aviso.
O mundo inteiro saltou para cima.
Metal gritou.
Vidro estourou.
O trem blindado saiu dos trilhos como um animal ferido.
Lucas mal teve tempo de reagir.
O vagão inteiro virou.
Mesas atravessaram o ar.
Pessoas foram lançadas contra paredes.
O som era ensurdecedor.
Aço esmagando aço.
Corpos.
Gritos.
Fogo.
Então veio a escuridão.
Lucas abriu os olhos segundos depois.
Talvez minutos.
Difícil dizer.

O vagão estava de lado.

Luzes vermelhas de emergência piscavam.

Fumaça preenchia o ambiente.

Sangue escorria por sua testa.

Ao redor dele... caos.

Mako estava preso comicamente sob parte de uma mesa destruída.

Teo tentava arrancar uma porta empenada do lugar.

Sophia permanecia ajoelhada entre destroços.

Atordoada.

Mas viva.

Dmitri já estava de pé.

Fuzil em mãos.

Como se o descarrilamento tivesse sido apenas um inconveniente.

Então vieram os disparos.

Lá fora.

Muitos.

Rajadas automáticas.

Explosões.

Gritos.

A Black Sun.

Os Marcados começaram a se mover imediatamente.

Treinamento.

Instinto.

Sobrevivência.

Lucas arrancou a porta do vagão como se fosse papel.

Ele foi o primeiro a escalar e alcançar a parte superior do trem.

O ar frio da Romênia atingiu seu rosto.

A floresta queimava.

Partes do trem estavam espalhadas por centenas de metros.

Mercenários do Consórcio Atlas trocavam tiros com operadores da Black Sun entre vagões destruídos.

A batalha pelo Artefato havia transformado tudo numa zona de guerra.

E no centro daquele inferno... uma figura caminhava calmamente entre os disparos.

Cain Mercer.

Os projéteis pareciam evitá-lo.

Ou talvez ele simplesmente não se importasse.

A máscara de gás escondia parte do rosto.

Mas os olhos de caçador... os olhos estavam fixos em Lucas.

Como se o procurasse desde o início.

Como se todo o ataque tivesse sido planejado para aquele momento.

Lucas ergueu o fuzil.

Cain sorriu.

Então caminhou diretamente na direção dele.

Os dois se encontraram entre dois vagões destruídos.

O fogo iluminava a chuva.

Faíscas dançavam no ar.

Não havia monstros.

Não havia entidades.

Não havia Fragmentos.

Apenas dois homens.

Ou algo próximo disso.

— Lucas Wright.

A voz de Cain saiu abafada pela máscara.

— Não uso mais esse nome há anos.

Lucas manteve a arma apontada.

— Você parece obcecado comigo.

Cain soltou uma pequena risada.

Estranha.

Metálica.

— Não com você.

Silêncio.

— Com aquilo que fizeram conosco.

A frase ficou suspensa entre eles.

Lucas sentiu o estômago apertar.

Porque Cain não havia dito:

"com você."

Havia dito:

"conosco."

Então Cain avançou.

Rápido demais.

O impacto lançou Lucas contra os destroços de um vagão a metros de distância.

Dor explodiu pelas costelas.

Lucas mal conseguiu levantar o fuzil antes de outro golpe atingi-lo.

O metal entortou.

Como papel.

Cain não era humano.

Ou pelo menos... não completamente.

Lucas rolou para o lado enquanto disparava a pistola.

Três tiros.

Quatro.

Cinco.

Cain nem desacelerou.

O braço deformado absorvia impactos impossíveis.

Como carne.

Como metal.

Como algo entre os dois.
Então ele pisou no pescoço de Lucas.
— Você ainda não entendeu.
Lucas tentou se soltar.
Inútil.
— Entender o quê?
Cain inclinou levemente a cabeça.
Como alguém observando um irmão mais novo.
— Você não era um soldado.
Silêncio.
— Nunca foi.
A chuva aumentou.
Os disparos continuavam ao redor deles.
Mas naquele instante... pareciam muito distantes.
— Seu pai não estava criando soldados.
Lucas congelou.
Pela primeira vez.
— O que você quer dizer?
Cain observou o rosto dele.
E percebeu.
Ele realmente não sabia.
— Então ele nunca contou.
A voz saiu quase decepcionada.
— Claro que não contou.
O aperto aumentou.
— Soldados morrem.
A frase saiu baixa.
Pesada.
— Armas quebram.
Mais forte.
— Ferramentas envelhecem.
Então Cain aproximou o rosto.
Os olhos brilhando por trás da máscara.
— Mas Artefatos...

Silêncio.

— Artefatos duram para sempre.

O coração de Lucas pareceu parar.

Por um segundo.

Apenas um segundo.

Algo dentro dele reconheceu aquela frase.

Como uma memória enterrada.

Como um sonho esquecido.

— Você foi construído.

A voz de Cain ficou quase suave.

— Eu fui construído.

— O quê?

— Nós fomos.

Lucas tentou negar.

Mas alguma coisa... alguma coisa dentro dele... não conseguia.

Porque pela primeira vez... certas peças começavam a se encaixar.

O Protocolo Lázaro.

Os sonhos.

Os Observadores.

O retorno da morte.

Tudo.

Como se existisse uma resposta escondida atrás de uma porta que ele ainda não conseguia abrir.

Cain tirou seu pé bruscamente.

Bruscamente.

Lucas se arrastou.

Tossindo.

Confuso.

E assustado.

Talvez mais assustado do que jamais estivera.

— Eu sou seu irmão imperfeito.

A frase saiu quase melancólica.

Cain observou o caos ao redor.

O trem destruído.

Os homens morrendo.

O Artefato sendo transportado para longe.

Então voltou os olhos para Lucas.

— Um dia você vai entender.

Silêncio.

— E quando entender... vai perceber que nosso pai estava certo.

Então uma explosão iluminou a floresta.

Ao redor deles... os mercenários do Consórcio Atlas começavam a perder terreno.

Os operadores da Black Sun avançavam.

Mais organizados.

Mais preparados.

Como se soubessem exatamente onde atacar.

Exatamente onde procurar.

Lucas sentiu algo que não conseguia entender.

Medo.

Porque a missão havia escapado de suas mãos.

A batalha desmoronou em caos.

Os trilhos queimavam.

Os vagões destruídos iluminavam a floresta romena com explosões alaranjadas.

Chuva.

Fumaça.

Sangue.

E gritos.

Por toda parte.

O Consórcio Atlas estava sendo massacrado.

A Black Sun avançava metodicamente.

Como uma máquina.

Como um exército treinado para aquela única noite.

Sophia sentiu primeiro.

Uma presença atrás dela.

Forte.

Antiga.

Familiar.

Elias.

Quando se virou já era tarde.

O mundo desapareceu.

Não fisicamente.

Mentalmente.

Por um segundo ela voltou ao Outro Lado.

Portas.

Sombras.

Vozes.

Milhares delas.

Conseguiu distinguir vozes conhecidas.

Pareciam ser as vozes de Lucas e Cain, mas não conseguia discernir exatamente o que eles estavam dizendo.

Então acordou de joelhos.

Atordoada.

Dois operadores da Black Sun seguravam seus braços.

Ela tentou reagir.

Mas a conexão psíquica havia sido interrompida brutalmente.

Como uma faca cortando um cabo.

— Sophia! — Lucas gritou do outro lado do campo de batalha.

— Pode ficar paradinho aí. — Cain disse sacando e apontando sua pistola diretamente para a cabeça de Lucas.

Então Dmitri surgiu abrindo caminho para Os Marcados que vinham atrás dele.

Rajadas pesadas atravessavam a chuva.

Operadores caíam.

Corpos tombavam.

O russo avançava como um tanque.

Imparável.

Até que um disparo atingiu sua lateral.

Outro.

E outro.

Dmitri tropeçou.

Mas continuou avançando.

Ignorando a dor.

Ignorando o sangue escorrendo sob o colete.

Teo viu primeiro.

— DMITRI!

O russo apenas recarregou.

E continuou atirando.

Então uma granada caiu aos pés do grupo.

Mako arregalou os olhos.

— AH NÃO!

Dmitri foi mais rápido.

Agarrou Mako.

Empurrou Teo.

Jogou ambos para trás.

A explosão veio logo depois.

O mundo virou branco.

Quando a fumaça dissipou... Dmitri ainda estava de pé.

O lado esquerdo do corpo havia sido rasgado por estilhaços.

Sangue escorria livremente.

Mesmo assim... ele continuava segurando a arma.

Foi então que tudo aconteceu ao mesmo tempo.

Maya apareceu no comunicador.

A voz carregada de urgência.

— EU ENCONTREI!

Lucas mal ouviu.

— O quê?!

— O VAZAMENTO!

Silêncio.

— Foi Aruem!

O mundo pareceu parar.

Por um segundo.

Aruem estava próxima do vagão principal.

Os olhos encontraram os de Sophia.

Ela não tentou negar.

Não tentou explicar.

Não tentou mentir.

Apenas suspirou.

Como alguém cansado.

Muito cansado.

— Eu realmente queria que vocês descobrissem mais tarde.

Teo congelou.

Mako ficou sem palavras.

Até Sophia pareceu mais chocada com aquilo do que com a própria captura.

Sophia encarou Aruem.

— Por quê?

A pergunta saiu baixa.

Humana.

Dolorosa.

Aruem desviou os olhos.

— Porque vocês ainda acreditam que podem salvar o mundo sem mudá-lo.

Silêncio.

Então a sombra surgiu.

Uma aura roxa começou a se espalhar sob seus pés.

Lenta.

Fluida.

Viva.

As sombras da floresta começaram a se mover.

Subindo pelas pernas dela.

Envolvendo seu corpo.

Mako deu um passo para trás.

— Que porra é essa?!

Aruem olhou uma última vez para os Marcados.

Principalmente para Sophia.

E depois para Lucas.

Havia culpa ali.

Real.

Mas também convicção.

— Me desculpem.

Então desapareceu.

As sombras a engoliram completamente.

E ela simplesmente deixou de existir.

No centro da batalha... Yelena sorria.

Pequeno.

Quase imperceptível.

Levou a mão ao comunicador preso junto ao pescoço.

— Objetivo assegurado.

Olhou rapidamente para os operadores que já transportavam o Artefato.

— Você pode ficar e se divertir, se quiser.

A voz de Cain respondeu quase imediatamente.

— Entendido.

Yelena desligou o comunicador.

Observou os Marcados por apenas um segundo.

Depois virou-se para acompanhar a retirada.

Foi quando um estampido seco cortou a chuva.

BANG!

Yelena deu apenas mais um passo.

Parou.

Olhou lentamente para o próprio peito.

Uma pequena mancha vermelha começava a se espalhar sobre o uniforme tático.

Não houve tempo para reagir.

Outro disparo.

BANG!

O segundo projétil atravessou-lhe o pescoço.

Ela cambaleou para trás.

Caiu de joelhos.

Ao longe... Dmitri ainda mantinha a arma apoiada contra o ombro.

Mesmo gravemente ferido.

Mesmo coberto de sangue.

A mira permanecia firme.

Yelena encontrou o olhar do russo pela última vez.

Tentou dizer alguma coisa.

Nenhum som saiu.

Seu corpo tombou lentamente sobre os trilhos molhados.

Permaneceu imóvel.

Cain olhou rapidamente para o cadáver.

Nenhuma reação.

Nenhuma tentativa de resgatá-la.

Apenas voltou sua atenção para Lucas.

O Artefato continuava sendo transportado.
A missão... havia sido perdida.

Cain sorria por baixo da máscara.
— Primeiro eu cuido de você e depois do russo.
—Desgraçado.
— Vamos ver do que você é feito.
Cain Mercer se afastou lentamente e lançou sua pistola para longe como se não fosse nada.
Desembainhou sua faca com precisão cirúrgica.
A arma de lâmina negra girava entre seus dedos.
Esperando.
Como se soubesse exatamente o que estava prestes a acontecer.
Lucas sentiu.
E algo dentro dele finalmente quebrou.
Ou despertou.
Difícil dizer.
Lucas se levantou.
Largou seu fuzil retorcido.
Depois a pistola.
Os olhos nunca deixaram Cain.
Lentamente puxou a faca presa ao colete.
Silêncio.
A chuva parecia mais pesada agora.
Mais lenta.
Mais distante.
Cain sorriu atrás da máscara.
— Finalmente.
Então os dois avançaram.
A colisão foi brutal.
Metal contra metal.
Lâmina contra lâmina.
Sem armas de fogo.

Sem distância.
Sem truques.
Apenas violência.
Cain golpeou primeiro.
Lucas bloqueou.
A força do impacto rachou o solo.
Outro golpe.
Outro bloqueio.
Outro.
E outro.
Cada movimento parecia mais rápido.
Mais forte.
Mais impossível.
Lucas sentia.
Pela primeira vez.
Não estava se segurando.
Não estava fingindo ser apenas humano.
Os reflexos eram rápidos demais.
Os sentidos afiados demais.
O corpo forte demais.
Cain percebeu imediatamente.
— Aí está você.
Lucas respondeu com um golpe que abriu parte da máscara do adversário.
Cain recuou.
Sangue.
Pouco.
Mas sangue.
— Você sente agora?
Outro golpe.
Outra colisão.
Faíscas.
— Você sente o que nós somos?
Lucas não respondeu.

Porque parte dele estava começando a sentir.
E isso o assustava.
Então ouviu o grito.
Sophia.
Lucas virou o rosto instintivamente.
Erro.
Cain aproveitou.
A lâmina atravessou seu ombro.
Dor.
Violenta.
Mas Lucas ignorou.
Porque viu Sophia sendo levada.
Viu o Artefato desaparecendo em meio a fumaça.
Viu Dmitri caído.
Mako tentando estancar o sangue.
Teo sozinho contra vários operadores.
A missão inteira desmoronando.
Lucas olhou para Cain.
E finalmente entendeu.
Poderia continuar lutando.
Talvez até vencer.
Talvez.
Mas perderia Sophia.
Perderia a equipe.
Perderia tudo.
Então tomou sua decisão.
Segurou o colete de Cain com uma das mãos.
Então o lançou com toda sua força.
Cain voou alguns metros.
Bateu violentamente no chão, mas rapidamente se recuperou usando sua mão monstruosa para frear a queda.
Então Lucas correu.
A faca ainda cravada em seu ombro.

Diretamente para Sophia.
Cain observou.
Não perseguiu.
Apenas ficou parado sob a chuva.
Como alguém vendo uma profecia se cumprir.
— Sempre a escolha mais humana...
A voz saiu baixa.
Quase triste.
— É por isso que você nunca será como nós.
Lucas alcançou Sophia.
Derrubou os operadores facilmente.
Ajudou ela a ficar de pé.
Os dois recuaram sob cobertura de Mako e Teo.
Mas já era tarde.
Muito tarde.
Yelena e a Black Sun desapareciam na floresta.
Levando o Artefato.
Levando a vitória.
Quando os disparos finalmente cessaram... restaram apenas chuva.
Destroços.
Corpos.
E silêncio.
Os Marcados haviam sobrevivido.
Mas perderam.
Perderam completamente.
Agora a Black Sun agora possuía dois Fragmentos.
Exatamente como a Orpheus.

CAPÍTULO 3
CICATRIZES DE GUERRA

A chuva continuava caindo quando encontraram abrigo.

Um celeiro abandonado.

Velho.

Esquecido.

Perdido entre colinas e florestas dos Bálcãs.

A madeira rangia com o vento.

O telhado possuía buracos suficientes para deixar a água entrar em alguns pontos.

Mas era seguro.

Pelo menos por enquanto.

E naquele momento... era tudo que possuíam.

Dmitri estava morrendo.

Não rapidamente.

Não dramaticamente.

Mas estava.

O lado esquerdo do corpo parecia ter sido atingido por um pequeno bombardeio.

Fragmentos de metal ainda permaneciam presos na carne.

Queimaduras profundas cobriam parte do pescoço.

Do rosto.

Do braço.

Mako evitava olhar diretamente.

Teo permanecia ajoelhado ao lado dele.

Silencioso.

Lucas observava.

Impotente.

Agora o russo parecia pequeno.

Humano.

Vulnerável.

Sophia caminhou até ele.

Sem dizer nada.

Apenas ajoelhou.

Segurou a mão dele.

Fechou os olhos.

O celeiro ficou silencioso.

Muito silencioso.

Então o ar mudou.

Como acontecia sempre que Sophia tocava algo além do mundo físico.

Os crucifixos presos ao seu hábito começaram a vibrar suavemente.

Os símbolos gravados neles emitiram um brilho fraco.

Quase invisível.

A respiração de Dmitri desacelerou.

As queimaduras começaram a fechar.

Não completamente.

Nunca completamente.

Mas o suficiente.

A carne destruída voltou a se unir.

O sangramento cessou.

Os estilhaços começaram lentamente a emergir da pele.

Caindo no chão de madeira um por um.

— Puta merda — Mako murmurou.

O processo durou vários minutos.

E quando terminou... Sophia quase caiu.

Lucas a segurou antes.

— Você está bem?

Ela assentiu.

Mentindo.

Mas assentiu.

Dmitri ainda estava vivo.

E viveria.

Porém o lado esquerdo do corpo permanecia marcado.

A pele parecia ter sido derretida e reconstruída.

O braço não se movia direito.

A perna tremia involuntariamente.

As cicatrizes permaneceriam.

Para sempre.

O silêncio voltou.

Pesado.

Ninguém queria falar sobre a missão.

Ninguém queria falar sobre Aruem.

Mas todos pensavam nela.

Teo foi o primeiro.

— Eu não percebi... aquela desgraçada.

A voz saiu baixa.

— Eu realmente não vi.

Mako soltou uma risada amarga.

— Acho que essa era a intenção.

Lucas permaneceu sentado próximo à entrada do celeiro.

Observando a chuva.

Pensando em Cain.

Pensando no pai.

Pensando nas palavras.

"Você foi construído."

"Artefatos duram para sempre."

Sophia sentou-se ao lado dele.

Por alguns segundos nenhum dos dois falou.

Até que ela quebrou o silêncio.

— O que ele quis dizer?

Lucas virou o rosto.

— Quem?

— Cain.

Silêncio.

— Eu ouvi parte da conversa.

Lucas franziu a testa.

— Como?

Sophia observou a chuva.

— Quando Elias me puxou para o Outro Lado.

A voz saiu distante.

— Eu não estava completamente lá. Nem completamente aqui.

Ela demorou alguns segundos.

— Algumas vozes atravessavam.

Lucas ficou quieto.

— Não ouvi tudo.

Sophia continuou.

— Mas ouvi o suficiente.

Os olhos dela encontraram os dele.

— "Artefatos."

Silêncio.

— "Construídos."

Outro silêncio.

— "Irmão imperfeito."

Lucas desviou o olhar.

Porque ouvir aquilo em voz alta tornava tudo mais real.

Mais difícil de ignorar.

Mais difícil de negar.

— Acho que ele estava dizendo a verdade.

A frase saiu antes que pudesse impedir.

Mako ergueu os olhos imediatamente.

Teo também.

Lucas observou a própria mão.

As cicatrizes.

Os dedos.

O corpo.

— Eu morri.

Silêncio.

— Eu voltei.

Outro silêncio.

— Os Observadores me seguem.

Os Fragmentos reagem a mim.

Ele respirou fundo.

— Em algum momento preciso considerar que talvez isso não seja coincidência.

Sophia não respondeu imediatamente.

Porque estava pensando exatamente a mesma coisa.

— Talvez você não seja o único.

Lucas olhou para ela.

Ela sustentou o olhar.

Nenhum dos dois precisava completar a frase.

A possibilidade existia.

Pequena.

Assustadora.

Mas existia.

Talvez ambos fossem parte de algo muito maior.

Um gemido interrompeu a conversa.

Dmitri.

Os olhos dele se abriram parcialmente.

Confusos.

Perdidos.

A consciência voltando devagar.

Todos se aproximaram.

— Dmitri? — Teo perguntou.

O russo parecia olhar para alguma coisa distante.

Muito distante.

Então murmurou apenas um nome.

— Ivan...

Silêncio.

— Ivan Morozov...

E voltou a perder a consciência.

O celeiro ficou imóvel.

A voz de Maya apareceu repentinamente nos comunicadores.

— Esperem.

Teclados começaram a estalar do outro lado da comunicação.

Pesquisas.

Arquivos.

Registros.

Alguns minutos se passaram.

Então Maya voltou.

A voz diferente.

Mais séria.

— Eu encontrei.

Lucas ergueu a cabeça.

— Quem é ele?

Os arquivos começaram a surgir no notebook de Mako.

Fotografias antigas.

Operações clandestinas.

Relatórios da Guerra Fria.

— Merda, eu já falei pra você parar de fazer isso.

Maya ignorou os comentários.

— Ex-operador. Ex-contrabandista. Ex-informante.

Mako arqueou uma sobrancelha.

— Esse cara tem muito "ex".

— Fica melhor assim.

Maya ampliou uma fotografia.

Um homem mais jovem ao lado de Dmitri.

Décadas atrás.

— Foi uma das pessoas responsáveis por apresentar Dmitri ao Departamento Orpheus.

Silêncio.

— E atualmente?

Maya demorou alguns segundos.

— Atualmente ele possui ligações profundas com o submundo ocultista russo.

A chuva parecia mais forte agora.

Mais pesada.

Como se o mundo estivesse ouvindo.

Então Maya abriu outro mapa.

Rússia.

Linhas ferroviárias.

Instalações militares abandonadas.

Hangares esquecidos.

E um círculo vermelho.

No meio do nada.

— E eu acho que eu sei onde encontra-lo.

O celeiro ficou silencioso.

Porque todos entenderam imediatamente.

A próxima missão já havia começado.

Lá fora... o vento atravessou as árvores.

E muito longe dali... nas profundezas da Rússia... uma estação de rádio esquecida há décadas aguardava.

Vazia.

Escura.

Mas não abandonada.

Nunca abandonada.

CAPÍTULO 4
O HOMEM QUE SABE DEMAIS

O frio começou antes mesmo de o avião tocar o solo.

Era diferente do frio europeu comum.

Diferente de Londres.

Diferente dos Alpes.

Aquilo era algo mais antigo.

Mais cruel.

Um frio que parecia existir antes dos homens aprenderem a construir cidades.

Antes dos impérios.

Antes da própria história.

A pequena pista de pouso surgia como uma cicatriz perdida no meio da neve.

Montanhas brancas ocupavam o horizonte.

Florestas negras cobertas de gelo se estendiam até onde os olhos alcançavam.

Nenhum som.

Nenhum movimento.

Nenhum sinal de vida.

Apenas vento.

Muito vento.

O tipo de vento que fazia os ossos doerem.

Os Marcados desembarcaram rapidamente.

Casacos pesados escondiam coletes balísticos.

Armas permaneciam ocultas sob camadas de tecido térmico.

Mesmo assim o frio parecia atravessar tudo.

Lucas ajustou a gola.

Teo puxou o gorro para baixo.

Mako parecia um urso tentando sobreviver ao fim do mundo.

— Eu odeio esse lugar.

— Acabamos de chegar — respondeu Teo.

— Exatamente. Já odeio.

— Brasileiros...

Sophia escondeu um pequeno sorriso.

Dmitri apenas continuou andando o melhor que podia.

Como se estivesse voltando para casa.

Talvez estivesse.

A viagem até os hangares levou quase uma hora.

Estradas cobertas de neve.

Postes enferrujados.

Pequenas aldeias esquecidas.

Veículos soviéticos abandonados congelados pelo tempo.

Tudo parecia morto.

Ou esperando morrer.

Os hangares surgiram no horizonte pouco depois do entardecer.

Estruturas gigantescas de concreto.

Cobertas por ferrugem.

Metade soterradas pela neve.

Antigas marcas militares ainda eram visíveis em algumas paredes.

Relíquias de um império que desaparecera décadas antes.

Mas que aparentemente ainda escondia muitos segredos.

Quando atravessaram os enormes portões metálicos... viram os aviões.

Caças soviéticos MIGs, Sukhois, de todos tipos e modelos.

Dezenas deles.

Alinhados dentro da escuridão.

Como predadores adormecidos.

Cobertos de poeira.

Cobertos de gelo.

Mas surpreendentemente preservados.

Mako assobiou.

— Isso aqui parece um museu secreto da Guerra Fria.

— Não é um museu.

A voz surgiu do escuro.

Calma.

Elegante.

Perigosamente divertida.

— Museus não costumam dar tanto lucro.

van Morozov estava parado próximo a um dos caças.

Como se estivesse esperando por eles há horas.

Talvez dias.

Talvez soubesse exatamente quando chegariam.

O terno branco por baixo de um gigante casaco de pele parecia absurdo naquele lugar.

Imaculado.

Perfeito.

Contrastando completamente com o ambiente industrial ao redor.

Um cigarro queimava lentamente entre seus dedos.

O sorriso era caloroso.

Mas seus olhos não eram.

Os olhos observavam.

Calculavam.

Pesavam.

Como alguém acostumado a sobreviver em meio a monstros usando apenas inteligência.

E dinheiro.

Muito dinheiro.

Ao seu lado estavam dois homens.

Ou algo próximo disso.

Altos.

Imóveis.

Vestidos com longos sobretudos negros.

Óculos escuros escondiam seus rostos.

As expressões eram inexistentes.

Os movimentos... estranhamente sincronizados.

Como reflexos um do outro.

Como se fossem gêmeos.

Ou cópias.

Ou algo pior.

Lucas sentiu imediatamente.

Não eram normais.

Sophia também percebeu.

Os dois trocaram um olhar silencioso.

E decidiram não comentar.

Ainda.

Ivan ignorou todos os outros.

E caminhou diretamente até Dmitri.

O sorriso desapareceu.

Pela primeira vez.

Havia preocupação genuína ali.

— Meu Deus.

A voz saiu baixa.

— O que fizeram com você?

Dmitri permaneceu imóvel.

As cicatrizes queimadas ocupavam metade do rosto.

O braço esquerdo mal acompanhava seus movimentos.

Mesmo assim respondeu:

— Já estive pior.

Ivan soltou uma risada curta.

— Mentiroso.

Os dois permaneceram alguns segundos em silêncio.

Como velhos amigos.

— Você continua vivo.

Ivan assentiu.

— E você continua impossível de matar.

— Estamos empatados então.

Pela primeira vez desde a Romênia... Dmitri sorriu.

Pequeno.

Mas sorriu.

— Quem é você exatamente? — perguntou Teo.

Ivan abriu os braços.

— Empresário. Contrabandista. Colecionador. Filantropo ocasional. Criminoso em alguns países. Patriota em outros.

Mako apontou.

— Definitivamente criminoso.

— Sim. Provavelmente.

Ivan nem tentou negar.

Então seus olhos encontraram Lucas.

Depois Sophia.

Depois o restante da equipe.

O sorriso voltou.

Mas algo mudou.

Algo sutil.

Como se estivesse analisando peças de um quebra-cabeça.

— Então estes são os famosos Marcados.

Silêncio.

— Maya falou muito bem de vocês. Muito interessantes.

Lucas sentiu um arrepio.

E não era por causa do frio.

Porque Ivan os observava da mesma forma que Yelena observava um artefato recém-descoberto.

Como alguém que sabia algo.

Algo importante.

Algo que eles próprios ainda não sabiam.

— Maya disse que você tem informações.

Ivan deu uma tragada lenta.

A fumaça subiu em espirais preguiçosas.

— Tenho.

— Sobre o próximo Fragmento?

— Talvez.

— Sobre a Black Sun?

— Talvez.

O sorriso aumentou.

Apenas um pouco.

— É... talvez.

Silêncio.

Então Ivan apagou o cigarro.

— Mas primeiro...

Ele olhou novamente para Dmitri.

Depois para Lucas.

Depois para Sophia.

Como se estivesse confirmando alguma coisa.

— Vamos conversar em um local mais privado.

O vento rugiu do lado de fora do hangar.

Os caças permaneceram imóveis na escuridão.

Os dois guarda-costas não se moveram um único centímetro.

E naquele instante... Lucas teve a estranha sensação de que Ivan Morozov não estava apenas esperando por eles.

Parecia que ele estava esperando por aquela história há muitos anos.

Talvez décadas.

Talvez desde antes mesmo do nascimento de alguns deles.

O escritório improvisado de Ivan ocupava o segundo andar de um dos hangares.

Mapas.

Caixas militares.

Rádios antigos.

Fotografias sem identificação.

E uma mesa enorme de madeira escura que parecia pertencer a um oligarca e não a um contrabandista vivendo no fim do mundo.

Os Marcados se acomodaram ao redor dela.

Os dois guarda-costas permaneceram imóveis junto à porta.

Ainda silenciosos.

Ainda observando.

Ainda parecendo menos humanos a cada minuto.

Ivan serviu uma bebida transparente em um copo de cristal.

— Vodka?

Ninguém respondeu.

— Certo. Ambiente profissional.

Ele bebeu sozinho.

— Vamos economizar tempo.

Ivan apoiou os braços sobre a mesa.

— Sim. Eu sei onde está o próximo Fragmento.

Silêncio imediato.

— E sim. Eu sei para onde o Fragmento que vocês perderam foi levado.

Lucas cruzou os braços.

— Então fala.

— Claro.

Ivan sorriu.

— Assim que eu receber.

Mako soltou uma risada.

— Ah, ótimo.

— O quê?

— Eu estava começando a achar que encontraríamos uma pessoa normal hoje.

Ivan abriu uma pasta.

Diversas fotografias foram espalhadas sobre a mesa.

Uma delas mostrava um homem extremamente obeso.

Vestido com roupas caras.

Cercado por guarda-costas.

Outra mostrava um cargueiro.

Outra mostrava um grupo de mercenários fortemente armados.

— Sergei Petrov.

— Oligarca. Colecionador. Fanático religioso. E completamente insano.

— Qual dessas características é a pior? — perguntou Teo.

— Todas.

Ivan apontou para uma fotografia.

— Petrov contratou o Consórcio Atlas para recuperar o quarto Fragmento.

— O mesmo Consórcio Atlas do trem?

— Exatamente.

— E por quê?

— Porque dinheiro compra tudo. Exceto bom senso.

Sophia observou as fotografias.

— E a Black Sun?

Ivan assentiu.

— Petrov tentou negociar com eles depois de tudo que aconteceu. Achava que podia controlar forças que mal compreendia. Como todo homem rico da história.

Maya surgiu pelos comunicadores.

— Isso confirma várias das nossas suspeitas.

— Obrigado, Maya.

Ivan respondeu.

— Sempre bom saber que estou justificando os impostos internacionais de alguém.

Lucas ignorou a provocação.

— O que aconteceu depois?

— Depois?

Ivan deu de ombros.

— O Consórcio Atlas falhou. A Black Sun venceu. E Petrov decidiu abandonar completamente a operação. Provavelmente percebeu que ainda queria continuar vivo.

O silêncio tomou conta da sala.

Mako afundou na cadeira.

— Então atravessamos metade da Europa, enfrentamos um hotel que provavelmente não existe, quase morremos num trem e ainda estamos perdendo.

— Corretíssimo.

— Que semana horrível.

Ivan abriu outra pasta.

Dessa vez contendo apenas uma única fotografia.

Velha.

Desbotada.

Granulada.

Parecia ter sido tirada por um satélite soviético décadas atrás.

No centro da imagem existia uma estrutura gigantesca.

Isolada.

Perdida em um oceano branco de neve.

Lucas pegou a fotografia.

— O que é isso?

Ivan apoiou o queixo sobre as mãos.

Pela primeira vez o sorriso desapareceu completamente.

— O próximo problema de vocês.

O ambiente pareceu esfriar alguns graus.

— Uma estação de rádio soviética.

Disse Ivan.

— Oficialmente abandonada em 1979.

Extraoficialmente... nunca deixou de transmitir.

Ninguém falou nada.

— Transmitir o quê?

Perguntou Sophia.

Ivan encarou a freira por alguns segundos.

Como se estivesse escolhendo as palavras.

— Ninguém sabe. Porque ninguém voltou com uma resposta.

O silêncio retornou.

Mais pesado.

Mais desconfortável.

Ivan se levantou.

Caminhou até uma estante.

Retirou um gravador antigo.

Um daqueles equipamentos soviéticos enormes.

Feitos para durar gerações.

Ele pressionou o botão PLAY.

Um chiado preencheu a sala.

Interferência.

Estática.

Ruído branco.

Então algo surgiu.

Uma voz.

Distante.

Distorcida.

Quase irreconhecível.

Falando russo.

Repetidamente.

Sem parar.

Sem emoção.

Sem vida.

Sophia sentiu o estômago revirar.

Lucas ficou imóvel.

Dmitri empalideceu.

A gravação terminou.

— Quando isso foi captado?

Perguntou Teo.

— Três semanas atrás.

— Por quem?

Ivan sorriu.

Dessa vez sem qualquer humor.

— Pela equipe anterior.

Silêncio.

— E onde eles estão agora?

Perguntou Mako.

Ivan acendeu outro cigarro.

— Excelente pergunta. Porque eu também gostaria de saber.

Maya voltou ao comunicador.

— Ivan, vamos precisar de acesso completo às coordenadas e aos relatórios.

— Claro.

— Quanto?

Ivan respondeu imediatamente.

Como se já tivesse ensaiado.

— Cinquenta milhões de euros.

A sala inteira explodiu em protestos.

— O QUÊ?

— ISSO É ABSURDO.

— CINQUENTA MILHÕES?

— VOCÊ ESTÁ LOUCO?

Ivan permaneceu perfeitamente calmo.

— Eu disse que tinha informações. Nunca disse que eram baratas.

— Um momento.

Maya ficou em silêncio.

Durante alguns segundos.

Depois um minuto.

Depois quase dois.

Então sua voz retornou.

Derrotada.

— Autorizado.

Silêncio absoluto.

Mako encarou o comunicador.

— Não.
— Sim.
— Maya.
— Sim.
— A Orpheus tem dinheiro infinito?
— Não.
— Tem certeza?
— Absoluta.
— Porque isso parece muito dinheiro infinito.
Até Sophia riu.
Pequeno.
Mas genuíno.
Ivan entregou um dossiê grosso para Lucas.
Mapas.
Coordenadas.
Relatórios.
Fotografias.
Transcrições.
Anotações soviéticas.
Na capa havia apenas uma inscrição.
Datilografada.
Amarelada pelo tempo.
OBJETO 17
INSTALAÇÃO DE COMUNICAÇÕES K-41
SIBÉRIA ORIENTAL
ACESSO PROIBIDO
— Se eu fosse vocês... não me preocuparia com a Black Sun. Depois podemos conversar sobre isso.
Lucas ergueu os olhos.
— E com o que deveríamos nos preocupar?
Ivan tragou lentamente.
A fumaça subiu em espirais pela sala.
— Com aquilo que está respondendo às transmissões.

Ninguém falou mais nada.

Agora Ivan Morozov parecia genuinamente assustado.

CAPÍTULO 5
A ESTAÇÃO FANTASMA

A Sibéria parecia não ter fim.

A paisagem branca se estendia até o horizonte em todas as direções, interrompida apenas por florestas de pinheiros escuros e montanhas cobertas por neve.

O comboio da Orpheus avançava lentamente pela estrada congelada.

Dois veículos blindados adaptados para o frio extremo.

O vento golpeava a lataria como se quisesse arrancá-la do chão.

Dentro do veículo principal, o aquecedor lutava contra temperaturas que ultrapassavam os trinta graus negativos.

Mesmo assim, ninguém parecia confortável.

Os Marcados vestiam casacos pesados por cima dos equipamentos táticos.

Coletes.

Armas.

Facas.

Rádios.

Tudo preparado para uma emergência.

Depois do Hotel Impossível, ninguém mais acreditava em missões simples.

Mako observava a neve pela janela.

— Existe alguma coisa além de neve nesse país?

— Vodka.

Respondeu Dmitri.

— Bastante vodka.

— Finalmente uma informação útil.

Teo riu.

Sophia apenas observava a paisagem.

Desde Londres parecia mais silenciosa.

Mais distante.

Mas não de forma preocupante.

Parecia estar recuperando parte de si mesma.

Lucas percebeu.

— Como está se sentindo?

— Melhor.

— Melhor mesmo?

Ela assentiu.

— Não estou ouvindo tantas vozes.

— Isso é bom.

— Significa apenas que elas estão mais longe.

Lucas decidiu não insistir.

Talvez fosse melhor assim.

O silêncio voltou ao veículo.

Foi Dmitri quem o quebrou.

— Eu conheço aquele lugar.

Todos olharam para ele.

— A estação?

Dmitri assentiu.

Seu rosto queimado estava parcialmente escondido pela gola do casaco.

As cicatrizes pareciam ainda mais profundas sob a luz cinzenta do inverno.

— Nunca estive lá.

Mas ouvi histórias.

— Que tipo de histórias?

Perguntou Sophia.

Dmitri permaneceu alguns segundos olhando para a neve.

Como se estivesse revivendo algo muito antigo.

— Histórias que os oficiais soviéticos contavam quando estavam bêbados.

— Isso nunca termina bem.

Comentou Mako.

— Não.

Nunca termina.

Dmitri respirou fundo.

— Diziam que a estação recebia transmissões impossíveis.

Sinais que vinham de lugares que não existiam.

Lugares que não estavam em nenhum mapa.

— Experimentos?

Perguntou Lucas.

— No início, era isso que acreditavam.

Depois começaram a desaparecer pessoas.

O interior do veículo ficou silencioso.

— Cientistas. Militares. Operadores de rádio. Equipes inteiras.

— E o governo?

— Fechou tudo. Oficialmente.

— Mas as transmissões continuaram. Mesmo sem ninguém operando os equipamentos.

Mako fez uma expressão desconfortável.

— Eu odeio quando as histórias começam com "oficialmente".

— Você odeia muita coisa.

Respondeu Teo.

A voz de Maya surgiu pelos comunicadores.

— Estamos chegando.

Todos olharam para os monitores instalados no painel.

As imagens dos drones começaram a aparecer.

Primeiro apenas neve.

Depois árvores.

Então...

uma estrutura.

Gigantesca.

Abandonada.

Escura.

Surgindo no meio do nada.

A Estação K-41.

Mesmo coberta por décadas de gelo, ainda parecia imensa.

Torres de transmissão enferrujadas erguiam-se em direção ao céu nublado.

Prédios de concreto parcialmente enterrados na neve.

Antenas quebradas.

Cabos pendurados.

Janelas escuras.

Parecia menos uma instalação militar e mais um cadáver congelado.

Ninguém falou nada.

Porque havia algo errado.

Muito errado.

Lucas foi o primeiro a perceber.

— Maya.

— Sim?

— Amplie a imagem da torre principal.

O zoom aumentou.

Silêncio.

A respiração de todos pareceu parar ao mesmo tempo.

Luzes.

Havia luzes.

Pequenas luzes vermelhas piscando no topo da estrutura.

Lentamente.

Regularmente.

Como batimentos cardíacos.

— Isso não é possível.

Murmurou Teo.

— Aquilo deveria estar sem energia há décadas.

Maya não respondeu imediatamente.

Quando falou, sua voz parecia mais tensa.

— Concordo.

Mas está ligado.

Mako aproximou-se do monitor.

— Não.

Está pior que isso.

— Como assim?

— Está transmitindo.

Todos olharam para ele.

— O quê?

Mako apontou para os equipamentos eletrônicos do veículo.

Pequenos ruídos começaram a surgir nos alto-falantes.

Chiados.

Interferências.

Estática.

Como se algo estivesse tentando atravessar os sistemas.

Então veio a voz.
Fraca.
Distorcida.
Em russo.
"...не открывайте..."
Chiado.
"...не открывайте..."
Mais chiado.
"...не открывайте..."
Dmitri empalideceu.
— O que significa?
Perguntou Lucas.
Dmitri continuou olhando para o painel.
Sem piscar.
Sem respirar.
Como se tivesse visto um fantasma.
— Significa...
Ele engoliu em seco.
— "Não abram."
O veículo inteiro ficou em silêncio.
A transmissão continuou.
Repetindo a mesma frase.
Incontáveis vezes.
Sem emoção.
Sem pausa.
Sem fim.
Então os monitores falharam.
Por apenas um segundo.
Mas foi suficiente.
Porque durante aquele único segundo...
todos viram a mesma coisa.
Uma figura.
Parada no topo da torre principal.
Observando os veículos.

Imóvel.

Alta.

Humanoide.

Mas errada.

Terrivelmente errada.

Então a imagem desapareceu.

As câmeras voltaram ao normal.

A torre estava vazia.

— Maya...

Disse Lucas.

— Os satélites pegaram uma imagem daquilo?

A operadora demorou alguns segundos para responder.

Quando respondeu... sua voz havia perdido completamente a tranquilidade.

— Sim.

Ninguém precisou perguntar mais nada.

Porque todos haviam sentido.

A mesma sensação.

A mesma certeza.

Eles ainda estavam a quilômetros de distância da estação.

Mas alguma coisa... já sabia que eles estavam chegando.

A entrada da estação estava morta.

Ou pelo menos era o que parecia.

O prédio principal era pouco mais que uma carcaça de concreto corroída pelo tempo.

Neve acumulada nas janelas.

Ferrugem consumindo as estruturas metálicas.

Cabos pendurados como veias secas.

O lugar parecia abandonado há cinquenta anos.

E era exatamente isso que deixava tudo mais perturbador.

Porque as luzes continuavam acesas.

Fracas.

Vermelhas.

Piscando lentamente no interior da construção.

Como se algo ainda respirasse ali dentro.

Lucas foi o primeiro a atravessar a porta principal.

O fuzil levantado.

Teo logo atrás.

Dmitri mais ao centro da formação.

Sophia caminhava silenciosamente.

Observando.

Escutando.

Sentindo.

Mako permanecia próximo aos equipamentos eletrônicos portáteis.

Monitorando qualquer transmissão.

Qualquer anomalia.

Qualquer coisa.

O interior da estação parecia ainda mais antigo que o exterior.

Painéis soviéticos.

Monitores analógicos.

Relógios parados.

Mapas militares.

Tudo coberto por décadas de poeira.

Mas havia um detalhe impossível.

Nenhuma teia de aranha.

Nenhum sinal de decomposição.

Nenhum cheiro de abandono.

Era como se alguém tivesse limpado o local recentemente.

Ou como se o tempo simplesmente não funcionasse direito ali.

— Eu odeio isso.

Murmurou Mako.

— O quê exatamente?

Perguntou Teo.

— O fato de tudo parecer limpo. Lugar abandonado deveria parecer abandonado. Não...

Ele procurou uma palavra.

— Conservado.

Dmitri assentiu.

— Concordo.

Lucas observava os corredores.

— Fiquem atentos. Algo não está certo.

Sophia soltou uma pequena risada.

— Você vai precisar ser mais específico.

Lucas não respondeu.

Porque ela tinha razão.

Tudo ali estava errado.

A voz de Maya surgiu nos comunicadores.

— Encontrei algo estranho.

— Só um?

Perguntou Mako.

— Obrigada pela colaboração.

Maya respondeu seca.

— Os mapas da instalação não batem com as dimensões externas.

Lucas parou.

— Quanto não batem?

— Muito.

A construção que vocês estão vendo não deveria comportar nem vinte por cento das estruturas registradas.

O silêncio tomou conta da equipe.

Então Dmitri olhou para o chão.

— Elevador.

Todos seguiram seu olhar.

Atrás de uma parede parcialmente destruída existia uma enorme porta metálica.

Quase invisível sob décadas de tinta descascada.

Sobre ela existia uma inscrição em russo.

ACESSO RESTRITO

NÍVEL OMEGA

— Ah.

Disse Mako.

— Sempre existe um elevador secreto.

A porta abriu com um gemido metálico.

Como se algo estivesse acordando.

O elevador era gigantesco.

Industrial.

Capaz de transportar veículos inteiros.

As portas fecharam atrás deles.

E então começaram a descer.

Um minuto.

Dois.

Três.

Quatro.

Ninguém falou nada.

Porque continuavam descendo.

Cada vez mais fundo.

Até mesmo Maya parecia desconfortável.

— Isso não faz sentido.

— O quê?

Perguntou Lucas.

— Pela profundidade... vocês já deveriam estar muito abaixo do lençol freático.

— Talvez estejamos.

Respondeu Sophia.

A forma como ela disse aquilo fez todos se arrepiarem.

Quando as portas finalmente se abriram...

o silêncio desapareceu.

Foi substituído por algo pior.

Um zumbido.

Constante.

Profundo.

Distante.

Como milhares de rádios transmitindo simultaneamente.

A instalação subterrânea surgiu diante deles.

E era colossal.

Corredores intermináveis.

Laboratórios.

Centros de pesquisa.

Dormitórios.

Salas de contenção.

Tudo preservado.

Tudo intacto.

Tudo congelado no tempo.

Mako olhou para cima.

— Isso é impossível.

— Os soviéticos eram bons construindo coisas.

Disse Dmitri.

— Não tanto.

Respondeu Maya.

— Essa instalação é maior do que algumas cidades.

Os Marcados avançaram.

Cada nova sala parecia mais perturbadora que a anterior.

Tanques de contenção.

Equipamentos médicos.

Máquinas experimentais.

Cadeiras de contenção com correias de aço.

Instrumentos cirúrgicos.

Fotografias.

Relatórios.

Diagramas.

E símbolos.

Os mesmos símbolos que haviam encontrado em outros Fragmentos.

Os mesmos.

Exatamente os mesmos.

Mesmo estando do outro lado do mundo.

Décadas antes.

— Eles conheciam os Fragmentos.

Murmurou Sophia.

— Sim.

Respondeu Lucas.

— E estavam estudando alguma coisa ligada a eles.

Foi Mako quem encontrou os primeiros arquivos.

Ou melhor.

O que restava deles.

Um terminal soviético ainda funcional.

Coberto por camadas de poeira.

Mako conectou seus equipamentos.

A tela piscou.

Chiou.

E então ganhou vida.

Linhas de texto apareceram.

Em russo.

Dmitri começou a traduzir.

Inicialmente pareciam apenas relatórios científicos.

Mas então surgiram palavras repetidas.

Sempre as mesmas.

Fragmento.

Portal.

Anomalia.

E outra palavra.

Uma palavra que apareceu dezenas de vezes.

Centenas.

Talvez milhares.

Dmitri ficou imóvel.

— O que foi?

Perguntou Lucas.

O russo encarava a tela.

Como se não acreditasse no que estava lendo.

— Eles falam sobre algo ou... alguém.

— Quem?

Dmitri engoliu em seco.

— Os Arquitetos.

O nome pairou no ar.

Estranho.

Errado.

Antigo.

Mako continuou navegando pelos arquivos.

Novos documentos surgiram.

Relatórios.

Transcrições.

Análises.

Teorias.

Hipóteses.

Então encontraram algo ainda pior.

Uma conclusão.

Destacada em vermelho.

Classificação máxima.

A HUMANIDADE NÃO FOI A PRIMEIRA CIVILIZAÇÃO INTELIGENTE DA TERRA.

Ninguém falou.

Mako releu a frase.

Duas vezes.

Três.

Quatro.

— Isso é uma piada.

— Não parece.

Disse Teo.

Outro documento surgiu.

OS ARQUITETOS EXISTIAM ANTES DA HISTÓRIA.

ANTES DA HUMANIDADE.

ANTES DAS PRIMEIRAS CIVILIZAÇÕES.

Lucas sentiu um frio percorrer a espinha.

Não era medo.

Ainda não.

Era algo pior.

A sensação de estar enxergando apenas uma pequena parte de algo gigantesco.

Então Sophia congelou.

— Esperem.

Todos olharam para ela.

A freira encarava o corredor atrás deles.

— Sophia?

Ela não respondeu.

Continuou olhando para a escuridão.

— Sophia.

Desta vez ela falou.

Muito baixo.

— Não estamos sozinhos.

O zumbido das transmissões aumentou.

Os corredores ficaram silenciosos.
Silenciosos demais.
Então veio um som.
Metálico.
Distante.
Lento.
CLANG.
Como uma bota batendo no chão.
CLANG.
Outra.
CLANG.
Mais próxima.
Lucas levantou o fuzil.
Teo fez o mesmo.
Dmitri puxou a pistola com a mão agora trêmula.
Algo surgiu no fim do corredor.
Uma silhueta.
Depois outra.
E outra.
E outra.
Uniformes soviéticos.
Capacetes enferrujados.
Equipamentos militares antigos.
Pele cinzenta.
Olhos vazios.
Cadáveres.
Centenas deles.
Parados.
Imóveis.
Então um deles moveu a cabeça.
Devagar.
Muito devagar.
Outro levantou um braço.
Outro deu um passo.

CLANG.

CLANG.

CLANG.

O som começou a ecoar por toda a instalação.

Como um exército despertando após décadas de sono.

Mako olhou para os mortos.

Depois para Lucas.

Depois novamente para os mortos.

— Eu tenho uma notícia boa e uma ruim.

— Qual é a boa?

Perguntou Teo.

— Eu descobri o que aconteceu com a equipe anterior.

Silêncio.

— E a ruim?

Mako apontou para a escuridão.

Onde dezenas.

Centenas.

Talvez milhares de soldados mortos começavam a se mover.

Alguns se diferenciavam dos soldados com uniformes soviéticos.

— Eles ainda estão aqui.

E estavam vindo em direção aos Marcados.

CAPÍTULO 6
NOITE DOS MORTOS VIVOS

O primeiro disparo ecoou pelo corredor.
Lucas atirou.
A bala atravessou o crânio do soldado soviético.
A cabeça explodiu contra a parede.
O corpo tombou.
E continuou se movendo.
Mais devagar.
Mais torto.
Mas continuou.
— Isso não deveria acontecer.
Murmurou Mako.
Dmitri descarregou uma rajada inteira.
Três soldados caíram.
Outros cinco ocuparam seus lugares.
O corredor parecia vomitar cadáveres.
Uniformes soviéticos.
Capacetes enferrujados.
Máscaras antigas.
Pele cinzenta.

Olhos vazios.

Centenas deles.

Talvez milhares.

Marchando lentamente para fora das sombras.

— Recuando!

Gritou Lucas.

Os Marcados começaram a correr pelos corredores do bunker.

As luzes vermelhas piscavam acima de suas cabeças.

Alarmes antigos começaram a despertar.

Sirenes soviéticas ecoaram pelas galerias subterrâneas.

Como se a instalação inteira estivesse acordando.

Como se tivesse esperado décadas por aquele momento.

CLANG.

CLANG.

CLANG.

O som das botas dos soldados mortos ecoava por toda parte.

Cada vez mais próximo.

Cada vez mais numeroso.

Mako corria ao lado de Teo.

O notebook preso ao peito.

Os sensores enlouquecidos.

— Eu só queria registrar oficialmente que passamos os últimos meses fugindo de monstros.

— Continue correndo.

Respondeu Lucas.

— Não. Sério.

Mako apontou para trás.

— Argentina. Monstros.

— Mako...

— Londres. Monstros.

— Mako.

— Rússia. Mais monstros.

— MAKO!

— Estou apenas dizendo que nosso plano estratégico parece consistir em fugir de coisas que querem nos matar ou nos comer.

Então os comunicadores estalaram.

Chiado.

Interferência.

Estática.

Todos diminuíram o passo.

Porque reconheceram a voz imediatamente.

Ivan Morozov.

— Bom.

Disse ele.

Calmo.

Quase divertido.

— Vejo que encontraram os moradores locais.

Lucas fechou a expressão.

— Ivan.

— Lucas. Como está a viagem?

— Vou matar você.

— Sim. Muitas pessoas prometem isso. Até hoje nenhuma conseguiu.

— Você mentiu.

Disse Sophia.

— Tecnicamente?

Ivan respondeu.

— Não.

Eu apenas omiti informações.

— Que informações?

Perguntou Teo.

Silêncio.

Então Ivan respondeu.

Completamente tranquilo.

— O Artefato não está mais aí.

O corredor pareceu congelar.

Por um instante.

— O quê?

Perguntou Lucas.

Ninguém respondeu.

Porque a resposta era pior do que qualquer coisa que imaginavam.

— Os sobreviventes da última expedição encontraram o Fragmento dias atrás.

Ivan continuou.

— Alguns deles conseguiram sair. Poucos. Mas conseguiram.

— E então?

Perguntou Sophia.

— E então vendemos a descoberta.

Silêncio.

— Para quem?

— Black Sun.

A resposta veio rápida demais.

Natural demais.

Como se estivesse falando do clima.

Lucas sentiu o estômago afundar.

Os comunicadores permaneceram em silêncio.

Apenas o som das botas ecoando atrás deles.

Cada vez mais próximo.

CLANG.

CLANG.

CLANG.

— Então por que nos mandar aqui?

Perguntou Teo.

Ivan ficou alguns segundos em silêncio.

Como alguém considerando a melhor forma de dizer algo terrível.

Então respondeu.

— Porque eu quero este lugar.

Os Marcados se entreolharam.

— O quê?

Perguntou Mako.

— Este bunker.

Ivan respondeu.

— Os laboratórios. Os equipamentos. Os arquivos.

A voz continuava calma.

Controlada.

— Vocês fazem ideia do valor que existe aí embaixo?

Ninguém respondeu.

— Eu faço.

Silêncio.

— Mas havia um problema.

Ivan continuou.

— Os mortos.

Outro silêncio.

— E eu precisava de alguém para resolver esse problema. Eu achei que soldados paranormais como vocês conseguiriam...

Ivan riu maldosamente.

— Mas pelo jeito que vocês estão correndo eu acho que essa parte do meu plano não vai dar certo.

Lucas apertou os punhos.

— Você nos usou.

Ivan soltou uma risada.

— Claro que usei.

A resposta foi tão simples.

Tão honesta.

Que chegou a ser pior.

— Negócios não são pessoais.

A voz ecoou pelos comunicadores.

Fria.

Pragmática.

— Principalmente quando o mundo está acabando.

O silêncio tomou conta dos corredores.

Mesmo os soldados pareciam mais próximos agora.

Mais numerosos.

Mais famintos.

Então Maya apareceu na frequência.

A voz carregada de choque.

— Ivan...

Pela primeira vez ela parecia genuinamente furiosa.

— Você sabia que isso aconteceria.

— Sim.

— Você sabia que eles poderiam morrer.

— Sim.

— E mesmo assim enviou eles.

— Sim.

Outro silêncio.

— Você é um filho da puta.

Disse Mako.

Ivan pareceu genuinamente satisfeito.

— Essa é provavelmente a descrição mais precisa que já ouvi.

A transmissão morreu.

Chiado.

Estática.

Silêncio.

Então as luzes do bunker mudaram.

Vermelho.

Mais intenso.

Mais brilhante.

Uma voz soviética ecoou pelos alto-falantes.

Distorcida.

Antiga.

Morta.

"PROTOCOLO DE CONTENÇÃO FALHOU."

A mensagem repetiu.

Outra vez.

E outra.

E outra.

"PROTOCOLO DE CONTENÇÃO FALHOU."

Dmitri parou abruptamente.

Os olhos arregalados.

— Corram.

Lucas olhou para ele.

— O quê?

— CORRAM!

O russo apontou para o corredor lateral.

E todos entenderam.

Porque os soldados já não estavam vindo apenas de trás.

Portas começaram a abrir.

Elevadores começaram a subir.

Corredores laterais começaram a se encher.

Centenas.

Depois milhares.

Um exército inteiro.

Os soviéticos não haviam construído um bunker.

Tinham construído uma tumba.

E agora... a tumba inteira estava acordando.

A tumba havia despertado.

E estava faminta.

Os corredores do bunker vibravam sob o peso de milhares de passos.

CLANG.

CLANG.

CLANG.

O som vinha de todas as direções agora.

Frente.

Costas.

Laterais.

Acima.

Abaixo.

Como se o complexo inteiro estivesse vomitando seus mortos.

Lucas correu na frente.

Fuzil em mãos.

Sophia logo atrás.

Teo cobria a retaguarda.

Dmitri permanecia no centro da formação.

Mako enquanto carregava o notebook junto ao peito.

O suor escorria apesar do frio.

Apesar do medo.

Apesar da dor.

— Maya!

Gritou Lucas.

— Me diga que existe uma saída!

A voz dela surgiu entre chiados.

— Estou tentando encontrar uma!

— Tente mais rápido!

— Ótima ideia, Lucas. Não sei porque não pensei nisso antes.

Uma rajada de disparos iluminou o corredor.

Dmitri abriu fogo.

Soldados soviéticos foram lançados para trás.

Corpos despencaram.

Mas outros continuavam vindo.

Sem medo.

Sem dor.

Sem hesitação.

Como máquinas.

Ou pior.

Como homens que já haviam esquecido o que significava morrer.

— Eles não param!

Gritou Teo.

— Mortos vivos normalmente não param.

Respondeu Mako.

— Isso meio que faz parte do conceito.

Uma porta blindada surgiu à frente.

Fechada.

Selada.

Coberta por décadas de ferrugem.

Lucas tentou abrir.

Nada.

Nem se moveu.

— Mako!

— Já sei!

O hacker caiu de joelhos diante do terminal soviético.

Os dedos começaram a correr sobre o teclado.

Linhas de código.

Comandos.

Protocolos antigos.

Tudo misturado.

Tudo improvisado.

Atrás deles... os mortos continuavam avançando.

CLANG.

CLANG.

CLANG.

— MAKO!

Gritou Lucas novamente.

— ESTOU TRABALHANDO!

A tela piscou.

Uma.

Duas.

Três vezes.

Então ficou verde.

A porta blindada começou a se abrir.

Lentamente.

Muito lentamente.

— CONSEGUI!

Gritou Mako.

— Eu sou um gênio! Ainda deixei um presentinho pro fudido do Iv—

Então um morto vivo surgiu do corredor lateral.

Segurando um fuzil completamente enferrujado.

Rápido demais.

Muito mais rápido do que os outros.

A baioneta enferrujada não só atravessou a perna de Mako.

Ela a cortou de uma ponta a outra.

Sophia olhou para baixo.

E viu.

A perna esquerda de Mako terminava logo abaixo do joelho.

O resto... não estava mais lá.

Um grito ecoou pelo bunker.

Lucas despertou do choque e reagiu instantaneamente.

Uma rajada arrancou metade do rosto do cadáver.

Mas já era tarde.

Mako caiu.

O sangue começou a se espalhar pelo chão.

— NÃO!

Teo correu até ele.

Sophia também.

Mako encarava o vazio onde sua perna deveria estar.

Os olhos arregalados.

Sem acreditar.

Então começou a rir.

Todos olharam para ele.

— Eu...

Ele respirou fundo.

— Eu acho que isso vai complicar minha corrida matinal.

Lucas se virou apontando seu fuzil para os mortos vivos que não paravam de vir.

— Sophia rápido! Eu e Dmitri vamos atrasá-los.

Ela já estava ajoelhada.

As mãos pressionadas sobre o ferimento.

Os símbolos em seus crucifixos começaram a brilhar.

O ar vibrou.

As luzes oscilaram.

O sangramento desacelerou.

Depois parou.

A dor continuava.

Mas a vida permanecia.

Sophia abriu os olhos.

Exausta.

Pálida.

Mas havia conseguido.

— Você vai viver.

Disse ela.

Mako respirou aliviado.

— Ótimo.

Porque eu tinha planos para o fim de semana.

Teo balançou a cabeça.

— Você é inacreditável.

— Obrigado.

A porta blindada finalmente abriu por completo.

Além dela... o elevador principal.

A rota de fuga.

Teo ajudou Mako a se levantar.

Passando um dos braços dele sobre seus ombros.

— Vamos.

Os Marcados entraram no elevador.

Dmitri foi o último.

Cobriu a entrada sozinho.

Disparando até o último segundo.

Os mortos continuavam vindo.

Centenas deles.

Talvez milhares.

Mas Mako não havia apenas aberto a porta.

Enquanto trabalhava nos sistemas soviéticos... havia deixado algo para trás.

Um pequeno chamado.

Escondido.

Silencioso.

Invisível.

Um presente.

Nem Lucas.

Nem Sophia.

Nem Teo.

Nem mesmo Maya sabiam exatamente o que ele havia feito.

Apenas Mako sorriu enquanto as portas do elevador se fechavam.

— Espero que Ivan goste da surpresa.

— Que surpresa?

Perguntou Teo.

Mako apenas fechou os olhos.

— Você vai ver.

O elevador começou a subir.

Muito abaixo deles... nas profundezas da instalação... milhares de soldados mortos continuavam despertando.

A transmissão ainda ecoava pelos corredores abandonados.

"Ворота под льдом не должны открываться."

As portas sob o gelo não devem ser abertas.

Mas alguém... em algum lugar... já estava a caminho para abri-las.

CAPÍTULO 7
RETRIBUIÇÃO FINAL

O hangar estava silencioso.

Sem rádio.

Sem transmissões.

Sem visitantes inesperados.

Sem Marcados.

Ivan Morozov observava uma das telas instaladas em seu escritório enquanto terminava um copo grande de vodka.

Os dois guarda-costas permaneciam imóveis próximos à porta.

Como estátuas.

Como sempre.

Uma transmissão de emergência havia chegado do bunker quarenta minutos antes.

Depois... silêncio.

Completo.

Absoluto.

Nenhuma comunicação.

Nenhum sinal de vida.

Nenhuma tentativa de contato.
Nada.
Ivan sorriu.
Pequeno.
Satisfeito.
— Pena.
Murmurou.
— Eles eram divertidos.
Então a tela piscou.
Uma vez.
Duas.
Três.
Ivan franziu a testa.
A imagem desapareceu.
Substituída por linhas de código.
Depois símbolos.
Depois mensagens de erro.
— O que...
Os sistemas do hangar começaram a falhar.
Portas abriram.
Luzes apagaram.
Alarmes dispararam.
Computadores reiniciaram simultaneamente.
Ivan levantou-se.
A expressão finalmente mudando.
— O que está acontecendo?
Então uma mensagem apareceu em todas as telas.
Gigante.
Brilhando em vermelho.
"ASSINADO: MAKO."
Silêncio.
Outra linha surgiu.
"VOCÊ REALMENTE ACHOU QUE A GENTE TINHA MORRIDO?”

Ivan ficou imóvel.
Então ouviu passos.
Vindos do hangar.
Muitos passos.
Lentos.
Pesados.
Determinados.
Ele caminhou até a janela.
E pela primeira vez naquela noite...
pareceu assustado.
Porque os Marcados estavam vivos.
Lucas na frente.
Fuzil pendurado.
Coberto de sangue.
Sophia caminhando ao lado dele.
Dmitri avançando lentamente.
Ainda queimado.
Ainda ferido.
Mas de pé.
Teo logo atrás.
Mako apoiado em seu ombro.
Erguendo uma das mãos.
— SURPRESA!
O sorriso desapareceu do rosto de Ivan.
— Isso não é possível.
— Concordo.
Respondeu Mako.
— Mas aparentemente somos muito difíceis de matar.
Lucas atravessou o hangar sem desacelerar.
— A conversa acabou.
Ivan tomou sua decisão imediatamente.
Correu.
Sem discurso.

Sem ameaça.
Sem dignidade.
Apenas correu.
— ELE ESTÁ FUGINDO!
Gritou Teo.
— CLARO QUE ESTÁ!
Respondeu Mako.
— ELE É UM CONTRABANDISTA!
Os dois guarda-costas moveram-se pela primeira vez.
E o movimento era errado.
Muito errado.
Os corpos começaram a se deformar.
Os sobretudos rasgaram.
As formas humanas desapareceram.
Carne virou sombra.
Ossos viraram fumaça.
Olhos transformaram-se em buracos escuros.
Os dois homens simplesmente deixaram de existir.
E algo tomou seus lugares.
Poltergeists.
Entidades quase sem forma.
Feitas de escuridão e fragmentos de realidade.
Teo abriu fogo.
As balas atravessaram ambos.
Sem efeito.
— ÓTIMO!
Gritou ele.
— MAIS FANTASMAS!
Uma das criaturas atravessou uma parede.
A outra desapareceu dentro do chão.
Sophia fechou os olhos.
Sentindo as distorções.
Tentando prever onde surgiriam.

Tarde demais.

Uma delas reapareceu atrás de Lucas.

As garras feitas de sombra avançaram.

Lucas virou.

E fez algo que jamais havia feito antes.

Nem mesmo ele sabia que podia.

Sua mão fechou-se ao redor do pescoço da entidade.

E funcionou.

O Poltergeist congelou.

Como se tivesse sido agarrado por algo impossível.

A criatura debateu-se.

Tentou atravessar sua mão.

Não conseguiu.

Lucas arregalou os olhos.

— O quê?

Foi tudo que conseguiu dizer.

Então a outra mão atravessou o abdômen da criatura.

Rasgando carne que parecia não existir.

Lucas puxou sua mão de dentro do Poltergeist e as entranhas impossíveis da entidade saltaram para fora.

A entidade emitiu um som horrível.

Um grito.

Um chiado.

Uma transmissão quebrada.

E explodiu.

Desaparecendo quase completamente.

Deixando para trás apenas suas entranhas fétidas.

Silêncio.

Todos olharam para Lucas.

Inclusive Lucas.

Mako foi o primeiro a falar.

— Certo.

Silêncio.

— Eu não sabia que você podia fazer isso.

Lucas ainda encarava a própria mão.

— Eu também não.

— Excelente.

Isso é extremamente tranquilizador.

A segunda criatura avançou contra Sophia.

Mas ela não recuou.

Não dessa vez.

Não como antes.

Os olhos da freira brilharam.

Uma luz dourada surgiu ao redor da criatura.

O Poltergeist congelou no ar.

Preso.

Debatendo-se.

Tentando escapar.

Sem sucesso.

O campo psíquico começou a se fechar lentamente.

Como uma prensa invisível.

A criatura gritou.

Mais alto.

Mais desesperadamente.

Até que...

CRACK.

A própria forma espiritual colapsou.

E desapareceu.

Sophia respirou fundo.

Exausta.

Mas firme.

Muito diferente da mulher que havia sido encontrada na caverna.

Muito diferente da mulher que ouvira vozes o tempo inteiro.

Muito mais forte.

Enquanto isso... Dmitri corria.

Ignorando a dor.

Ignorando os ferimentos.

Ignorando tudo.

Ivan já alcançava a saída dos hangares quando uma mão enorme agarrou seu colarinho.

E o ergueu do chão.

O contrabandista perdeu completamente a compostura.

— ESPERE!

Dmitri o arremessou contra um contêiner metálico.

O impacto fez o aço amassar.

Ivan caiu de joelhos.

Sem sorriso.

Sem charme.

Sem controle.

— Dmitri...

A voz saiu baixa.

— Eu fiz o que precisava fazer.

O russo avançou.

A expressão era puro ódio.

— Eu confiava em você.

Silêncio.

— Confiava.

Ivan respirou fundo.

Então respondeu.

Quase com tristeza.

— Tudo são negócios.

O soco veio tão rápido que ele nem viu.

Ivan caiu novamente.

Sangue escorrendo pelo nariz.

Dmitri segurou sua gola.
— Não.
A voz saiu baixa.
Perigosa.
— Nem tudo.
Dmitri sacou sua pistola.
O som do trovejar da arma rasgou o ambiente.
Então o silêncio tomou conta do hangar.
Lá fora... a neve continuava caindo.
A Black Sun possuía três Fragmentos.
A Orpheus possuía dois.

CAPÍTULO 8
SONHOS DE UM MUNDO DOENTE

O mundo começou a mudar.

No início foram apenas coincidências.

Pequenas demais para chamar atenção.

Estranhas demais para serem ignoradas.

Na Amazônia brasileira... dois barcos de pesca desapareceram durante uma tempestade.

As buscas encontraram os motores.

As redes.

Os equipamentos.

Mas nenhum corpo.

Nenhum sobrevivente.

Nenhum sinal de luta.

Apenas uma fotografia recuperada de uma câmera danificada.

Uma imagem borrada.

Escura.

Mostrando algo gigantesco emergindo da água.

Algo que não deveria existir.

No interior dos Estados Unidos... centenas de pessoas começaram a relatar o mesmo sonho.

Uma cidade.

Imensa.

Subterrânea.

Construída por estruturas impossíveis.

Corredores maiores que arranha-céus.

Escadarias desaparecendo na escuridão.

Portões colossais enterrados sob gelo eterno.

Os sonhadores nunca haviam se encontrado.

Mesmo assim descreviam exatamente o mesmo lugar.

Na Inglaterra... uma rádio local começou a transmitir durante a madrugada.

Mesmo desligada.

Mesmo sem energia.

Mesmo desconectada de qualquer antena.

Os técnicos encontraram os equipamentos completamente inativos.

Mas a transmissão continuava.

Uma voz repetia a mesma frase durante horas.

Sempre na mesma frequência.

Sempre à mesma hora.

Sempre em uma língua que ninguém conseguia identificar.

Na Rússia... uma equipe de manutenção foi enviada para investigar um apagão próximo a uma vila isolada.

As casas continuavam abertas.

Os carros permaneciam estacionados.

As refeições ainda estavam sobre as mesas.
Mas não havia ninguém.
Nenhuma pessoa.
Nenhum animal.
Nenhum vestígio.
Como se toda a população tivesse simplesmente desaparecido durante a noite.

Na Argentina... um grupo de caminhoneiros jurou ter visto luzes caminhando pelas montanhas.
Não luzes no céu.
Não lanternas.
Não veículos.
As próprias luzes caminhavam.
Movendo-se sobre pernas longas e impossíveis.
Sobre estradas.
Sobre cidades.
Sobre pessoas.
Quando as autoridades chegaram ao local... não encontraram nada.
Exceto centenas de pegadas na neve.
Todas apontando para o sul.

No Japão... crianças começaram a desenhar.
Primeiro em escolas.
Depois em hospitais.
Depois em casas.
As imagens eram sempre parecidas.
Estruturas ciclópicas.
Torres impossíveis.
Símbolos desconhecidos.
E uma enorme porta negra.

Sempre a mesma porta.
Sempre o mesmo desenho.
Independentemente da idade.
Independentemente da cidade.
Independentemente da família.

Na internet... novos cultos começaram a surgir.
Milhares deles.
Pequenos grupos.
Fóruns privados.
Comunidades fechadas.
Pessoas que afirmavam receber mensagens durante os sonhos.
Mensagens sobre uma chegada.
Uma abertura.
Uma transformação.
Muitos sequer sabiam da existência dos Fragmentos.
Mesmo assim repetiam as mesmas palavras.
Como se alguém estivesse ensinando todos ao mesmo tempo.

As redes elétricas começaram a falhar.
Satélites perderam contato.
Linhas telefônicas apresentavam interferências impossíveis.
Aviões recebiam sinais de frequências inexistentes.
Navios registravam transmissões vindas das profundezas do oceano.
Operadores de rádio amador ouviam vozes falando idiomas que não pertenciam a nenhuma cultura conhecida.

E quanto mais os relatos aumentavam... mais pareciam conectados.

The Vault nunca esteve tão movimentado.

Corredores iluminados por luzes frias.

Operadores correndo entre salas de análise.

Pesquisadores carregando relatórios.

Monitores exibindo mapas do mundo inteiro.

Alarmes discretos.

Chamadas constantes.

Lucas observava tudo enquanto caminhava pelos corredores principais.

Teo vinha logo atrás.

Sophia permanecia em silêncio.

Mako era empurrado por um técnico em uma cadeira de rodas.

Algo que ele absolutamente odiava.

— Eu consigo andar.

— Não consegue.

Respondeu o técnico.

— Por enquanto.

A porta da sala de operações se abriu.

E vários rostos familiares estavam esperando.

Ethan Walker.

Nora Hayes.

Diretor Adrian Reyes.

Dra. Eleanor Vale.

Maya Kessler.

Agora todos estavam reunidos.

— Vocês estão com uma aparência horrível.

Disse Ethan.

— Obrigado.

Respondeu Lucas.

— Você também.

— Eu não fui perseguido por um exército soviético morto.

— Ainda.

Completou Nora.

Mako apontou para os dois.

— Certo. Não me diga que esses dois vão fazer parte do grupo agora...

Nora sorriu.

— Más notícias.

— Não.

— Boas notícias para nós.

Mako fechou os olhos.

— Não.

Adrian levantou-se.

— Ethan e Nora foram oficialmente designados como suporte operacional da missão da Antártica.

Silêncio.

— Não.

Repetiu Mako.

— Sim.

Disse Ethan.

— Vocês não têm escolha.

— Isso está ficando cada vez pior. A vaga de cara engraçado já foi preenchida.

Pela primeira vez em dias... algumas risadas surgiram na sala.

Pequenas.

Mas reais.

Então Adrian ficou sério novamente.

— Sentem-se.

Temos muito para discutir.

Maya Kessler observava dezenas de telas simultaneamente.

Mapas.

Relatórios.

Vídeos.

Incidentes.

Chamadas de emergência.
Tudo chegando ao mesmo tempo.
Tudo crescendo.
Tudo piorando.
Ela não dormia havia mais de trinta horas.
Talvez mais.
Nem lembrava.
A tela principal exibia um gráfico.
E o gráfico parecia uma parede.
Uma linha quase vertical.
Lucas observou os números.
— Isso não pode estar certo.
— Está.
Respondeu Maya.
A voz cansada.
Mas firme.
— Quantos casos?
Perguntou Teo.
— Incontáveis.
Respondeu Maya.
Ela ampliou os relatórios.
— Desaparecimentos. Apagões. Cultos. Aparições. Anomalias psíquicas. Transmissões. Tudo.
Ela respirou fundo.
— Os eventos paranormais aumentaram mais nos últimos três meses do que nos dez anos anteriores.
O silêncio tomou conta da sala.
Ninguém precisava perguntar o motivo.
Todos sabiam.
Os Fragmentos.
A corrida.
A aproximação da Caixa.
Algo estava mudando.
Algo estava acordando.

E quanto mais perto chegavam do fim... mais a realidade parecia se tornar fina.

Como um vidro prestes a quebrar.

Maya trocou as informações presente na tela.

Mapas apareceram.

Relatórios surgiram.

E no centro de tudo... uma fotografia de Aruem Lee.

O silêncio tomou conta da sala.

— Confirmamos o que já suspeitávamos.

Disse Adrian.

— Aruem trabalhava para a Black Sun há anos.

Teo apertou os punhos.

— Então tudo era mentira.

— Não.

Respondeu Eleanor.

Todos olharam para ela.

— Isso é o mais preocupante.

A cientista aproximou algumas imagens.

Fotografias antigas.

Registros médicos.

Avaliações psicológicas.

— Parte era verdadeira.

Silêncio.

— Ela realmente acreditava que estava salvando a humanidade.

Lucas permaneceu imóvel.

— Ela também escondia alguma coisa.

Continuou Eleanor.

Novos documentos apareceram.

Relatórios incompletos.

Resultados inconclusivos.

— Aruem possuía habilidades paranormais classificadas.

— Como Sophia?

Perguntou Nora.

— Diferentes.

Eleanor ampliou uma das páginas.

— Capacidade de interação direta com manifestações do Outro Lado. Capacidade de atravessar determinadas anomalias. Capacidade de utilizar entidades como vetores de deslocamento.

— As sombras.

Murmurou Lucas.

— Exatamente.

O silêncio voltou.

Porque todos perceberam a mesma coisa.

Aruem nunca foi apenas uma espiã.

Ela também era uma arma.

Uma das melhores da Black Sun.

Algumas horas depois...

Mako estava deitado em uma sala médica.

Observando sua nova perna.

— Certo.

Silêncio.

— Isso é ridiculamente legal.

A prótese parecia saída de um projeto militar experimental.

Estrutura metálica.

Fibra sintética.

Componentes analógicos misturados com tecnologia moderna.

Tecnologia desenvolvida especificamente pela Orpheus.

Mako moveu os dedos artificiais.

Depois o tornozelo.

Depois o joelho.

— Eu retiro tudo que disse. Perder a perna foi um ótimo negócio.

— Você disse que queria processar a Rússia.

Lembrou Teo.

— Continuo querendo.

Mas agora consigo fazer isso correndo mais rápido.

Em outro setor do complexo... Eleanor e Sophia analisavam os Fragmentos recuperados.

Os dois artefatos permaneciam dentro de compartimentos especiais.

Selados.

Protegidos.

Monitorados vinte e quatro horas por dia.

Mesmo assim... os equipamentos ao redor continuavam apresentando falhas.

Campos eletromagnéticos instáveis.

Distorções temporárias.

Anomalias gravitacionais.

Eleanor observava os gráficos.

Sem gostar do que via.

— Eles estão reagindo.

Sophia ergueu os olhos.

— Entre si?

— Não.

Silêncio.

— A alguma outra coisa.

Foi então que Sophia parou de ouvir a voz de Eleanor.

O som começou a desaparecer.

As vozes ficaram distantes.

Os rostos perderam definição.

E o mundo mudou.

Neve.

Gelo.

Escuridão.

Ela estava em outro lugar.

Uma cidade impossível surgia diante dela.

Monumental.

Enterrada sob quilômetros de gelo.

Torres maiores que montanhas.

Pontes atravessando abismos sem fundo.

Estruturas construídas para criaturas que certamente não eram humanas.

E no centro da cidade... uma porta.

Gigantesca.

Negra.

Esperando.

Chamando.

Sophia sentiu o coração acelerar.

Não estava vendo apenas fragmentos de uma visão.

Estava vendo um destino.

Então ouviu uma voz.

Profunda.

Antiga.

Impossivelmente distante.

Uma voz que parecia vir de trás da própria realidade.

— Venha.

Sophia abriu os olhos abruptamente.

A sala voltou.

Eleanor a observava.

— O que você viu?

Sophia demorou alguns segundos para responder.

Porque agora ela tinha certeza.

Absoluta certeza.
— A Cidade Sob o Gelo.
O silêncio que se seguiu foi diferente.
Mais pesado.
Mais definitivo.
Porque ela finalmente entendeu.
A próxima missão seria sua última.

O cargueiro atravessava uma tempestade.

Nuvens negras cercavam a aeronave em todas as direções.

Relâmpagos iluminavam o casco por breves instantes.

O som constante das turbinas preenchia o interior do compartimento de carga.

Mas ninguém parecia prestar atenção.

Porque todos os passageiros daquele avião estavam focados em algo muito maior do que uma tempestade.

Aruem Lee observava a neve através de uma pequena vigia.

Silenciosa.

Imóvel.

As sombras pareciam se mover discretamente ao redor de seus pés.

Como animais adormecidos.

Como velhos amigos.

Ela havia passado anos infiltrada na Orpheus.

Anos mentindo.

Anos observando.

Mas agora... não precisava fingir.

Do outro lado do compartimento... Helena Voss analisava dezenas de relatórios em um pequeno notebook.

Dados.

Mapas.

Coordenadas.

Projeções.

Sempre calculando.

Sempre antecipando.

Sempre três passos à frente.

Elias Dreyer permanecia sentado próximo a uma parede.

Os olhos fechados.

Os dedos unidos diante do rosto.

Parecia rezar.

Mas não estava rezando.

Estava ouvindo.

Escutando vozes que mais ninguém podia ouvir.

Mensagens que vinham de lugares onde nenhum ser humano deveria conseguir olhar.

Cain Mercer afiava uma faca.

Lentamente.

Sem pressa.

O metal refletia as luzes vermelhas da cabine.

O rosto permanecia parcialmente escondido atrás da máscara.

Mas os pensamentos estavam longe dali.

Pensando em Lucas.

Pensando na luta.

Pensando na escolha.

— Ele abandonou a vitória.

Disse Cain.

Quebrando o silêncio.

Ninguém respondeu imediatamente.

— O quê?

Perguntou Helena.

— Lucas.

A faca continuou girando entre seus dedos.

— Ele poderia ter me matado.

Silêncio.

— Mas escolheu salvar a freira.

Yelena Sokolov sorriu discretamente.

— Então ainda existe humanidade nele.

— Exatamente.

Respondeu Cain.

— E é isso que o torna fraco.

Uma nova voz surgiu.

Calma.

Controlada.

Profunda.

— Não.

Todos olharam para o homem parado próximo à cabine principal.

John Wright.

O pai de Lucas.

O cientista responsável por décadas de pesquisas proibidas.

O homem que algumas organizações classificavam como gênio.

Outras como criminoso.

E algumas simplesmente como um monstro.

Ele observava a tempestade através da vigia.

As mãos cruzadas atrás das costas.

A expressão tranquila.

Quase melancólica.

— É justamente isso que o torna especial.

Cain permaneceu em silêncio.

John aproximou-se lentamente.

— Lucas ainda acredita que está fazendo escolhas.

A frase pairou no ar.

— E não está?

Perguntou Aruem.

John sorriu.

— Está. Mas essa é a parte interessante.

Ele observou os rostos presentes.

— Todos vocês acreditam que eu criei uma arma. Um supersoldado. Um experimento.

Silêncio.

— Nunca foi esse o objetivo.
Helena ergueu os olhos.
— Então o que você criou?
John demorou alguns segundos para responder.
Como alguém escolhendo palavras muito antigas.
— Uma chave para a sobrevivência.
A tempestade iluminou a cabine.
— A humanidade está morrendo.
Ninguém contestou.
Porque todos ali já tinham visto demais.
Fragmentos.
Entidades.
O Outro Lado.
Os sonhos.
Os sinais.
Sabiam que algo estava chegando.
Sabiam que algo estava mudando.
A questão era apenas como responder.
— Quando a Caixa for aberta...
continuou John.
— Nada permanecerá igual.
Elias abriu os olhos.
— Eu vi isso.
Silêncio.
— Todos os caminhos levam até ela.
John assentiu.
— Exatamente. O ser humano foi feito para um mundo que não existe mais.
A voz permaneceu calma.
Sem fanatismo.
Sem loucura.
O que tornava tudo mais perturbador.
— Doenças. Envelhecimento. Morte.
Ele observou as próprias mãos.

— Tudo isso são falhas de projeto.
Helena sorriu discretamente.
Aruem não respondeu.
Cain continuou afiado a faca.
Mas todos escutavam.
— A humanidade sobreviveu porque evoluiu.
John apontou para os mapas.
— E agora precisa evoluir novamente.
A palavra permaneceu suspensa.
Transcender.
Era isso que nenhum deles dizia em voz alta.
Mas todos pensavam.
— A Caixa não é uma arma.
Disse John.
— Não é um portal.
Não é uma prisão.
Silêncio.
— É uma oportunidade.
A tempestade rugiu ao redor da aeronave.
— Uma oportunidade para que a humanidade deixe de ser aquilo que é.
Ninguém falou.
Porque todos ali acreditavam naquilo.
De formas diferentes.
Por motivos diferentes.
Mas acreditavam.
Então Yelena cruzou os braços.
— E Lucas?
O silêncio voltou.
John observou a neve além da janela.
Pareceu um pai.
Não um cientista.
Não um líder.
Não um visionário.

Apenas um pai.

— Quando a hora chegar...

continuou John.

— Ele vai compreender.

— Compreender o quê?

Perguntou Yelena.

John sorriu.

Pequeno.

Quase triste.

— Que eu estava tentando salvá-lo.

A frase permaneceu ecoando pela cabine.

Ninguém parecia completamente convencido.

Nem mesmo Yelena.

Agora duas expedições avançavam na mesma direção.

Uma acreditando que precisava impedir um futuro terrível.

Outra acreditando que precisava construí-lo.

A neve caía sobre os Alpes austríacos.

Silenciosa.

Constante.

Indiferente.

Como se o mundo ainda fosse normal.

Como se cidades não estivessem desaparecendo.

Como se rádios não estivessem transmitindo vozes impossíveis.

Como se alguma coisa colossal não estivesse despertando sob o gelo da Antártica.

No hangar principal do The Vault...

a última expedição da Orpheus se preparava para partir.

Adrian Reyes observava a movimentação de uma plataforma elevada.

Os braços cruzados.

O olhar cansado.

— Se falharmos...

murmurou.

Ninguém respondeu.

Porque não havia necessidade.

Todos sabiam.

Se falhassem... não existiria uma segunda tentativa.

Lucas terminava de verificar seu equipamento.

Fuzil.

Pistola.

Munição.

Facas.

Tudo em ordem.

Tudo familiar.

Mas ele não se sentia familiar.

Algo havia mudado.

Desde a morte.

Desde a Terra do Fogo.
Desde o Hotel.
Desde Cain.
Ele conseguia sentir.
Como se algo estivesse despertando dentro dele.
Algo que não era humano.
Algo que talvez nunca tivesse sido.
Lucas fechou os olhos.
Tentando afastar o pensamento.
Não funcionou.
Porque a voz de Cain ainda ecoava em sua memória.
"Irmão imperfeito."

Próximo à aeronave... Mako dava seus primeiros passos reais com a nova prótese.
— Isso é incrível.
Mais um passo.
— Absolutamente incrível.
Outro.
— Eu consigo até correr.
— Não.
Disse Sophia.
— Você não consegue.
— Consigo sim.
— Não consegue.
— Consigo.
— Vai cair.
— Não vou.
Mako tropeçou imediatamente.
Teo começou a rir.
Sophia também.
E para surpresa de todos... Mako riu junto.

O grupo finalmente parecia uma equipe.

Uma equipe de verdade.

Ethan e Nora aproximaram-se pouco antes do embarque.

— Última chance de desistirem.

Disse Ethan.

— Tentativa fraca.

Respondeu Lucas.

— Eu sei.

Nora sorriu.

— Só queria poder dizer depois que tentei.

O silêncio se instalou.

Porque todos compreendiam.

A Antártica era diferente.

Não era mais uma missão.

Era o fim da estrada.

Sophia observava o horizonte.

A neve.

As montanhas.

As nuvens.

E algo além delas.

Sempre além delas.

A Cidade Sob o Gelo.

Ela podia senti-la agora.

Como uma presença distante.

Como uma memória que não era dela.

Como uma porta aberta no fundo da mente.

Esperando.

Chamando.

Milhares de quilômetros ao sul... sobre o Oceano Antártico... outro avião avançava através da tempestade.

A Black Sun.

O enorme cargueiro parecia uma sombra atravessando as nuvens.

John Wright observava o gelo pela janela.

Yelena analisava relatórios.

Helena revisava coordenadas.

Cain afiava sua faca mais uma vez.

Elias permanecia imóvel.

Os olhos fechados.

Escutando.

Então ele falou.

— Ela sabe que estamos chegando.

O silêncio tomou conta da cabine.

— Quem?

Perguntou Helena.

Elias abriu os olhos.

Pareceu assustado.

— A cidade.

Ninguém respondeu.

Porque nenhum deles sabia se ele estava falando metaforicamente.

Ou literalmente.

Os dois grupos avançavam.

Duas visões de mundo.

Dois caminhos completamente diferentes.

Mas ambos apontando para o mesmo destino.

A Antártica.

A Cidade Sob o Gelo.

A Caixa.

A corrida pelos Artefatos havia terminado.

Agora... começava a corrida pelo destino da humanidade.

CAPÍTULO 9
NAS MONTANHAS DA LOUCURA

O oceano desapareceu primeiro.

Durante horas, a aeronave da Orpheus havia sobrevoado apenas água.

Um vazio cinzento.

Infinito.

Frio.

Sem navios.

Sem pássaros.

Sem vida.

Então o gelo surgiu.

Primeiro como pequenas manchas brancas perdidas no horizonte.

Depois como muralhas.

Continentes inteiros de gelo flutuando sobre águas negras.

E finalmente... a Antártica.

Ninguém falou nada.

Mesmo Mako.

O silêncio dentro da aeronave parecia errado.

Pesado.

Como se todos estivessem observando algo que não deveria existir.

Através das janelas reforçadas era possível ver montanhas de gelo desaparecendo nas nuvens.

Penhascos brancos.

Campos congelados.

Tempestades distantes.

Tudo gigantesco.

Tudo vazio.

— Parece morto.

Murmurou Ethan.

— Não.

Respondeu Sophia.

Antes mesmo de perceber que havia falado.

Todos olharam para ela.

A freira continuava observando o continente.

Os olhos fixos na paisagem.

— Está adormecido.

Ninguém respondeu.

Porque a diferença era pior.

Lucas voltou a olhar pela janela.

Não gostava daquela sensação.

Aprendera a confiar nos próprios instintos.

E seus instintos estavam gritando.

Algo estava errado.

Não apenas perigoso.

Errado.

Como se aquele lugar não pertencesse ao mesmo planeta.

Como se a Antártica fosse apenas uma máscara cobrindo alguma coisa muito mais antiga.

Milhares de quilômetros ao norte... no The Vault... Maya acompanhava o voo através de dezenas de telas.

Mapas.

Satélites.

Sensores climáticos.

Leituras magnéticas.

Transmissões militares.

Tudo conectado à expedição.

Ou pelo menos deveria estar.

Porque os sistemas começavam a apresentar falhas.

Pequenas no início.

Alguns atrasos.

Interferências.

Perdas momentâneas de sinal.

Nada impossível.

Nada alarmante.

Até que os números começaram a aparecer.

Maya franziu a testa.

— Isso não faz sentido.

Eleanor ergueu os olhos dos relatórios.

— O quê?

Maya ampliou uma das telas.

— Leituras sísmicas.

— E?

— Estão vindo da camada de gelo.

— Isso é normal.

— Não desse jeito.

Ela ampliou novamente os gráficos.

As linhas pareciam pulsar.

Subindo.

Descendo.

Subindo.

Descendo.

Num ritmo quase regular.
Como batimentos cardíacos.
Eleanor permaneceu em silêncio.
Porque também não possuía uma explicação.

Na aeronave... os problemas começaram pouco depois.
Primeiro foi a bússola.
A agulha começou a girar lentamente.
Depois mais rápido.
Depois enlouqueceu completamente.
Um dos pilotos soltou um palavrão.
— Temos interferência magnética.
— De onde?
Perguntou Nora.
— Não faço ideia.
Os sistemas de navegação começaram a falhar logo em seguida.
GPS.
Radar.
Sensores climáticos.
Tudo apresentava leituras contraditórias.
Uma tela indicava temperatura de vinte graus negativos.
Outra mostrava cinquenta.
Outra afirmava que estavam voando sobre o oceano.
Outra dizia que estavam sobre terra firme.
— Isso é impossível.
Murmurou Mako.
Os comunicadores estalaram.
— Lucas?
A voz de Maya surgiu coberta por estática.

— Maya?

Chiado.

— Vocês estão entrando numa região de anomalia.

Chiado.

— Estou perdendo...

A transmissão falhou.

Voltou.

Falhou novamente.

— ...sinal dos satélites...

Chiado.

— ...algo está interferindo...

Silêncio.

A comunicação desapareceu.

Lucas trocou um olhar com Adrian.

Ninguém precisava dizer nada.

Todos sabiam.

A partir dali... estavam sozinhos.

Sophia fechou os olhos.

Tentando ignorar a sensação crescente dentro da própria mente.

Mas não conseguiu.

Algo estava chamando.

Muito distante.

Muito profundo.

Sob o gelo.

Não era uma voz.

Não exatamente.

Era uma presença.

Uma consciência.

Imensa.

Antiga.

Tão antiga que a palavra antigo parecia inadequada.

Sophia abriu os olhos abruptamente.

A respiração acelerada.

Lucas percebeu imediatamente.

— Sophia?

Ela continuou olhando para o continente.

— Estamos cruzando uma fronteira.

O silêncio tomou conta da cabine.

— Que fronteira?

Perguntou Teo.

Sophia demorou alguns segundos para responder.

Porque nem ela tinha certeza.

— Não sei.

Os olhos permaneceram fixos no horizonte branco.

— Mas acho que não estamos entrando apenas na Antártica.

Ethan olhava para Sophia com incredulidade.

— Merda...

Lá fora... as primeiras nuvens escuras começaram a se formar sobre o gelo.

Como uma muralha surgindo no fim do mundo.

E a aeronave continuou avançando.

Diretamente em sua direção.

A mudança foi instantânea.

Um momento antes... o céu era apenas um enorme vazio cinzento.

No seguinte... o mundo inteiro parecia ter decidido expulsá-los.

A aeronave começou a tremer.

Primeiro levemente.

Depois com violência.

As asas rangeram sob o impacto das correntes de ar.

O compartimento de carga vibrou como se fosse se despedaçar.

Luzes vermelhas começaram a piscar no teto.

— Turbulência!

Gritou um dos pilotos.

— Isso não é turbulência.

Respondeu o copiloto.

Os olhos presos aos instrumentos.

— É outra coisa.

O radar apagou.

Voltou.

Apagou novamente.

Então passou a mostrar apenas estática.

Uma massa branca ocupando toda a tela.

Como se o mundo simplesmente terminasse alguns quilômetros à frente.

Alarmes começaram a tocar um após o outro.

ALTITUDE.

BÚSSOLA.

PRESSURIZAÇÃO.

NAVEGAÇÃO.

SISTEMA MAGNÉTICO.

Todos acusando falhas ao mesmo tempo.

Mako olhou para os painéis.

Depois para Lucas.

— Estou começando a sentir saudade dos mortos soviéticos.

— Não diga isso.

Respondeu Teo.

— Eles podem ouvir.

A aeronave sofreu outro solavanco.

Muito mais forte.

Caixas metálicas deslizaram pelo compartimento.

Os cintos de segurança esticaram violentamente.

Lucas segurou Sophia antes que ela fosse lançada contra a parede.

Dmitri apoiou uma das mãos na fuselagem.

Como se tentasse impedir o próprio avião de virar.

Lá fora... a tempestade finalmente apareceu.

Não vinha do horizonte.

Não se aproximava.

Ela simplesmente... estava ali.

Como se tivesse nascido ao redor da aeronave.

Uma muralha de neve girava em espiral.

Relâmpagos negros cortavam as nuvens.

Não iluminavam.

Escureciam.

Por onde passavam... a luz parecia desaparecer por alguns segundos.

Teo observava pela janela.

Sem conseguir acreditar.

— Aqueles relâmpagos...

Lucas também viu.

Não produziam clarões.

Produziam sombras.

Como se roubassem a luz do céu.

Então surgiram as auroras.

Não verdes.

Nem azuis.

Negras.

Faixas escuras atravessando as nuvens.

Ondulando lentamente.

Como tecidos gigantescos feitos da própria ausência de luz.

Sophia levou uma das mãos à cabeça.

A dor veio sem aviso.

Milhares de vozes.

Sussurrando ao mesmo tempo.

Não conseguiam formar palavras.

Apenas ecos.

Milhões deles.

Lucas segurou seu braço.
— Sophia!
Ela respirava com dificuldade.
Os olhos fixos nas auroras.
— Elas...
A voz saiu quase num sussurro.
— Não estão no céu.
Silêncio.
— O quê?
Perguntou Ethan.
Sophia continuou olhando pela janela.
— Estão embaixo.
Ninguém compreendeu.
Mas todos sentiram um arrepio.

No The Vault...
Maya golpeava o teclado.
Tentando recuperar o sinal.
Uma tela apagava.
Outra voltava.
Outra desaparecia completamente.
— Vamos...
Murmurou.
Os satélites deixavam de responder um após o outro.
A comunicação com a aeronave começou a oscilar violentamente.
— Lucas?
Chiado.
— Sophia?
Estática.
— Vocês estão me ouvindo?
Silêncio.

A transmissão voltou por um instante.

"...May..."

Chiado.

"...estrut..."

Outro chiado.

"...embaixo..."

Então desapareceu.

Maya permaneceu imóvel.

Eleanor aproximou-se lentamente.

— Perdemos eles?

Maya respirou fundo.

— Ainda não.

Os dedos continuaram correndo sobre o teclado.

Novos dados começaram a surgir.

Informações vindas dos satélites de sensoriamento profundo.

Leituras de densidade.

Anomalias gravitacionais.

Perfis do gelo.

Então todos os gráficos enlouqueceram.

Uma enorme região sob a camada de gelo apareceu destacada.

Primeiro parecia uma montanha.

Depois um vale.

Depois... algo impossível.

Linhas retas.

Ângulos perfeitos.

Estruturas geométricas.

Organizadas demais para serem naturais.

Grandes demais para terem sido construídas por humanos.

Maya ampliou a imagem.

Mais.

Mais.

Até que compreendeu.

Aquilo não era uma estrutura.

Era uma cidade.

Enterrada sob quilômetros de gelo.

A escala fez sua respiração falhar.

Não ocupava alguns quilômetros.

Nem dezenas.

Estendia-se até onde os sensores conseguiam enxergar.

Como se uma metrópole inteira tivesse sido engolida pelo continente milhares de anos antes da primeira civilização humana.

Eleanor permaneceu completamente imóvel.

— Meu Deus...

Maya balançou lentamente a cabeça.

— Não.

Os olhos permaneciam presos ao monitor.

— Acho que Deus nunca esteve aqui.

Na aeronave... o piloto puxou o manche com toda a força.

— Estamos entrando!

À frente... a tempestade finalmente se abriu.

Por apenas um segundo.

O suficiente para que toda a tripulação visse.

Algo gigantesco.

Muito abaixo do gelo.

Não claramente.

Apenas um contorno.

Grande demais para ser compreendido.

Depois a nevasca fechou novamente.

Como se o próprio continente tivesse permitido apenas um breve vislumbre.

E então... a aeronave atravessou a tempestade.

Deixando para trás... o último lugar do planeta onde o mapas ainda faziam sentido.

À frente... a costa antártica finalmente surgia através da neve.

Montanhas de gelo erguiam-se como muralhas.

Falésias brancas desapareciam sob a névoa.

O oceano havia sumido completamente.

Tudo era gelo.

Tudo era pedra.

Tudo era silêncio.

O piloto respirou aliviado.

— Conseguimos atravessar.

Ninguém comemorou.

Porque a sensação de perigo não diminuíra.

Pelo contrário.

Ficara mais intensa.

Como se a tempestade não estivesse tentando impedi-los de entrar.

Mas preparando-os para aquilo que encontrariam depois.

CAPÍTULO 10
O OLHO SOB O GELO

Ethan retirou lentamente o fone de comunicação.

Tentou estabelecer contato.

— Maya, estamos visualizando a costa. Você copia?

Chiado.

"...co..."

Silêncio.

— Maya?

Nova tentativa.

"...ria..."

Estática.

Nora ajustou outro canal.

Depois outro.

Depois outro.

Nada.

— Perdemos a comunicação.

Disse calmamente.

— Temporariamente?

Perguntou Teo.

Nora olhou para o painel.

Depois para os instrumentos.

— Espero que sim.

Mako suspirou.

— Estou começando a sentir falta do Wi-Fi da Áustria.

— Você reclamava dele todos os dias.

Lembrou Lucas.

— Eu era feliz e não sabia.

Sophia não escutava mais ninguém.

As vozes da cabine começaram a desaparecer.

Como se alguém diminuísse lentamente o volume do mundo.

O som das turbinas.

O vento.

A conversa da equipe.

Tudo foi ficando distante.

Até restar apenas silêncio.

Ela piscou.

A cabine desapareceu.

Não completamente.

Ainda conseguia ver Lucas.

Ainda conseguia ouvir sua própria respiração.

Mas outra realidade começava a atravessar aquela.

O gelo deixou de ser branco.

Tornou-se transparente.

Como um oceano cristalizado.

E então ela viu.

Não a superfície.

Mas o que existia sob ela.

Primeiro vieram as sombras.

Depois... ruas.

Pontes.

Torres.

Escadarias.

Praças.

Uma cidade inteira.

Maior do que qualquer metrópole humana.

Construída numa escala impossível.

As construções pareciam ter sido feitas para criaturas dezenas de vezes maiores que um homem.

Colunas largas como edifícios.

Arcos capazes de engolir navios.

Escadarias onde um único degrau ultrapassava a altura de um caminhão.

Sophia sentiu o coração acelerar.

Não estava imaginando.

Estava lembrando.

E isso era muito pior.

Lucas observava a amiga.

Conhecia aquele olhar.

Era o mesmo que vira na Terra do Fogo.

No Hotel Impossível.

Na Rússia.

Ela estava parcialmente no Outro Lado.

Sem pensar... segurou sua mão.

— Sophia.

Ela não respondeu.

Mas seus dedos apertaram os dele.

Como alguém tentando não se perder.

Lucas fechou os olhos por um instante.

E sentiu.

Não viu.

Sentiu.

Uma presença.

Tão vasta que sua mente recusava compreender.

Não parecia uma entidade.

Nem um espírito.

Nem um monstro.
Era maior do que qualquer uma dessas palavras.
Como uma montanha pudesse pensar.
Como um oceano pudesse observar.
Como um planeta pudesse despertar.
Lucas abriu os olhos imediatamente.
O peito pesado.
A respiração curta.
E teve a absoluta certeza de uma coisa.
Eles não estavam sozinhos.
Nunca estiveram.

No The Vault... as telas voltaram a funcionar por alguns segundos.
Maya respirou aliviada.
— Consegui.
A transmissão apareceu.
Granulada.
Coberta por interferências.
A imagem da aeronave surgiu.
Depois desapareceu.
Voltou.
Desapareceu novamente.
Foi nesse instante que Adrian Reyes entrou na sala de operações.
Sem dizer uma palavra.
Observou Eleanor.
Depois Maya.
Depois os monitores.
— Situação?
Perguntou.
— Perdemos comunicação quase total.
Respondeu Maya.

— Eles atravessaram algum tipo de zona de interferência.

Adrian cruzou os braços.

— Mas conseguimos localizar outra coisa.

Ela ampliou a imagem captada pelos sensores orbitais.

A cidade enterrada.

Mesmo parcialmente obscurecida pelo gelo... continuava impossível.

Adrian permaneceu imóvel durante vários segundos.

— Isso...

A frase morreu antes de terminar.

Porque não existiam palavras.

Na aeronave... Sophia respirou profundamente.

As ruas da cidade desapareciam diante dela.

Mas havia algo mais.

Muito abaixo das construções.

Muito abaixo das fundações.

Muito abaixo da própria cidade.

Uma escuridão.

Não a ausência de luz.

A ausência de realidade.

No centro daquela escuridão... alguma coisa dormia.

Ela não conseguiu ver sua forma.

Nem seu tamanho.

Porque era grande demais para ser compreendida.

Então... alguma coisa aconteceu.

Muito lentamente... como uma criatura despertando depois de milhões de anos... um olho começou a se abrir.

Imenso.

Antigo.

Coberto por fissuras que pareciam continentes.

A íris movia-se lentamente.

Sem pressa.

Como alguém que nunca precisou ter pressa.

Até parar.

Olhando diretamente para cima.

Diretamente para a superfície.

Diretamente para... eles.

Sophia gritou.

Lucas segurou seus ombros antes que ela caísse.

Ela voltou à cabine de uma só vez.

Respirando desesperadamente.

Ethan ajoelhou ao lado dela.

— O que aconteceu?

Sophia continuava olhando para o chão.

Os olhos completamente arregalados.

As mãos tremiam.

Lucas aproximou-se.

Falando quase num sussurro.

— Sophia... o que você viu?

Ela demorou vários segundos para conseguir responder.

Quando finalmente falou... sua voz parecia pertencer a outra pessoa.

— Não fomos nós que encontramos a cidade.

O silêncio tomou conta da aeronave.

Sophia ergueu lentamente os olhos.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Ela... já sabia que nós estávamos vindo.

As rodas tocaram o gelo com violência.

O enorme cargueiro deslizou por centenas de metros antes de finalmente parar.

O silêncio que veio depois foi quase perturbador.

As turbinas foram desligadas.

Os alarmes cessaram.

Os motores morreram.

A porta traseira começou a descer lentamente.

Um sopro de ar branco invadiu a cabine.

Não era apenas frio.

Era um frio que parecia possuir peso.

Que penetrava roupas.

Pele.

Ossos.

Pensamentos.

Como se o próprio continente tentasse expulsar qualquer forma de vida.

Lucas foi o primeiro a descer.

As botas afundaram alguns centímetros na neve compactada.

O som do primeiro passo pareceu alto demais naquele vazio.

Depois vieram Teo.

Dmitri.

Ethan.

Nora.

Sophia.

Por último... Mako.

A nova prótese afundou levemente no gelo.

Ele olhou para a própria perna mecânica.

Depois para o horizonte infinito.

— Certo...

Silêncio.

— Esse é o lugar mais deprimente em que já estive.

— E a Rússia?

Perguntou Teo.

— Lá ainda existiam árvores.

Nora observava a paisagem através dos binóculos.

Não procurava inimigos.

Procurava qualquer sinal de vida.

Não encontrou nenhum.

Ethan caminhou alguns metros à frente.

O fuzil pendendo junto ao peito.

Respirou profundamente.

O ar queimava os pulmões.

— Já estive em desertos. Na selva. Em zonas de guerra.

Ele olhou lentamente ao redor.

— Nunca senti um silêncio assim.

Lucas concordou em silêncio.

Porque Ethan tinha razão.

Não era ausência de som.

Era ausência do mundo.

A Antártica parecia um lugar onde o próprio planeta havia esquecido como viver.

Maya voltou aos comunicadores.

A voz ainda falhava.

Coberta por interferências.

— Vocês... estão... me ouvindo?

Chiado.

Lucas pressionou o fone.

— Estamos em solo.

"...re...ceb..."

Silêncio.

"...sinal... muito..."

A comunicação morreu novamente.

Ethan suspirou.

— Acho que vamos improvisar.

— Como sempre.

Respondeu Lucas.

Teo retirou uma bússola do bolso do casaco.

A agulha girou lentamente.

Depois acelerou.

Girou mais rápido.

Mais rápido.

Até desaparecer num borrão metálico.

— Isso não é um bom sinal.

Nora retirou outra.

Aconteceu exatamente a mesma coisa.

Mako abriu um dos equipamentos de navegação.

O GPS recalculava a posição dezenas de vezes por segundo.

Cada atualização mostrava um ponto diferente.

— Segundo isso...

Ele olhou para Lucas.

— Nós estamos simultaneamente no Polo Sul... no Oceano Pacífico... em Viena... e uma vez apareceu "coordenadas inexistentes".

Teo ergueu uma sobrancelha.

— Coordenadas inexistentes?

— Também achei criativo.

Sophia permaneceu imóvel.

Os olhos fechados.

O vento fazia o véu negro balançar lentamente.

Ela não prestava atenção nos instrumentos.

Nem na conversa.

Estava ouvindo.

Muito abaixo.

Muito além.

Os ecos.

Era como caminhar sobre um cemitério.

Não.

Era pior.

Como caminhar sobre a memória de uma civilização inteira.

Lucas aproximou-se.

— Outra visão?

Sophia abriu os olhos lentamente.

— Não.

Ela olhou para os pés.

Depois para o horizonte.

— Eu ainda estou ouvindo a mesma coisa.

— O quê?

Ela demorou alguns segundos para responder.

— Não são vozes.

Silêncio.

— São lembranças.

Um vento violentíssimo atravessou a planície.

A neve ergueu-se em espirais gigantescas.

Por um breve instante... ninguém conseguiu enxergar mais do que alguns metros à frente.

Quando a ventania diminuiu... Dmitri continuava olhando para o horizonte.

Sem piscar.

— Vocês estão vendo aquilo?

Todos acompanharam seu olhar.

Muito distante.

Quase confundindo-se com as montanhas.

Havia algo interrompendo a linha perfeita do gelo.

Uma sombra.

Grande demais para ser uma formação rochosa.

Geométrica demais para ser natural.

Teo ajustou os binóculos.

Ficou completamente imóvel.

— Aquilo...

Engoliu em seco.

— Não é uma montanha.

Lucas pegou os binóculos.

Observou por alguns segundos.

Depois os abaixou lentamente.

Mesmo daquela distância...

era possível perceber.

Colunas.

Paredes.

Estruturas.

Algo gigantesco permanecia parcialmente enterrado sob quilômetros de gelo.

Não pareciam ruínas.

Pareciam apenas... o topo.

Como se noventa por cento da construção ainda permanecesse soterrada.

Como um iceberg.

A parte visível era apenas uma pequena fração do todo.

Lucas sentiu um arrepio percorrer a espinha.

Então finalmente compreendeu.

A Antártica não escondia uma cidade.

A cidade... era a própria Antártica.

O continente inteiro parecia ter sido construído sobre alguma coisa infinitamente maior.

Sophia voltou a olhar para o horizonte.

Muito baixo.

Quase num sussurro.

Disse apenas:

— Nós ainda estamos caminhando sobre o teto.

Ninguém perguntou o que existia embaixo.

A marcha durou pouco mais de duas horas.

Ou pelo menos era isso que os relógios diziam.

Nenhum deles confiava mais nos próprios relógios.

Nem nas bússolas.

Nem no GPS.

Nem mesmo na posição do Sol.

A luz permanecia exatamente igual desde o desembarque.

Sem amanhecer.

Sem entardecer.

Sem qualquer sensação de passagem do tempo.

Como se aquele lugar existisse fora do próprio ritmo do mundo.

O vento diminuiu.

E foi exatamente isso que deixou Lucas ainda mais alerta.

O silêncio voltou.

Profundo.

Pesado.

Errado.

Foi Ethan quem ergueu o punho primeiro.

Toda a equipe parou imediatamente.

— Construções à frente.

Disse em voz baixa.

Lucas ergueu os binóculos.

Durante alguns segundos enxergou apenas neve.

Depois... formas.

Blocos escuros emergindo do gelo.

Não naturais.

Retas demais.

Perfeitas demais.

À medida que se aproximavam... a escala começava a fazer sentido.

Ou melhor... deixava completamente de fazer sentido.

A primeira coluna surgia quase cinquenta metros acima da superfície.

Negra.

Lisa.

Sem qualquer marca de erosão.

Como se tivesse sido construída ontem.

Apesar de permanecer enterrada havia milhares de anos.

Ou talvez milhões.

Não existia concreto.

Não existia pedra.

O material lembrava obsidiana.

Mas nenhuma obsidiana conhecida refletia a luz daquela maneira.

Parecia absorver a claridade ao redor.

Como um pedaço de noite solidificada.

Teo passou lentamente a mão sobre a superfície.

— Está quente.

Todos olharam para ele.

— O quê?

Ele retirou a luva.

Tocou novamente.

Permaneceu imóvel por alguns segundos.

— Eu disse...

Olhou para Lucas.

— Está quente.

Lucas repetiu o gesto.

Era impossível.

O ar congelava a pele em segundos.

Mas a coluna... estava morna.

Como se existisse calor circulando em seu interior.

Como se estivesse viva.

— Vamos continuar.
Disse Lucas.
Sem esconder o desconforto.
Poucos metros adiante... encontraram o primeiro corpo.
Metade soterrado pela neve.
O casaco havia endurecido como pedra.
A pele adquirira um tom azulado.
Os olhos permaneciam abertos.
Fixos no céu.
Parecia ter morrido olhando para alguma coisa.
Nora ajoelhou-se.
Retirou cuidadosamente a neve do uniforme.
— Não é moderno.
Ethan aproximou-se.
— Quanto tempo?
Ela observou o tecido.
Os botões.
As costuras.
— Décadas.
Talvez mais.
No bolso interno havia um pequeno diário.
As páginas estavam congeladas.
Lucas conseguiu abrir apenas as primeiras.
A tinta quase desaparecera.
Mas ainda era possível ler uma assinatura.

PROF. W. D
UNIVERSIDADE MISKATONIC

Teo ergueu os olhos.
— Miskatonic?
Mako arqueou uma sobrancelha.

— Já ouvi esse nome de algum lugar.

Ninguém respondeu.

Porque todos conheciam aquele nome.

Lucas fechou lentamente o diário.

— Guardem isso.

Continuaram caminhando.

Os corpos começaram a aparecer com mais frequência.

Dois soldados usando uniformes soviéticos.

Ainda segurando fuzis enferrujados.

Congelados exatamente onde haviam caído.

Mais adiante...

quatro homens vestindo pesados casacos brancos.

Braçadeiras antigas.

Insígnias quase apagadas.

Mas ainda reconhecíveis.

Nazistas.

Teo permaneceu alguns segundos olhando para eles.

— Então eles realmente vieram.

— Sim.

Respondeu Dmitri.

— E os putos morreram como todos os outros.

Mais alguns metros.

Outro grupo.

Equipamentos modernos.

Década de noventa.

Depois outro.

Muito mais recente.

Talvez cinco anos.

Talvez menos.

Nenhum sobrevivera.

Era como caminhar por um museu construído com fracassos.

Cada corpo representava alguém que acreditou estar perto da verdade.

Cada cadáver era um aviso.

Voltem.

Nenhum havia conseguido.

Sophia parou diante de uma parede parcialmente exposta.

Coberta por símbolos.

Os mesmos.

Os mesmos que haviam encontrado nos Fragmentos.

Só que... muito maiores.

Não pareciam inscrições.

Pareciam parte da própria arquitetura.

Como se o prédio inteiro tivesse sido construído em torno deles.

Ela passou lentamente a mão sobre um dos símbolos.

No mesmo instante... um sussurro atravessou sua mente.

Não palavras.

Apenas uma sensação.

Tristeza.

Uma tristeza tão profunda que parecia pertencer ao próprio mundo.

Sophia afastou rapidamente a mão.

Respirando com dificuldade.

— Eles estavam aqui.

Murmurou.

Lucas olhou ao redor.

— Quem?

Ela permaneceu alguns segundos em silêncio.

— Não sei.

Os olhos continuavam presos aos símbolos.

— Mas eles construíram tudo isso.
O vento voltou a soprar.
Mais forte.
Levantando neve entre as ruínas.
Foi Ethan quem percebeu primeiro.
Ele se abaixou lentamente.
Observando o chão.
— Lucas.
Todos acompanharam seu olhar.
Marcas.
Pegadas.
Nítidas.
Ainda preservadas sobre a neve recente.
Não pertenciam a nenhuma das expedições antigas.
E certamente não eram deles.
Lucas ajoelhou-se.
Passou dois dedos sobre uma das marcas.
A neve ainda estava solta.
Sem gelo acumulado.
Sem sinais de erosão pelo vento.
Recentes.
Muito recentes.
Teo levantou imediatamente o fuzil.
— Quanto tempo?
Ethan analisou rapidamente o terreno.
— Horas.
Silêncio.
Nora completou.
— No máximo um dia.
Ninguém precisou dizer o nome.
Todos já sabiam.
A Black Sun.
Lucas levantou lentamente.

Os olhos percorreram o caminho deixado pelas pegadas.

Elas seguiam exatamente na direção do interior das ruínas.

Como se alguém... estivesse esperando por eles.

Muito acima... o vento voltou a uivar entre as colunas negras.

Mas, por um breve instante... Lucas jurou ouvir outro som.

Muito distante.

Muito profundo.

Algo parecido com... uma respiração.

E ela não vinha da superfície.

Vinha de algum lugar... sob o gelo.

CAPÍTULO 11
MILHÕES DE ECOS

As pegadas continuavam.

Retas.

Firmes.

Sem hesitação.

A Black Sun sabia exatamente para onde estava indo.

Lucas ergueu a mão.

— Formação fechada.

Sem ninguém se afastar.

Todos destravaram suas armas.

O som metálico ecoou entre as ruínas.

Pela primeira vez desde o desembarque... aquele silêncio pareceu responder.

A marcha recomeçou.

Agora mais lenta.

Mais cuidadosa.

As colunas ciclópicas tornavam-se cada vez mais numerosas.

Pontes surgiam parcialmente soterradas.

Escadarias desapareciam sob quilômetros de gelo.

Em alguns pontos... a neve parecia esconder cidades inteiras.

Como se apenas os telhados de construções absurdamente maiores permanecessem visíveis.

Teo caminhava à frente ao lado de Ethan.

Os dois analisavam o terreno em busca de qualquer emboscada.

Nenhum dos dois gostava da ausência completa de sons.

Nem vento.

Nem gelo rachando.

Nem o próprio eco dos passos parecia permanecer no ar.

Era como caminhar dentro de uma fotografia.

Foi Nora quem avistou a primeira estrutura.

— À direita.

Todos voltaram os olhos.

Algo gigantesco emergia da neve.

À primeira vista... parecia o casco de um navio.

Negro.

Curvo.

Coberto por placas sobrepostas.

Mas bastou se aproximarem para perceber que aquilo não fazia sentido.

O casco não possuía quilha.

Nem convés.

Nem qualquer abertura visível.

Seu formato mudava conforme o ângulo.

De frente... lembrava um submarino.

Pela lateral... parecia uma aeronave.

Por cima... assemelhava-se a um enorme animal marinho adormecido.

O cérebro tentava encontrar referências.

Fracassava.

— Isso está... mudando?

Perguntou Teo.

— Não.

Respondeu Mako.

Observando atentamente.

— Acho que são nossos sentidos.

Lucas franziu a testa.

— Como assim?

Mako aproximou-se lentamente.

Retirou uma pequena lanterna.

Iluminou a superfície.

Não existiam rebites.

Não existiam soldas.

Não existiam encaixes.

Nenhuma linha de montagem.

Nenhuma peça.

A superfície inteira parecia uma única estrutura contínua.

Como um osso.

Ou uma concha.

Mako passou lentamente a mão sobre o material.

Era liso.

Quente.

Levemente flexível.

Retirou a mão imediatamente.

— Isso...

Sorriu sem humor.

— Claro.

Voltou-se para o grupo.

— Parece que não foi construído.

Silêncio.

— Foi cultivado.

Ninguém respondeu.

Porque aquela conclusão parecia mais absurda do que qualquer outra.

Mesmo assim... era a única explicação.

A estrutura não parecia fabricada.

Parecia algo como... uma árvore.

Ou um organismo.

Lucas observava a enorme superfície negra.

Então percebeu algo.

— Aquilo.

Havia marcas.

Longos sulcos atravessavam toda a lateral da estrutura.

Profundos.

Irregulares.

Como garras.

Não.

Muito maiores do que garras.

Como se alguma criatura colossal tivesse tentado rasgar aquela carapaça.

E conseguido.

Dmitri permaneceu olhando para aqueles cortes durante vários segundos.

— Se isso era um veículo...

Engoliu em seco.

— Não quero conhecer aquilo que conseguiu destruí-lo.

Ninguém discordou.

Continuaram avançando.

E novas estruturas começaram a surgir.

Centenas delas.

Algumas completamente soterradas.

Outras apenas parcialmente expostas.

Todas diferentes.

Todas impossíveis.

Nenhuma lembrava tecnologia humana.

Era como caminhar por um cemitério de máquinas pertencentes a uma espécie que jamais deveria ter existido.

Sophia diminuía o ritmo.

Os ecos aumentavam.

Cada passo parecia despertar milhares de memórias enterradas.

— Está tudo bem?

Sophia demorou alguns segundos para responder.

— Acho...

Respirou fundo.

— Acho que isso tudo morreu aqui.

O grupo parou.

— O que quer dizer?

Perguntou Nora.

Sophia observava as estruturas.

Depois olhou para o gelo sob seus pés.

— Isso não parece um cemitério.

Silêncio.

— Isso é um cemitério.

O vento voltou a soprar.

Muito distante... um estrondo atravessou a planície.

Não parecia gelo rachando.

Parecia... pedra se movendo.

Todos ergueram as armas instintivamente.

Mas nada apareceu.

Apenas neve.

Apenas ruínas.

Apenas aquele silêncio impossível.

Então chegaram ao fim do planalto.

E o mundo terminou.

À frente... o terreno desaparecia em uma depressão gigantesca.

Não um vale.

Nem uma cratera.

Era uma abertura.

Com quilômetros de largura.

Como se uma parte inteira da Antártica tivesse sido cuidadosamente escavada.

E, muito abaixo... envolta por névoa e neve... ela finalmente apareceu.

A cidade.

Não parcialmente.

Inteira.

Colunas do tamanho de montanhas.

Pirâmides negras.

Pontes suspensas atravessando abismos intermináveis.

Torres que desapareciam sob o gelo acima deles.

E, no centro de tudo... uma entrada monumental.

Duas portas ciclópicas.

Fechadas.

Cada uma delas tão alta que um porta-aviões poderia atravessá-las sem tocar suas laterais.

Mesmo daquela distância...era possível enxergar os símbolos gravados em sua superfície.

Os mesmos símbolos encontrados nos Fragmentos.

Os mesmos que Sophia desenhava sem perceber.

E conduzindo diretamente até aquelas portas... seguia uma única trilha.

Pegadas.

Recém-feitas.

Lucas observou o caminho por alguns segundos.

Depois destravou novamente o fuzil.

— Eles já entraram.

Ethan assentiu em silêncio.

— Então vamos entrar também.

Muito abaixo... nas profundezas daquela cidade impossível... algo aguardava pacientemente a chegada das duas expedições.

Como se soubesse... que a última etapa da jornada finalmente havia começado.

O caminho até as portas parecia pequeno.

Era uma ilusão.

Levaram quase quarenta minutos para percorrê-lo.

Quanto mais avançavam... maiores as construções se tornavam.

As colunas deixavam de parecer edifícios.

Passavam a parecer montanhas cuidadosamente esculpidas.

Cada bloco de pedra era maior que um avião.

Cada escadaria parecia construída para criaturas que jamais precisariam olhar para baixo ao caminhar.

Sophia diminuiu o ritmo.

O mundo voltou a desaparecer ao seu redor.

Não completamente.

Apenas o suficiente para que outra realidade atravessasse aquela.

Milhares de imagens passaram diante de seus olhos.

Não eram espíritos.

Não eram fantasmas.

Nem consciências vivas.

Eram ecos.

Fragmentos de memórias gravados na própria cidade.

Como se aquelas pedras ainda se lembrassem daqueles que as haviam construído.

Ela viu sombras colossais caminhando entre as torres.

Viu oceanos onde agora existia gelo.

Viu um céu completamente diferente.

Sem estrelas conhecidas.

Depois... tudo desapareceu.

Lucas segurou seu braço antes que ela caísse.

— Sophia.

Ela respirou profundamente.

Piscou algumas vezes.

O mundo voltou ao normal.

— Eu estou bem.

Lucas não acreditou.

Mas apenas assentiu.

Já havia aprendido que, quando Sophia dizia estar bem... normalmente significava apenas que ainda conseguia continuar caminhando.

As portas aproximavam-se lentamente.

Agora já era possível perceber detalhes impossíveis.

Os símbolos gravados nelas não pareciam entalhados.

Pareciam fazer parte da própria estrutura.

Como se a pedra tivesse nascido daquela forma.

As linhas mudavam discretamente quando observadas por muito tempo.

Não o suficiente para afirmar que estavam se movendo.

Mas o bastante para que ninguém conseguisse olhar para elas por muitos segundos sem sentir um profundo desconforto.

— Não olhem fixamente.

Disse Sophia.

A voz baixa.

Quase instintiva.

— Como sabe disso?

Perguntou Ethan.

Ela demorou alguns segundos para responder.

— Apenas... sei.

Silêncio.

Ninguém questionou.

A equipe finalmente alcançou a base da estrutura.

Lucas ergueu lentamente a cabeça.

Continuou olhando.

E olhando.

E olhando.

Mesmo assim não conseguiu enxergar o topo das portas.

Elas desapareciam sob a camada de gelo dezenas de metros acima.

Como se apenas uma pequena parte da entrada estivesse exposta.

Teo soltou um assobio involuntário.

— Isso não é uma porta...

Mako terminou a frase.

— É a porra de um continente disfarçado de porta.

Até Dmitri, normalmente impassível, pareceu assustado.

Nenhum deles possuía referência para compreender aquela escala.

Era arquitetura construída para seres que simplesmente não cabiam na imaginação humana.

O vento aumentou novamente.

A neve começou a girar ao redor das portas.

Por um breve instante... a tempestade pareceu abrir um corredor.

Como se alguém tivesse afastado a cortina branca que escondia o interior da cidade.

E então... todos viram.

Não uma ruína.

Não uma instalação.

Não uma fortaleza.

Uma metrópole.

Inteira.

Avenida após avenida.

Pontes cruzando abismos.

Torres tão altas que desapareciam sob quilômetros de gelo.

Cúpulas negras refletindo uma luz inexistente.

Escadarias monumentais conectando níveis que pareciam pertencer a montanhas diferentes.

Tudo perfeitamente preservado.

Tudo completamente silencioso.

Como se seus habitantes tivessem partido apenas alguns minutos antes.

Nenhuma construção humana.

Nenhum império.

Nenhuma civilização.

Jamais chegara perto daquela grandiosidade.

Lucas sentiu um peso no peito.

Pela primeira vez... compreendeu verdadeiramente o que significava a palavra antigo.

A humanidade não era jovem.

Era recém-nascida.

Tudo aquilo... já existia muito antes do primeiro homem aprender a produzir fogo.

Muito antes de qualquer idioma.

Muito antes da própria História.

Sophia observava a cidade sem piscar.

Uma única lágrima escorreu por seu rosto.

— Eles realmente existiram...

Murmurou.

— Quem?

Perguntou Nora.

Sophia continuou olhando para o horizonte.

— Os Arquitetos.

Ninguém respondeu.

Porque, pela primeira vez desde o início daquela jornada... o impossível deixara de ser uma teoria.

Estava diante deles.

Lucas deu o primeiro passo.

Depois outro.

Cruzou lentamente o enorme portal.

Os demais o seguiram em silêncio.

Atrás deles... o vento voltou a soprar com violência.

A neve fechou novamente a passagem.

Como se a Antártica tivesse acabado de selar o mundo lá fora.

À frente... estendia-se a Cidade Sob o Gelo.

E, em algum lugar no coração daquela metrópole impossível... a Caixa aguardava.

Assim como a Black Sun.

Assim como a verdade sobre Lucas.

Assim como o destino da humanidade.

CAPÍTULO 12
A NECRÓPOLE SOB O GELO

A temperatura mudou imediatamente.

Não ficou mais quente.

Nem mais fria.

Ficou... constante.

O vento desapareceu.

A neve deixou de cair.

Era como se toda a cidade existisse isolada do restante da Antártica.

Como uma bolha esquecida pelo tempo.

Ninguém falou durante vários minutos.

Apenas caminhavam.

As botas ecoavam sobre um piso negro perfeitamente liso.

Sem rachaduras.

Sem gelo.

Sem poeira.

Como se alguém tivesse limpado aquelas ruas poucas horas antes.

À esquerda...uma fileira de colunas sustentava uma construção cujo teto desaparecia na escuridão.

À direita...pontes atravessavam vazios tão profundos que a luz das lanternas jamais encontrava o fundo.

Acima deles... outras construções cruzavam o "céu" em diferentes alturas.

Como se a cidade tivesse sido construída em camadas.

Século sobre século.

Civilização sobre civilização.

— Não existe engenharia capaz de fazer isso.

Murmurou Teo.

— Existe.

Respondeu Mako.

Os olhos presos à arquitetura.

— Só não é humana.

Continuaram avançando.

Quanto mais caminhavam...

menos a geometria fazia sentido.

Uma avenida parecia seguir perfeitamente reta.

Até que Lucas olhava para trás.

E descobria que haviam feito uma curva impossível.

Escadarias subiam.

Durante alguns metros.

Depois desciam.

Sem nunca mudarem de inclinação.

Uma torre parecia estar inclinada.

Mas quando Ethan utilizou a mira telescópica para medi-la... ela aparecia perfeitamente vertical.

Nora respirou fundo.

— Não olhem por muito tempo para a mesma coisa.

— Por quê?
Perguntou Teo.
Ela apontou discretamente para uma das paredes.
Os símbolos haviam mudado.
Lucas tinha certeza.
Minutos antes...pareciam espirais.
Agora... lembravam constelações.
Mako aproximou-se lentamente.
Retirou uma pequena câmera digital.
Fotografou a parede.
Esperou alguns segundos.
Fotografou novamente.
Abriu as duas imagens.
Permaneceu completamente imóvel.
— Lucas...
A voz saiu baixa.
Sem qualquer traço de humor.
— Você precisa ver isso.
Lucas aproximou-se.
As duas fotografias eram diferentes.
Não pela iluminação.
Nem pelo ângulo.
Os próprios símbolos haviam mudado.
Linhas inteiras surgiam onde antes não existiam.
Outras desapareciam.
Algumas pareciam crescer.
Outras... simplesmente deixavam de existir.
— Defeito da câmera?
Perguntou Ethan.
Mako balançou lentamente a cabeça.
— Eu pensei isso.
Tirou uma terceira fotografia.
Depois uma quarta.
Depois uma quinta.

Cada imagem mostrava um conjunto diferente de símbolos.

Como se a cidade estivesse... reescrevendo a própria arquitetura.

— Isso não é pedra.

Murmurou.

Passou lentamente a mão sobre a superfície.

Ela cedeu.

Quase imperceptivelmente.

Como músculo.

Mako retirou a mão imediatamente.

— Eu sabia...

Todos olharam para ele.

— Essa cidade nunca foi construída.

Silêncio.

— Ela está viva.

Ninguém respondeu.

Porque aquela frase explicava coisas demais.

As paredes não apresentavam marcas de ferramentas.

Nem encaixes.

Nem juntas.

Nem desgaste.

Tudo parecia ter surgido naturalmente.

Como ossos formando um esqueleto.

Como raízes atravessando a terra.

Como um organismo.

Lucas voltou a observar as avenidas.

Pela primeira vez... deixou de enxergar edifícios.

Passou a enxergar órgãos.

Veias.

Artérias.

Como se toda aquela cidade fosse o corpo fossilizado de alguma criatura impossível.

Sophia parou de caminhar.

Muito lentamente... ajoelhou-se.

Colocou a mão sobre o chão.

Fechou os olhos.

Os ecos voltaram.

Mais fortes.

Mas diferentes.

Não havia sofrimento.

Nem desespero.

Havia trabalho.

Milhões de mentes.

Milhões de pensamentos.

Todos conectados.

Todos construindo.

Todos tentando impedir alguma coisa.

Ela retirou a mão rapidamente.

Respirando fundo.

— Eles não estavam construindo uma cidade.

Lucas aproximou-se.

— O que eles estavam construindo?

Sophia ergueu lentamente os olhos.

— Eles estavam construindo... Uma necrópole.

O silêncio caiu novamente sobre o grupo.

Naquele instante... todos deixaram de olhar para as torres.

Para as pontes.

Para a arquitetura.

E passaram a fazer a mesma pergunta.

Se aquilo tudo era uma necrópole... o que exatamente... havia morrido ali?

Os Marcados continuaram avançando.

Agora mais devagar.

Não por medo da Black Sun.

Mas porque cada metro daquela cidade parecia esconder uma descoberta impossível.

As avenidas começaram a se estreitar.

As torres deram lugar a construções mais baixas.

Mas apenas relativamente.

Ainda eram edifícios capazes de engolir arranha-céus inteiros.

A iluminação também mudava.

Não existiam lâmpadas.

Nem cristais.

Nem qualquer fonte visível de energia.

Mesmo assim...

uma luz azulada percorria discretamente as paredes.

Como sangue circulando por veias transparentes.

Ora mais intensa.

Ora mais fraca.

Pulsando lentamente.

Mako observava fascinado.

— Ela ainda está funcionando...

Teo olhou ao redor.

— Depois de quanto tempo?

Mako apenas balançou a cabeça.

— Acho que essa pergunta perdeu o sentido aqui.

Continuaram caminhando.

Em determinado momento... o corredor desembocou em uma praça monumental.

O teto desaparecia na escuridão.

Centenas de metros acima.

Colunas gigantescas sustentavam estruturas que pareciam desafiar qualquer lógica arquitetônica.

No centro... havia algo diferente.

Uma forma colossal permanecia parcialmente tombada entre as construções.

Lucas foi o primeiro a perceber.

— Aquilo...

Nora ajustou os binóculos.

Demorou alguns segundos para compreender.

— Não é uma estátua.

Era um esqueleto.

Ou o que restava dele.

As costelas erguiam-se como arcos de uma catedral.

Cada vértebra possuía o tamanho de uma casa.

O crânio permanecia parcialmente enterrado sob placas negras.

Mesmo incompleto...

era possível perceber que jamais pertencera a qualquer criatura terrestre.

Não possuía mandíbula.

Nem órbitas semelhantes às humanas.

O crânio abria-se em dezenas de estruturas ramificadas.

Como se cérebro e sistema nervoso ocupassem praticamente todo o corpo.

Dmitri permaneceu em silêncio.

— Então eles eram reais...

Sophia aproximou-se lentamente.

Não sentia medo.

Sentia tristeza.

Uma tristeza antiga.

Profunda.

Como se aquele lugar inteiro ainda lamentasse a perda de seus habitantes.

Os Marcados a seguiram silenciosamente.

Ela ajoelhou-se diante do enorme fóssil.

Sem tocá-lo.

Apenas observando.

— Eles morreram aqui.

Disse baixinho.

Lucas aproximou-se.

— Você viu isso?

Ela balançou lentamente a cabeça.

— Não.

Silêncio.

— Eu senti.

Seguiram adiante.

Outros fósseis começaram a surgir.

Alguns pareciam completos.

Outros estavam reduzidos a enormes fragmentos espalhados pelas ruas.

Nenhum era igual ao outro.

Como se aquela civilização possuísse formas diferentes.

Ou talvez... como se o próprio conceito de corpo tivesse outro significado para eles.

Mako fotografava tudo.

Sem parar.

Foi então que percebeu algo estranho.

As paredes próximas aos esqueletos brilhavam de maneira diferente.

Muito discretamente.

Como se reagissem à presença deles.

— Esperem.

Ele aproximou a lanterna.

A superfície negra começou a emitir um brilho suave.

Linhas luminosas surgiram lentamente.

Primeiro uma.

Depois dezenas.

Depois milhares.

Não eram símbolos.

Eram imagens.

As paredes transformavam-se em enormes painéis vivos.

Lucas deu um passo à frente.

As figuras movimentavam-se lentamente.

Não como uma gravação.

Como uma lembrança.

Sombras gigantes caminhavam por aquelas mesmas avenidas.

Construíam torres.

Atravessavam pontes.

Manipulavam estruturas de luz que pareciam crescer diretamente do solo.

Nenhum som acompanhava as imagens.

Apenas o silêncio.

E justamente por isso... pareciam ainda mais reais.

Nora observava fascinada.

— Isso é um registro.

Mako assentiu.

— Não foi gravado.

Passou lentamente a mão sobre a parede.

— Foi... armazenado.

As imagens continuavam mudando.

Mostravam diferentes momentos.

Diferentes lugares.

Sempre aquela cidade.

Sempre aqueles seres.

Era como caminhar por um museu cuja própria arquitetura guardava a memória de seus antigos habitantes.

Sophia observava tudo em absoluto silêncio.

Os ecos voltaram por um instante.

Muito mais fracos.

Quase respeitosos.

Não pareciam tentar falar.

Pareciam apenas... lembrar.

Lucas aproximou-se de uma das projeções.

Um dos seres ergueu lentamente uma das mãos em direção ao céu.

Outros repetiram o gesto.

Depois... a imagem desapareceu.

A parede voltou a ser apenas pedra negra.

Ninguém disse nada durante vários segundos.

Até que Ethan rompeu o silêncio.

— Se isso é só o registro da vida cotidiana deles...

Olhou para as avenidas intermináveis.

— Eu nem consigo imaginar o que existe no centro dessa cidade.

Como se a própria cidade tivesse decidido responder... um som profundo atravessou as ruínas.

Não era um rugido.

Nem uma explosão.

Parecia... um enorme portão de pedra sendo aberto em algum lugar muito distante.

Todos levaram as mãos às armas.

Lucas e Ethan trocaram um rápido olhar.

Aquilo não fora causado por eles.

Nem pela cidade.

Havia outra expedição ali.

E ela acabara de chegar ao coração das ruínas.

O som voltou.

Dessa vez mais próximo.

Mais pesado.

Como duas montanhas sendo arrastadas uma contra a outra.

Toda a cidade pareceu vibrar.

Pequenos fragmentos de gelo desprenderam-se das colunas.

A poeira acumulada durante eras ergueu-se lentamente.

Lucas fez um sinal com a mão.

Toda a equipe assumiu formação.

Ethan e Nora avançaram pelos flancos.

Teo cobriu a retaguarda.

Dmitri empunhou o pesado fuzil como se o próprio peso da arma lhe trouxesse tranquilidade.

Mako caminhava alguns passos atrás, analisando constantemente o ambiente.

Sophia permanecia ao lado de Lucas.

Em silêncio.

O corredor terminava em outra enorme praça circular.

No centro... erguia-se uma construção diferente de todas as outras.

Não era uma torre.

Nem um templo.

Parecia uma catedral construída para um universo diferente.

As paredes eram curvas impossíveis.

Os pilares pareciam desafiar a própria perspectiva.

Quanto mais alguém tentava medir suas proporções... menos elas faziam sentido.

No alto da estrutura... um enorme símbolo pulsava lentamente.

O mesmo símbolo gravado nos Fragmentos.

Mas agora... completo.

E diante daquela construção... eles estavam esperando.

A Black Sun.

Cain Mercer foi o primeiro a erguer o rosto.

A máscara ocultava metade da expressão.

Mas os olhos permaneciam fixos em Lucas.

Como se a luta na Romênia jamais tivesse terminado.

Ao seu lado... Helena Voss mantinha as mãos cruzadas nas costas.

A postura elegante contrastava com a imponência brutal das ruínas.

Elias Dreyer parecia diferente.

Muito diferente.

A pele adquirira um tom quase translúcido.

Veias negras percorriam seu pescoço.

Os olhos permaneciam completamente escuros.

Como se já não estivesse olhando para aquele mundo.

Poucos metros atrás...

Aruem Lee observava os antigos companheiros.

Nenhuma expressão.

Nenhum arrependimento.

Apenas silêncio.

As sombras arroxeadas continuavam se movendo discretamente ao redor de seus pés.

Então... John Wright deu um passo à frente.

Lucas permaneceu imóvel.

Durante alguns segundos... ninguém falou.

Pai e filho.

Separados por anos.

Por mentiras.

Pela morte.

E agora... pela própria sobrevivência da humanidade.

John foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Você cresceu mais do que eu esperava.

Lucas respondeu sem alterar a expressão.

— Você continua exatamente como eu me lembrava.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto de John.

Não era arrogância.

Nem deboche.

Parecia... orgulho.

— Ainda consegue esconder a raiva.

Lucas manteve o fuzil apontado.

— Ainda consegue esconder a culpa.

O silêncio voltou.

Cain sorriu discretamente atrás da máscara.

Helena permaneceu imóvel.

Foi Sophia quem desviou a atenção.

Os olhos permaneciam presos à enorme construção atrás da Black Sun.

— Aquilo...

Sua voz saiu quase num sussurro.

— É a Câmara.

John respondeu.

— Como vocês sabem?

— Sabemos muito mais do que a Orpheus jamais imaginou.

Respondeu Helena.

Ela caminhou alguns passos à frente.

A voz ecoava naturalmente pelas ruas vazias.

— Durante décadas... todos acreditaram que esta cidade havia sido construída por deuses.

Olhou lentamente para as enormes colunas.

— Estavam errados.

Silêncio.

— Os Arquitetos nunca foram deuses.

Lucas permaneceu atento.

— Então o que eram?

Helena ergueu os olhos para a cidade.

Como alguém prestando homenagem aos seus antigos habitantes.

— Uma civilização.

Respirou lentamente.

— Não terrestre.

A frase permaneceu suspensa.

— Eles vieram de outra dimensão.

Ninguém respondeu.

Porque, depois de tudo que haviam visto... aquilo já não parecia impossível.

Helena continuou.

— Não conquistaram este mundo.

Não o criaram.

Não governaram a humanidade.

Olhou novamente para as construções.

— Apenas encontraram aqui... o mesmo problema que destruiu o universo deles.

Sophia permaneceu completamente imóvel.

Os ecos voltaram.

Agora... pareciam concordar.

John assumiu a explicação.

John caminhou lentamente até uma das paredes vivas.

Passou a mão sobre os antigos símbolos.

Eles responderam.

Brilharam.

Como se reconhecessem sua presença.

— Os Arquitetos não criaram a Caixa.

Sua voz tornou-se mais baixa.

Mais respeitosa.

— Quando chegaram aqui... ela já existia.

Nora franziu a testa.

— Então quem a construiu?

John permaneceu alguns segundos em silêncio.

Pela primeira vez... pareceu não possuir uma resposta.

— Eles nunca descobriram.

Nem Helena falou.

Nem Elias.

Até aquela pergunta permanecia sem resposta.

John voltou a olhar para a gigantesca estrutura.

— Eles apenas compreenderam uma coisa.

Respirou profundamente.

— Se a Caixa fosse aberta... o destino do universo deles se repetiria aqui.

As palavras ecoaram lentamente entre as ruínas.

— Então fizeram a única escolha possível.

Helena concluiu a frase.

— Sacrificaram toda a própria civilização.

O silêncio tornou-se quase insuportável.

Lucas olhou novamente para os fósseis espalhados pela cidade.

As paredes vivas.

As ruas vazias.

Os ecos que Sophia ouvia.

Tudo fazia sentido.

Eles não haviam abandonado aquela cidade.

Tinham permanecido nela.

Até o último instante.

Não para salvar a si mesmos.

Mas para impedir que alguma coisa atravessasse a realidade.

Sophia apertou lentamente o crucifixo preso ao peito.

— Eles sabiam que iam morrer.

John assentiu.

— Sim.

— E mesmo assim ficaram.

Outra vez... John apenas concordou.

— Porque entenderam uma verdade que nós ainda insistimos em negar.

Lucas sustentou o olhar do pai.

— Qual verdade?

John sorriu discretamente.

Não com superioridade.

Mas com tristeza.

— Que algumas portas...

Olhou para a gigantesca Câmara Central.

— Nunca deveriam ser abertas.

Antes que qualquer outra palavra pudesse ser dita... o chão inteiro estremeceu.

Não foi uma explosão.

Foi um pulso.

Profundo.

Antigo.

O enorme símbolo gravado sobre a Câmara começou a emitir uma luz azul intensa.

As paredes da cidade responderam imediatamente.

Milhares de linhas luminosas acenderam ao mesmo tempo.

Como veias despertando dentro de um organismo adormecido.

Elias ergueu lentamente a cabeça.

Os olhos completamente negros refletiam aquela luz impossível.

Pela primeira vez desde que entraram na cidade... ele sorriu.

— Ela acordou.

O silêncio morreu.

Porque todos compreenderam a mesma coisa.

A discussão havia terminado.

Agora... a própria Necrópole Sob o Gelo começava a reagir à presença deles.

CAPÍTULO 13
A VERDADE SOBRE A CAIXA

O primeiro mecanismo despertou sem qualquer aviso.

Um som grave atravessou toda a cidade.

Não parecia metal.

Nem pedra.

Parecia... o próprio continente respirando.

As enormes portas da Câmara Central começaram a se mover.

Lentamente.

Milimetricamente.

Mesmo assim...

cada centímetro percorrido fazia o chão vibrar sob os pés daquelas duas expedições.

Fragmentos de gelo desprendiam-se do teto.

Colunas inteiras estremeciam.

A cidade parecia despertar junto com elas.

Ninguém ousou dar o primeiro passo.

Nem Orpheus.

Nem Black Sun.

Durante alguns segundos...todos permaneceram imóveis.

Armas erguidas.

Olhos atentos.

Esperando uma traição.

Um ataque.

Qualquer coisa.

Foi John Wright quem rompeu o impasse.

— Se ainda pretendem impedir o que está acontecendo... precisamos entrar.

Lucas não respondeu imediatamente.

Continuava com o fuzil apontado para Cain.

Cain sorriu discretamente.

— Relaxe.

Inclinou levemente a cabeça em direção às portas.

— Ainda teremos tempo para terminar nossa conversa.

Lucas não baixou a arma.

Mas começou a caminhar.

Os dois grupos avançaram juntos.

Separados por poucos metros.

Ainda desconfiando uns dos outros.

Ainda preparados para atirar ao menor movimento.

Assim que cruzaram o enorme portal... todos pararam.

Não porque quisessem.

Mas porque simplesmente esqueceram como continuar andando.

A Câmara Central era diferente de qualquer outra construção daquela cidade.

Não possuía ruas.

Nem pilares.

Nem escadarias.

Era praticamente vazia.

Uma imensa esfera oca.

Tão grande que sua curvatura desaparecia na escuridão acima.

O teto era invisível.

As paredes pareciam feitas da mesma obsidiana viva encontrada no restante da cidade.

Mas ali... elas pulsavam.

Como se respirassem.

No centro da câmara... existia apenas um enorme abismo.

Circular.

Perfeito.

Profundo o suficiente para que nenhuma lanterna alcançasse o fundo.

A luz simplesmente desaparecia.

Engolida pela escuridão.

E suspenso exatamente sobre aquele vazio... estava o motivo de toda aquela jornada.

A Caixa.

O silêncio tornou-se absoluto.

Ela não era colossal.

Não ocupava quilômetros.

Nem possuía o tamanho de um edifício.

Era surpreendentemente simples.

Um gigantesco monólito negro.

Perfeitamente retangular.

Sem inscrições.

Sem mecanismos aparentes.

Sem qualquer ornamentação.

Parecia um único bloco de matéria.

Lisa.

Impecável.

Como se jamais tivesse sido tocada pelo tempo.

Ao seu redor... cinco enormes anéis luminosos giravam lentamente.

Cada um em uma direção diferente.

Sem qualquer eixo visível.

Sem sustentação.

Sem produzir ruído.

Apenas flutuavam.

Desafiando todas as leis conhecidas da física.

Entre os anéis... pequenos fragmentos de luz surgiam.

Desapareciam.

Voltavam a surgir.

Como estrelas nascendo e morrendo diante dos olhos.

Sophia levou uma das mãos ao peito.

A respiração falhou.

— Ela está... viva.

John voltou lentamente o olhar para ela.

— Sim.

Foi a única resposta.

No mesmo instante... os Fragmentos começaram a reagir.

Os artefatos transportadso por Lucas vibraram dentro do compartimento blindado.

Do outro lado da câmara... os Fragmentos da Black Sun responderam imediatamente.

Todos brilhavam.

Pulsavam.

Como se finalmente tivessem encontrado o lugar ao qual pertenciam.

Um som agudo atravessou a câmara.

Não vinha dos anéis.

Nem do monólito.

Vinha dos próprios Fragmentos.

Eles estavam... cantando.

Mako observava completamente imóvel.

— Eles estão sincronizando.

Helena aproximou-se lentamente da borda do abismo.

Sem desviar os olhos da Caixa.

— Depois de milhões de anos...

Sua voz saiu quase como uma oração.

— Ela continua funcionando.

Lucas permaneceu observando o enorme monólito.

Esperava encontrar alguma coisa.

Uma arma.

Um mecanismo.

Uma máquina.

Mas não havia nada.

Apenas simplicidade.

Era justamente isso que o tornava tão perturbador.

John caminhou lentamente até a borda do abismo.

Sem qualquer medo.

Como alguém que finalmente chegara ao destino de uma vida inteira.

— Durante séculos... a humanidade chamou isso de muitas coisas.

Olhou para a Caixa.

— Prisão.

Silêncio.

— Arma.

Outro breve intervalo.

— Portal.

Balançou lentamente a cabeça.

— Nunca foi nenhuma delas.

Lucas ergueu os olhos.

— Então o que é?

John permaneceu alguns segundos em silêncio.

Como se nem mesmo ele gostasse da resposta.

Então falou.

— Uma Âncora.

O eco daquela única palavra percorreu toda a Câmara Central.

John continuou.

— Tudo o que existe... todo o universo... toda a realidade... depende de equilíbrio.

Aproximou lentamente a mão do enorme monólito.

Sem tocá-lo.

— Existem lugares onde esse equilíbrio é frágil.

Onde a fronteira entre mundos começa a ceder.

Os anéis luminosos aceleraram discretamente.

— Esta estrutura foi criada para impedir exatamente isso.

Lucas permaneceu imóvel.

— Impedir o quê?

John voltou lentamente o olhar para o filho.

— Que a realidade deixe de ser realidade.

O silêncio tornou-se quase insuportável.

Até mesmo o vento parecia incapaz de atravessar aquela câmara.

John observou novamente o monólito.

— A Caixa não mantém alguma coisa presa.

Respirou profundamente.

— Ela mantém... o nosso universo inteiro ancorado.

Nenhuma resposta veio.

Nenhuma pergunta.

Porque, naquele instante... todos compreenderam que estavam diante da descoberta mais importante da história da humanidade.

E também... da coisa mais perigosa que já existira.

Durante vários segundos...

ninguém disse uma única palavra.

O único som dentro da Câmara Central era o movimento lento dos cinco anéis de energia ao redor da Âncora.

Pareciam girar em ritmos diferentes.

Como se obedecessem a leis que ainda não existiam naquele universo.

Helena permaneceu observando o monólito.

Quando voltou a falar... sua voz carregava um respeito quase reverente.

— Eles estudaram a Âncora durante séculos.

Enquanto caminhava, os símbolos gravados no chão acendiam suavemente sob seus pés.

— Descobriram que ela mantinha fechada uma ruptura entre o nosso universo...

Olhou para Sophia.

— ...e o Outro Lado.

Sophia fechou os olhos por um instante.

Como se aquela verdade apenas confirmasse algo que sempre soubera, mas jamais conseguira explicar.

— Eles também descobriram outra coisa.

Continuou Helena.

— A Âncora não podia ser manipulada diretamente.

John assumiu a explicação.

— Então os Arquitetos criaram uma interface.

Lucas franziu a testa.

— Os Fragmentos.

John assentiu.

— Sim.

Os Fragmentos espalhados entre Orpheus e Black Sun começaram a vibrar novamente.

Respondendo à própria conversa.

— Eles não eram armas.

Nem objetos sagrados.

Nem relíquias.

John olhou para os artefatos.

— Eram chaves.

Mako aproximou-se alguns passos.

— Chaves para abrir a Caixa?

John respirou profundamente.

— E para fechá-la.

O silêncio caiu novamente sobre a Câmara.

John ergueu lentamente um dos Fragmentos da Black Sun.

A superfície cristalina refletia a luz azul dos anéis.

— Os Fragmentos foram projetados para trabalhar em conjunto. Separados...não significam quase nada.

Aproximou lentamente o Fragmento da Âncora.

Sem tocá-la.

— Unidos... permitem controlar o selo.

Lucas sentiu um aperto no peito.

— Então os Arquitetos podiam simplesmente abrir e fechar a Caixa quando quisessem?

— Não.

Respondeu Helena.

— Esse foi o preço.

Ela voltou a olhar para os enormes fósseis vistos do lado de fora.

Como se ainda pudesse enxergá-los através das paredes.

— Manipular a Âncora exigia muito mais do que tecnologia.

Sua voz tornou-se mais baixa.

— Exigia atravessar completamente para o Outro Lado.

Sophia levantou lentamente o rosto.

Como se finalmente compreendesse.

John continuou.

— Os Arquitetos descobriram que apenas alguém completamente imerso no Outro Lado poderia ativar os Fragmentos na configuração necessária para selar definitivamente a ruptura.

Lucas começou a compreender.

Helena fechou lentamente os olhos.

— Toda a civilização atravessou.

Sua voz carregava um peso difícil de descrever.

— Sabiam que jamais voltariam. Mesmo assim permaneceram do outro lado da Âncora... mantendo o selo fechado.

Sophia sentiu os olhos marejarem.

Agora os ecos faziam sentido.

Não eram almas presas.

Eram os últimos vestígios de uma civilização que aceitara desaparecer para que outra pudesse existir.

John voltou a falar.

— O plano deles era perfeito.

Fez uma pequena pausa.

— Se não fosse por uma falha inesperada.

Lucas olhou imediatamente para o pai.

— O que aconteceu?

— Quando o selo foi concluído... os Fragmentos se dispersaram.

John olhou para os artefatos espalhados entre os dois grupos.

— Eles deveriam permanecer juntos. Guardados aqui.

Respirou lentamente.

— Mas foram lançados pelo mundo. Perdidos. Esquecidos. Sepultados pelo tempo.

Helena completou.

— Durante milhões de anos... ninguém soube que eles existiam.

Mako cruzou os braços.

— Até aparecer a Black Sun.

John não negou.

— Nós apenas seguimos os rastros deixados pelos Arquitetos. Encontramos seus registros. Compreendemos o funcionamento dos Fragmentos.

Lucas permaneceu encarando o pai.

— E decidiram abrir a Caixa.

Pela primeira vez... John sorriu com tristeza.

— Não.

Silêncio.

— Decidimos terminar o trabalho que eles nunca puderam concluir.

Lucas balançou lentamente a cabeça.

— Abrindo uma ruptura que eles sacrificaram uma civilização inteira para manter fechada?

John aproximou-se alguns passos.

Pai e filho agora estavam separados por poucos metros.

— Você ainda está olhando para o passado.

Sua voz permanecia calma.

— Eu estou olhando para o futuro.

Estendeu lentamente uma das mãos.

— Lucas... você viu os Observadores. Viu o Outro Lado. Viu cidades impossíveis. Civilizações inteiras desaparecendo.

Respirou profundamente.

— A humanidade acredita que ocupa um lugar especial no universo.

Olhou ao redor.

— Não ocupa.

Apontou para os fósseis dos Arquitetos.

— Eles eram mais inteligentes do que nós. Mais antigos. Mais avançados.

Sua voz endureceu.

— E mesmo assim desapareceram.

O silêncio voltou.

— A humanidade seguirá exatamente o mesmo caminho.

Lucas respondeu imediatamente.

— Talvez.

Também deu um passo à frente.

— Mas deixar de ser humano para sobreviver...

Olhou para Cain.

Depois para Elias.

Depois para Aruem.

— Não é sobrevivência.

Voltou os olhos para o pai.

— É apenas outra forma de extinção.

Cain sorriu discretamente.

Como se esperasse exatamente aquela resposta.

John permaneceu imóvel durante alguns segundos.

Depois falou quase num sussurro.

— Você vai entender.

Lucas apertou com mais força o fuzil.

— Não.

Seu olhar não vacilou.

— Eu vou impedir você.

O silêncio que se seguiu foi interrompido por um som conhecido.

Um único pulso.

Grave.

Profundo.

Dessa vez... não veio da cidade.

Veio da própria Âncora.

Os cinco anéis luminosos aceleraram simultaneamente.

E, atrás de todos eles... Elias sorriu.

Como alguém que finalmente esperava por aquele momento.

O pulso ecoou novamente.

Mais forte.

Mais próximo.

Desta vez... ninguém apenas o ouviu.

Todos o sentiram.

O chão vibrou sob seus pés.

Os anéis ao redor da Âncora aceleraram discretamente.

A luz azul tornou-se mais intensa.

Como se alguma coisa tivesse acabado de despertar dentro do monólito.

Sophia arregalou os olhos.

A mão foi imediatamente ao crucifixo preso ao peito.

— Não...

Sua voz saiu quase sem ar.

— Tem alguma coisa errada.

Lucas voltou-se para ela.

— O quê?

Sophia olhava diretamente para Elias.

Não para o homem.

Mas para aquilo que existia atrás dele.

As sombras.

Elas já não permaneciam presas aos pés do médium.

Moviam-se sozinhas.

Como raízes vivas rastejando lentamente pelo chão da Câmara.

Aruem também percebeu.

Olhou para as próprias sombras.

Franziu discretamente a testa.

Aquilo não era obra dela.

As sombras apenas... respondiam.

Como animais reconhecendo o cheiro de um antigo predador.

Elias deu o primeiro passo em direção à Âncora.

John ergueu imediatamente a voz.

— Elias.

Nenhuma resposta.

Outro passo.

— Elias. Pare.

Ainda assim... o médium continuou caminhando.

Os olhos completamente negros permaneciam fixos no enorme monólito.

Como alguém seguindo uma voz que mais ninguém conseguia ouvir.

Helena deu um passo à frente.

— Elias. Olhe para mim.

Ele parou por um instante.

Muito lentamente... virou apenas a cabeça.

O sorriso permanecia o mesmo.

Mas não havia mais ninguém ali.

Os olhos... estavam vazios.

Não de emoção.

De humanidade.

Helena compreendeu antes de todos.

— John...

Sua voz perdeu completamente a firmeza.

— Nós o perdemos.

John respirou fundo.

— Elias. Afaste-se da Âncora. Ainda não está na hora.

O médium sorriu.

Quando falou... a voz parecia composta por várias outras.

Mais grave.

Mais antiga.

— Ele está esperando.

Um arrepio percorreu toda a Câmara.

Sophia levou as mãos à cabeça.

As vozes voltaram.

Não milhões.

Agora era apenas uma.

Muito mais antiga.

Muito maior.

Chamando.

Sempre chamando.

— Não escuta?

Sussurrou Elias.

Olhou diretamente para Sophia.

— Ele está chamando você também.

Sophia deu um passo involuntário.

Lucas segurou seu braço.

— Não.

Ela fechou os olhos.

Respirou profundamente.

Conseguiu resistir.

Mas por pouco.

Então aconteceu.

Os Fragmentos começaram a vibrar violentamente.

Primeiro os pertencentes à Orpheus.

Depois os da Black Sun.

As caixas de contenção simplesmente se abriram.

Sem comandos.

Sem mecanismos.

Os Fragmentos ergueram-se lentamente.

Flutuando.

Cada um deles começou a girar ao redor da própria estrutura.

Mako observava incrédulo.

As pedras cristalinas atravessaram lentamente o ar.

Como se uma força invisível as puxasse.

John avançou imediatamente.

— Segurem os Fragmentos!

Cain tentou alcançar um deles.

Foi lançado para trás por uma onda invisível.

Deslizou vários metros sobre o piso negro.

Nem ele conseguiu impedir.

Os Fragmentos continuaram subindo.

Aruem estendeu uma das mãos.

As sombras avançaram para capturá-los.

No instante em que tocaram a luz emitida pelos Fragmentos... recuaram violentamente.

Como animais queimados.

Aruem arregalou discretamente os olhos.

Era a primeira vez... que seus poderes eram repelidos.

Toda a Câmara começou a vibrar.

Depois... toda a cidade.

Muito acima... pontes estremeceram.

Torres emitiram a mesma luz azul.

As paredes vivas pulsaram simultaneamente.

Era como se milhões de circuitos esquecidos despertassem ao mesmo tempo.

John olhou desesperadamente para Helena.

— Isso não deveria acontecer.

Helena compreendeu imediatamente.

— Os Fragmentos ainda estão incompletos.

John assentiu.

Olhou novamente para Elias.

— Então... como ele está fazendo isso?

A resposta veio do próprio médium.

— Porque...

Ele sorriu.

— Eu não estou sozinho.

Sophia sentiu um grito atravessar sua mente.

Não um som.

Uma presença.

Muito abaixo da Câmara.

Muito abaixo da cidade.

Muito abaixo do gelo.

Lucas levantou o fuzil.

— Elias!

Mas já era tarde.

O médium abriu lentamente os braços.

Os cinco Fragmentos alinharam-se ao redor dele.

Como satélites.

Cada um ocupando uma posição perfeitamente simétrica.

Elias ergueu as duas mãos.

O mundo inteiro pareceu prender a respiração.

A Câmara foi tomada por uma luz branca.

Os anéis da Âncora pararam de girar.

Por um único segundo... houve silêncio absoluto.

Então... a luz mudou.

O azul desapareceu.

Transformou-se num dourado profundo.

Depois... num vermelho impossível.

O monólito negro emitiu uma única fissura luminosa.

Como uma pupila abrindo-se lentamente.

A onda de choque lançou todos contra o chão.

Colunas inteiras estremeceram.

Pontes ruíram ao longe.

A própria Necrópole Sob o Gelo pareceu despertar de um sono de milhões de anos.

A Âncora despertou.

E, em algum lugar muito além da realidade... algo abriu os olhos.

CAPÍTULO 14
O DESPERTAR

A luz vermelha espalhou-se pela Câmara Central como sangue percorrendo veias.

Os anéis deixaram de girar suavemente.

Agora aceleravam em velocidades diferentes.

Descompassados.

Violentos.

Como se tentassem corrigir à força algo que jamais deveria ter acontecido.

Elias permaneceu no centro de tudo.

Os Fragmentos aceleraram.

Uma volta.

Depois duas.

Depois tantas que já não era possível distingui-los.

Apenas círculos luminosos girando ao redor de Elias.

Sua voz já não lhe pertencia.

Era profunda.

Múltipla.

Como se dezenas de vozes falassem exatamente ao mesmo tempo.

— Eu consigo sentir...

Os Fragmentos responderam.

Atravessaram o ar simultaneamente.

Cada um ocupando uma posição ao redor do enorme monólito.

Sul.

Norte.

Leste.

Oeste.

O quinto ocupou posição central.

Sophia sentiu o sangue gelar.

— Lucas...

Ela deu um passo para trás.

— Eles estão completando o selo.

Os quatro Fragmentos emitiram um único clarão.

A Câmara inteira mergulhou no silêncio.

Então... o monólito negro respondeu.

Uma única linha luminosa surgiu em sua superfície.

Vertical.

Perfeita.

Como uma rachadura.

Muito lentamente... a linha começou a se abrir.

Não como uma porta.

Como um olho.

A luz que escapava daquela abertura não possuía cor.

Nem intensidade.

Parecia... realidade líquida.

Todos instintivamente deram um passo para trás.

Até mesmo John.

A Caixa... havia sido aberta.

O primeiro pulso atingiu Elias imediatamente.

Seu corpo arqueou para trás.

Os pés deixaram o chão.

Os Fragmentos continuavam girando ao seu redor.

Agora muito mais rápidos.

Elias riu.

— Eu consegui...

Respirou profundamente.

Como alguém experimentando um poder absoluto.

— Eu consigo ver...

Sua voz falhou.

A expressão mudou.

Confusão.

Depois dor.

Então horror.

A pele de suas mãos começou a enrugar.

Não lentamente.

Em segundos.

Como se décadas passassem diante dos olhos de todos.

Os dedos emagreceram.

As unhas escureceram.

Os cabelos embranqueceram instantaneamente.

— Não...

Elias tentou afastar os Fragmentos.

Nenhum se moveu.

Tentou interromper o ritual.

Nada aconteceu.

Seu próprio poder mediúnico explodiu ao redor do corpo.

Sombras.

Luz.

Símbolos.

Tudo ao mesmo tempo.

Mas a Âncora continuava drenando.

Não sua energia.
Sua existência.
A carne começou a desaparecer.
Primeiro do rosto.
Depois dos braços.
Depois do peito.
Não havia sangue.
Não havia ferimentos.
Era como se o próprio tempo estivesse consumindo seu corpo.
Helena correu.
— Elias!
Tentou agarrá-lo.
Uma onda invisível a lançou para trás.
Cain avançou logo em seguida.
Cravou os pés no chão.
Estendeu a mão.
— Segure minha mão!
Elias tentou alcançá-lo.
Os dedos chegaram a tocar o ar.
Nunca chegaram até Cain.
Lucas levantou o fuzil.
Sem saber exatamente em quem atirar.
Sophia apenas observava.
Os olhos marejados.
— Ela está rejeitando ele...
Sua voz saiu quase num sussurro.
— Ele não é compatível.
A drenagem acelerou.
A pele aderiu aos ossos.
Os músculos desapareceram.
Os olhos afundaram.
Os lábios retraíram-se.

Em menos de um minuto... Elias já não parecia um homem.

Parecia uma múmia.

Ressequida.

Vazia.

Congelada no instante anterior à morte.

Mesmo assim... continuava consciente.

Olhou desesperadamente para John.

— Me... ajude...

Foi a última palavra.

No instante seguinte... toda a energia restante de seu corpo foi arrancada de uma só vez.

O cadáver mumificado desfez-se em poeira negra.

Que foi imediatamente absorvida pela abertura da Caixa.

O silêncio permaneceu absoluto.

Os Fragmentos continuavam girando.

A abertura luminosa da Âncora aumentava lentamente.

Como uma ferida rasgando o próprio universo.

John permaneceu olhando para o lugar onde Elias desaparecera.

Não havia raiva.

Nem surpresa.

Apenas... decepção.

Sua voz saiu baixa.

Quase cansada.

— Eu disse que ainda não era hora...

Fechou lentamente os olhos.

— Elias desperdiçou a própria vida em vão.

Lucas continuava encarando o pai.

Sem compreender.

John voltou o olhar para a Âncora.

Depois... para o filho.

— Ele sabia.

Silêncio.

— Sabia que precisaríamos de você para concluir o processo de forma segura.

Lucas sentiu um frio percorrer todo o corpo.

— O que você quer dizer com isso?

John caminhou lentamente em sua direção.

Não havia hostilidade em seus movimentos.

Nem arrogância.

Parecia apenas um homem cansado.

— Eu nunca quis transformar você em uma arma.

Lucas apertou o fuzil.

— Foi você que me matou.

John assentiu.

— Sim.

A resposta foi imediata.

Sem tentativa de justificar.

Sem negar.

— E foi a decisão mais difícil da minha vida.

O silêncio que se seguiu pareceu mais pesado que toda a Câmara.

— Então por quê?

Perguntou Lucas.

A voz falhou pela primeira vez.

John respirou profundamente.

— Porque eu já sabia.

Olhou para a abertura da Âncora.

— Sabia que um dia alguém precisaria atravessar completamente o Outro Lado... e voltar.

Sophia ergueu lentamente o rosto.

John continuou.

— Os Arquitetos descobriram tarde demais.

Eles não possuíam um corpo capaz de suportar a travessia.

Precisaram sacrificar toda a própria espécie.

Sua voz tornou-se mais firme.

— Eu me recusei a aceitar aquele destino para a humanidade.

Lucas permaneceu imóvel.

— Então você resolveu fazer experimentos com seu próprio filho.

John fechou os olhos por um instante.

— Resolvi dar à humanidade uma chance.

Silêncio.

— O Protocolo Lázaro...

Olhou diretamente para Lucas.

— Nunca teve como objetivo ressuscitar mortos.

As palavras ecoaram pela Câmara.

— Seu verdadeiro objetivo era criar...

Fez uma breve pausa.

— Um Artefato Vivo.

Ninguém respirou.

Até Sophia permaneceu completamente imóvel.

John voltou a falar.

— Um ser humano capaz de existir nos dois lados da realidade. Capaz de tocar a Âncora. Capaz de sobreviver onde os Arquitetos morreram.

Lucas sentia a própria respiração acelerar.

Pequenos fragmentos de sua vida começavam a fazer sentido.

Os sonhos.

Os Observadores.

A morte.

As visões.

O Outro Lado.

Nada fora um acidente.

Tudo fazia parte do mesmo experimento.

John deu mais um passo.

A voz tornou-se quase paternal.

— Você voltou exatamente como eu precisava que voltasse.

Lucas permaneceu em silêncio durante vários segundos.

Então respondeu.

— Eu não sou seu experimento.

John sorriu com tristeza.

— Nunca foi apenas isso.

— Então o que eu sou?

John olhou novamente para a abertura da Âncora.

— A única pessoa capaz de impedir a extinção da humanidade.

Lucas balançou lentamente a cabeça.

— Abrindo essa coisa?

— Evoluindo.

Corrigiu John.

— Tornando nossa espécie capaz de sobreviver ao que está vindo.

Lucas olhou para os fósseis dos Arquitetos.

Depois para Sophia.

Depois para os próprios companheiros.

Então respondeu calmamente.

— Se para sobreviver nós precisarmos deixar de ser humanos...

Sua voz ecoou pela Câmara.

— Então os Arquitetos morreram por absolutamente nada.

John permaneceu em silêncio.

Foi nesse instante... que a Âncora emitiu um novo pulso.

Muito mais violento.

Os anéis perderam completamente a sincronia.

A abertura luminosa começou a oscilar.

As paredes da Câmara racharam.

A cidade inteira estremeceu.

Helena deu um passo para trás.

Havia medo em sua expressão.

— John...

Ela olhava para os instrumentos presos ao pulso.

Todos enlouquecendo.

— Estamos perdendo a estabilidade.

John voltou-se imediatamente para a Âncora.

Sua expressão mudou completamente.

— Não...

A abertura continuava aumentando.

Rachaduras luminosas espalhavam-se pelo monólito.

Como se a própria realidade estivesse começando a partir.

Então... Aruem deu um passo à frente.

As sombras arroxeadas espalharam-se imediatamente por toda a Câmara.

Subindo pelas paredes.

Envolvendo os Fragmentos.

Envolvendo a própria Âncora.

Sophia arregalou os olhos.

John estendeu a mão.

— Lee! Não!

Aruem olhou para John com decisão.

— Se a Âncora colapsar...

— Não haverá humanidade para evoluir.

As sombras atravessaram completamente a abertura luminosa.

Durante um breve instante... pareceu funcionar.

Os anéis diminuíram a velocidade.

As rachaduras começaram a se fechar.

Todos prenderam a respiração.

Então... alguma coisa respondeu do outro lado.

As sombras estremeceram.

Como se tivessem encontrado algo infinitamente maior do que elas.

A expressão de Aruem mudou.

Pela primeira vez... ela pareceu verdadeiramente assustada.

— Não...

Sua voz saiu num sussurro.

— Isso é impossível...

As sombras começaram a ser puxadas para dentro da abertura.

Aruem tentou recuar.

Era tarde demais.

Toda a energia roxa foi arrancada de seu corpo.

Como fios sendo desenrolados.

Ela estendeu a mão para John.

Não pediu ajuda.

Apenas o olhou pela última vez.

Então... seu corpo começou a se desfazer.

Não havia sangue.

Não havia dor.

Ela simplesmente... deixou de existir.

Como se jamais tivesse pertencido àquele universo.

A última sombra desapareceu dentro da Âncora.

CAPÍTULO 15
A ÚLTIMA LINHA

O silêncio durou menos de um segundo.

O desaparecimento de Aruem Lee rompeu o último equilíbrio.

Durante um único segundo...

a Câmara permaneceu completamente imóvel.

Então... a Âncora ressoou.

Uma vez.

O som atravessou a cidade.

Depois atravessou a Antártica.

Depois... atravessou o mundo.

Não era um ruído.

Era um pulso.

Como o primeiro batimento de um coração que permanecera adormecido durante milhões de anos.

A luz da abertura deixou de oscilar.

Agora pulsava.

Expandindo.

Contraindo.

Expandindo.

Contraindo.

Como um organismo vivo.

Muito acima da Câmara... as enormes torres negras começaram a emitir a mesma luz dourada.

As linhas luminosas escondidas sob a obsidiana despertaram simultaneamente.

A energia percorreu avenidas inteiras.

Pontes.

Praças.

Escadarias.

Como sangue voltando a circular por um corpo antigo.

Um estrondo percorreu as profundezas.

As gigantescas engrenagens escondidas sob a cidade voltaram a girar.

Pontes começaram a se mover lentamente.

Corredores inteiros alteravam sua posição.

Escadarias desapareciam dentro das paredes.

Outras surgiam onde segundos antes existia apenas pedra.

A própria arquitetura reorganizava-se.

Teo observava incrédulo.

— A cidade...

Uma enorme avenida deslizou centenas de metros diante deles.

Mako não conseguia desviar os olhos das paredes.

Os símbolos mudavam em velocidade cada vez maior.

Já não pareciam inscrições.

Pareciam pensamentos.

Como se a cidade inteira estivesse processando alguma informação.

Então... o mundo mudou.

Muito longe dali... na Amazônia... um pescador observava o rio quando a água simplesmente desapareceu por um segundo.

No instante seguinte... voltou.

Como se nada tivesse acontecido.

O homem também não estava mais lá.

Em Tóquio... centenas de pessoas ergueram os olhos ao mesmo tempo.

O céu abriu pequenas fissuras negras entre as nuvens.

Algumas permaneceram por segundos.

Outras... continuaram crescendo.

Em Nova York... todos os relógios digitais marcaram exatamente o mesmo horário.

00:00.

Mesmo sendo meio-dia.

Na Sibéria... as antigas transmissões soviéticas voltaram ao ar.

Mas agora... não transmitiam vozes humanas.

Na Inglaterra... a Porta Negra dos subterrâneos abriu-se sozinha.

Sem ninguém diante dela.

Na Argentina... moradores próximos à antiga caverna saíram de suas casas.

Todos caminhando na mesma direção.

Em silêncio.

Como sonâmbulos.

Na África... animais migratórios mudaram abruptamente de rota.

Milhares deles.

Como se estivessem fugindo de alguma coisa invisível.

Em todo o planeta... crianças começaram a desenhar exatamente a mesma cidade.

Sem jamais terem se encontrado.

Auroras negras cruzaram os céus.

Mesmo em regiões tropicais.

E pessoas... simplesmente desapareceram.

Sem explosões.

Sem sangue.

Sem rastros.

Como se nunca tivessem existido.

No The Vault... todos os alarmes dispararam simultaneamente.

As telas da sala de operações começaram a exibir centenas de pontos vermelhos.

Depois milhares.

Maya permaneceu imóvel.

Os dedos ainda sobre o teclado.

Sem conseguir acompanhar a quantidade de ocorrências.

— Meu Deus...

Eleanor olhava para os gráficos.

Todos ultrapassavam qualquer limite previsto.

Anomalias psíquicas.

Rupturas gravitacionais.

Distorções eletromagnéticas.

Fenômenos de desaparecimento.

Tudo aumentava exponencialmente.

Adrian aproximou-se lentamente.

— Quantos eventos?

Maya respirou fundo.

Quando respondeu... sua voz tremia.

— Não são eventos...

Olhou novamente para as telas.

— É o planeta inteiro.

De volta à Necrópole Sob o Gelo... o silêncio havia desaparecido.

Agora... ela respirava.

As paredes pulsavam.

As ruas vibravam.

As torres emitiam um som grave.

Quase imperceptível.

Como um coral formado por milhares de vozes muito antigas.

Então... as estruturas de obsidiana começaram a rachar.

Primeiro uma.

Depois dezenas.

Depois... centenas.

As fissuras abriram-se lentamente.

Como casulos rompendo-se por dentro.

Lucas levantou imediatamente o fuzil.

— Contato!

Das rachaduras... mãos surgiram.

Negras.

Alongadas.

Humanas... apenas à distância.

Depois vieram os corpos.

Um.

Outro.

Depois dezenas.

Os Observadores emergiam lentamente das próprias construções.

Como se sempre tivessem permanecido adormecidos dentro delas.

Silenciosos.

Nenhum emitia qualquer som.

Nenhum demonstrava agressividade.

Apenas caminhavam.

Centenas deles espalharam-se pelas avenidas.

Depois milhares.

Todos olhando para a Câmara Central.

Todos olhando para a Âncora.

E... quando finalmente voltaram os rostos... todos olharam exatamente para Lucas.

Depois... para Sophia.

Como se os reconhecessem.

Sophia sentiu um frio atravessar o corpo.

Lucas permaneceu imóvel.

O dedo ainda sobre o gatilho.

A Âncora pulsou novamente.

Sophia observava a abertura luminosa da Âncora.

Agora ela realmente pulsava.

Como um coração.

Lento.

Constante.

Inexorável.

Lágrimas escorreram silenciosamente por seu rosto.

Ela olhou para Lucas.

Depois para a Câmara.

E sussurrou:

— Nós chegamos tarde demais.

Então... os Observadores começaram a se mover.

Não correram.

Não gritaram.

Não demonstraram qualquer emoção.

Deram apenas um passo.

Depois outro.

E outro.

Todos na mesma direção.

Todos caminhando lentamente em direção à Câmara Central.

Lucas ergueu o fuzil.

— Contato.

Ao redor da Câmara... as paredes de obsidiana voltaram a se abrir.

As enormes rachaduras cresceram como flores negras desabrochando.

Delas surgiam cada vez mais Observadores.

Centenas.

Depois milhares.

Silenciosos.

Pacientes.

Como se soubessem que ninguém escaparia dali.

Mas eles não eram os únicos.

Passagens que permaneceram escondidas durante milhões de anos revelaram corredores iluminados pela mesma luz dourada da Âncora.

Deles... surgiram homens armados.

Vestidos com os uniformes negros da Black Sun.

Muito mais numerosos do que Lucas imaginava.

Equipes inteiras ocupavam rapidamente posições elevadas entre as ruínas.

Fuzis de precisão.

Metralhadoras pesadas.

Lançadores.

Como se já esperassem aquela batalha havia muito tempo.

Lucas estreitou os olhos.

— Eles trouxeram um exército... como?

Cain caminhou lentamente para a frente da formação.

Girando uma das facas entre os dedos.

O sorriso arrogante permanecia no rosto.

— Não achou que viríamos sozinhos...

Olhou rapidamente para os Observadores que continuavam se aproximando.

— ...achou?

Antes que alguém respondesse... a Âncora pulsou novamente.

Desta vez... o impacto foi diferente.

A onda invisível atravessou toda a Câmara.

Passou pelos Marcados.

Passou pelos soldados da Black Sun.

Passou pelos Observadores.

Os Observadores não reagiram.

Os Marcados apenas sentiram uma pressão insuportável dentro da cabeça.

Mas os soldados modificados geneticamente...

Começaram a gritar.

O primeiro caiu de joelhos.

A arma escapou de suas mãos.

Veias negras espalharam-se rapidamente pelo pescoço.

Outro começou a vomitar uma substância escura.

Espessa.

Quase viva.

Um terceiro segurava desesperadamente o próprio rosto.

Como se alguma coisa tentasse sair de dentro dele.

John arregalou os olhos.

— Recuem! Isso não deveria acontecer.

Era tarde.

Os corpos começaram a se deformar.

Braços alongavam-se de maneira impossível.

As articulações quebravam.

Reconstruíam-se.

Costelas atravessavam a pele.

Mandíbulas abriam-se muito além do limite humano.

Alguns soldados cresceram quase um metro.

Outros encolheram.

Fundindo carne e osso em formas grotescas.

Gritos humanos transformaram-se em sons que nenhuma garganta deveria produzir.

Em poucos segundos... o pelotão da Black Sun deixara de existir.

No lugar deles... erguiam-se híbridos monstruosos.

Seres deformados pela ruptura.

Nem humanos.

Nem completamente pertencentes ao Outro Lado.

Cain permaneceu imóvel.

Observando tudo.

Por um breve instante... veias negras também surgiram sob sua pele.

Percorreram o pescoço.

Subiram até o rosto.

Seus olhos adquiriram um brilho avermelhado.

As pupilas estreitaram-se.

Como as de um predador.

Então... desapareceram.

Ele respirou fundo.

Fechou lentamente a mão ao redor do cabo das facas.

Sorriu.

— Interessante...

John percebeu.

Mas não disse nada.

Muito além dos híbridos... outras figuras começavam a surgir entre as avenidas da cidade.

Primeiro vieram os Afogados.

Caminhando lentamente.

A água negra escorria continuamente de seus corpos.

Cada passo deixava pequenas poças sobre o piso de obsidiana.

Seus olhos permaneciam completamente brancos.

Vazios.

Depois... os Peregrinos.

Altos.

Magros.

Cobertos por mantos feitos de algo que lembrava pele ressecada.

Nenhum possuía rosto.

Apenas uma superfície lisa onde deveria existir uma face.

Mesmo assim...

todos pareciam olhar diretamente para Sophia.

Ela recuou instintivamente.

— Eles conseguem me ver...

As ruas começaram a mudar novamente.

Pontes deslocavam-se.

Paredes giravam.

Corredores desapareciam.

Novos caminhos surgiam onde antes existia apenas pedra.

Era impossível saber qual direção permanecia a mesma.

— Precisamos sair daqui!

Gritou Ethan.

Lucas apontou para um amplo corredor lateral.

— Por ali!

Os Marcados correram.

Ethan e Nora protegiam um dos flancos.

Teo disparava rajadas curtas contra os híbridos que avançavam.

Mako, apoiado em sua prótese experimental, tentava guiar os Marcados com a ajuda de seus equipamentos.

Sophia permanecia próxima de Lucas.

Atrás deles... os Observadores finalmente aceleraram.

Não corriam.

Mas a própria cidade os aproximava.

Corredores encurtavam.

Escadarias reposicionavam-se.

Portas fechavam-se.

Era como fugir dentro de um organismo que desejava levá-los exatamente para onde não queriam ir.

Após alguns minutos... o grupo freou bruscamente.

À frente... uma interseção.

Atrás deles... os Observadores.

Pelos lados... híbridos.

Mais acima... os Peregrinos desciam silenciosamente pelas paredes.

Estavam cercados.

Ninguém precisou dizer.

Todos compreenderam ao mesmo tempo.

Não havia saída.

Dmitri olhou lentamente ao redor.

Depois para Lucas.

Depois para Sophia.

Depois para Ethan, Nora, Teo e Mako.

Respirou uma única vez.

Profundamente.

Retirou o carregador do enorme fuzil.

Colocou outro.

Depois outro no colete.

Verificou a faca presa à cintura.

Tudo com absoluta calma.

Lucas percebeu primeiro.

— Dmitri...

O russo apenas balançou levemente a cabeça.

— Não.

Sua voz permanecia firme.

— Você sabe.

Lucas apertou o cabo do fuzil.

— Nós damos um jeito.

Um pequeno sorriso surgiu no rosto marcado do veterano.

— Sempre diz isso.

Olhou rapidamente para Sophia.

— Desta vez... não dá.

Nenhum discurso.

Nenhuma despedida.

Apenas aceitação.

Dmitri caminhou até o estreito acesso por onde os monstros avançavam.

Apoiou a pesada metralhadora sobre uma antiga estrutura dos Arquitetos.

Respirou fundo.

Olhou pela última vez para Lucas.

Depois falou com uma serenidade que parecia impossível naquele momento.

— Melhor um homem morto...

Engatilhou a arma.

— ...do que um covarde vivo.

Lucas permaneceu imóvel.

Dmitri sorriu discretamente.

Lucas deu um passo à frente.

— Dmitri!

O russo não respondeu.

Apenas abriu fogo.

A metralhadora rugiu.

Os primeiros híbridos foram despedaçados.

Enquanto os Marcados corriam para o lado oposot, os Observadores continuaram avançando através da tempestade de projéteis.

Agora ao longe... os disparos continuavam.

Incessantes.

Pesados.

Depois vieram explosões.

Depois... gritos.

Depois... mais disparos.

Então... silêncio.

Ninguém disse uma palavra.

Nem Lucas.

Nem Sophia.

Apenas permaneceram olhando para trás.

E sabendo... que Dmitri Volkov escolhera morrer exatamente da forma que sempre vivera.

Como um homem.

Ninguém teve tempo para lamentar.

A Âncora pulsou outra vez.

O impacto foi muito mais violento.

Lucas sentiu como se algo atravessasse seu peito.

O ar desapareceu dos pulmões.

O fuzil escapou de suas mãos.

Ele caiu de joelhos.

— Lucas!

Sophia correu em sua direção.

Mas antes que pudesse alcançá-lo... seus olhos perderam completamente o foco.

CAPÍTULO 16
O OUTRO LADO

O mundo desapareceu.

Não houve luz.

Nem escuridão.

Apenas... silêncio.

Quando voltou a abrir os olhos... a Necrópole Sob o Gelo havia desaparecido.

O chão sob seus pés era feito de uma matéria negra que refletia um céu impossível.

Acima dele... não existiam estrelas.

Existiam... universos.

Milhares deles.

Nascendo.

Morrendo.

Colidindo.

Desfazendo-se.

Tudo ao mesmo tempo.

Como se o tempo inteiro do cosmos pudesse ser observado em um único instante.

Lucas caminhou lentamente.

Cada passo fazia pequenas ondas atravessarem aquele solo escuro.

Como se estivesse andando sobre um oceano imóvel.

Ao longe... erguiam-se cidades.

Algumas lembravam metrópoles humanas.

Outras... desafiavam completamente qualquer conceito de arquitetura.

Estruturas vivas.

Montanhas artificiais.

Torres feitas de luz.

Oceanos suspensos no vazio.

Todas... mortas.

Ruínas silenciosas de civilizações que já não existiam.

Enquanto caminhava... sombras começaram a surgir.

Primeiro uma.

Depois centenas.

Depois milhares.

Não eram pessoas.

Eram ecos.

Habitantes daqueles mundos.

Fragmentos de memórias.

Vestígios de vidas que haviam desaparecido muito antes da humanidade existir.

Nenhum deles olhava para Lucas.

Todos caminhavam.

Sempre na mesma direção.

Como uma procissão infinita.

Então ele o viu.

Parado diante de uma antiga ponte de pedra.

O homem mais velho.

Os cabelos completamente brancos.

O rosto marcado pelo tempo.
A mesma cicatriz.
O mesmo olhar cansado.
O Lucas que encontrara no Hotel Impossível.
O homem sorriu discretamente.
— Demorou.
Lucas aproximou-se.
— Você de novo...
O velho olhou para o horizonte.
— Sim.
Silêncio.
— Eu sou... quem você poderia ter sido.
Lucas respirou lentamente.
— Eu vi você naquele hotel.
O homem assentiu.
— Todos nós vimos.
Lucas franziu a testa.
— Todos?
O velho ergueu lentamente uma das mãos.
A realidade ao redor começou a mudar.
Dezenas de figuras surgiram.
Depois centenas.
Todos eram Lucas.
Um usava uma armadura desconhecida.
Outro parecia muito mais velho.
Outro carregava uma criança nos braços.
Outro vestia o uniforme da Black Sun.
Um deles sequer possuía traços completamente humanos.
Centenas.
Talvez milhares.
Todos olhando para ele.
Todos... possibilidades.
Todos... vidas que jamais aconteceram.

O velho voltou a falar.

— Toda escolha cria uma memória. Nem todas criam um mundo.

Antes que Lucas pudesse responder... as figuras desapareceram.

Como poeira levada pelo vento.

No lugar delas... outros seres começaram a surgir.

Altos.

Esguios.

Luminosos.

Não possuíam rosto.

Nem boca.

Nem olhos.

Mas sua presença transmitia uma serenidade impossível.

Lucas compreendeu imediatamente.

Os Arquitetos.

Não seus corpos.

Suas consciências.

Preservadas.

Um deles aproximou-se lentamente.

Quando falou... a voz não atravessou o ar.

Surgiu diretamente na mente de Lucas.

— Você finalmente atravessou.

Lucas permaneceu imóvel.

— Vocês... esperavam por mim?

Silêncio.

— Esperávamos... por alguém.

Outro Arquiteto aproximou-se.

— Você não é o único... que foi tocado pelo Outro Lado.

As palavras permaneceram ecoando dentro de sua mente.

Lucas lembrou-se imediatamente de Sophia.

Como se respondessem ao próprio pensamento... os Arquitetos moveram-se lentamente.

Abrindo espaço.

Muito distante...

como se observasse outra realidade através da água... Lucas viu Sophia.

Ela ainda estava ajoelhada na Câmara Central.

Segurando seu corpo inconsciente.

Chamando seu nome.

Um dos Arquitetos voltou lentamente o olhar para ela.

Não disse uma palavra.

Apenas permaneceu observando.

Lucas compreendeu.

Ela também fazia parte daquilo.

Então as lembranças começaram.

Não eram memórias dele.

Eram... verdades.

Ele viu a própria morte.

A emboscada.

O pescoço quebrando.

O coração parando.

Depois... o silêncio.

Mas, antes que sua consciência desaparecesse completamente... alguma coisa abriu os olhos.

Não possuía forma.

Nem voz.

Nem nome.

Apenas... percebeu sua existência.

A ligação aconteceu naquele instante.

Os Arquitetos deixaram a lembrança desaparecer.

Outro deles continuou a explicação.

— Seu pai compreendeu o que havia acontecido.

Lucas viu laboratórios.

Tanques.
Documentos.
Experimentos.
John Wright trabalhando durante anos.
Reescrevendo o corpo do próprio filho.
Alterando células.
Sistema nervoso.
Cérebro.
Não para ressuscitá-lo.
Mas para permitir que sobrevivesse ao contato permanente com o Outro Lado.
— O Protocolo Lázaro...
A voz ecoou novamente.
— Nunca buscou vencer a morte.
As imagens mudaram.
Lucas viu incontáveis corpos.
Todos falhando.
Todos morrendo.
Até... ele.
— O objetivo sempre foi criar...
Silêncio.
— Uma ponte viva.
Lucas permaneceu imóvel.
— Entre as duas realidades.
Todas as peças finalmente se encaixavam.
Os sonhos.
As visões.
Os Observadores.
A resistência física impossível.
O Outro Lado.
Nada havia sido acaso.
Tudo fazia parte do mesmo projeto.
Lucas fechou lentamente os olhos.
— Então... eu sempre fui a chave.

Os Arquitetos permaneceram em silêncio.

Nenhum confirmou.

Nenhum negou.

Apenas observaram.

Então... o primeiro deles voltou novamente o olhar para Sophia.

Muito distante.

Do outro lado da realidade.

Havia respeito naquele gesto.

Quase reconhecimento.

Lucas acompanhou seu olhar.

— Ela também...

O Arquiteto olhou para o horizonte como se conseguisse ver a realidade longe dali.

— Ela foi tocada pelo Outro Lado desde o nascimento... uma sobrevivente.

Lucas compreendeu.

Ele não estava sozinho.

E, naquele instante, percebeu que o destino da humanidade jamais dependera apenas dele.

Dependia... dos dois.

Lucas abriu os olhos bruscamente.

O peso da gravidade voltou de uma só vez.

O frio.

O cheiro metálico da Cidade Sob o Gelo.

Os gritos ao longe.

O som grave da Âncora pulsando como um coração colossal.

Tudo retornou.

— Lucas!

Sophia segurou seu rosto com as duas mãos.

Os olhos estavam marejados.

— Você voltou...

Ele respirou profundamente.

Ainda conseguia sentir o Outro Lado.

Como se uma parte de sua consciência tivesse permanecido lá.

Ergueu lentamente o olhar.

A Cidade continuava mudando.

Corredores deslizavam sobre trilhos invisíveis.

Torres deslocavam-se lentamente.

Ao longe, Observadores caminhavam em silêncio entre as avenidas ciclópicas.

Não havia mais distinção entre arquitetura e organismo.

Tudo parecia vivo.

Então ouviu passos.

Não eram Observadores.

Eram botas.

Lucas virou-se imediatamente.

Do outro lado da interseção... a Black Sun havia alcançado o grupo.

Cain caminhava à frente.

As duas facas já estavam nas mãos.

Helena permanecia alguns passos atrás, observando a instabilidade crescente da Âncora.

Soldados sobreviventes protegiam os flancos, enquanto híbridos deformados vagavam entre eles sem que ninguém ousasse enfrentá-los.

John Wright caminhava sozinho.

Devagar.

Sem levantar qualquer arma.

Lucas imediatamente apontou o fuzil.

Os demais Marcados fizeram o mesmo.

John parou a poucos metros de distância.

Olhou primeiro para Sophia.

Depois para Lucas.

— Abaixem as armas.

Ninguém obedeceu.

Cain sorriu.

— Acho que eles não confiam muito na gente depois de tudo que fizemos.

John sequer olhou para ele.

— Ainda não.

O silêncio voltou a dominar o corredor.

John voltou a olhar para Lucas.

— Ainda existe uma chance de evitar tudo isso.

Lucas não respondeu.

— Eu não vim lutar.

Silêncio.

— Vim conversar com meu filho.

As palavras permaneceram suspensas entre eles.

Sophia olhou discretamente para Lucas.

Percebeu que ele tremia.

Não de medo.

Mas porque finalmente possuía todas as respostas que procurara durante anos.

— Você sempre foi mais forte do que qualquer outro candidato. Seu corpo resistiu. Sua mente resistiu. Você atravessou a morte... e voltou.

Sua voz tornou-se quase emocionada.

— Eu tinha certeza de que, quando entendesse toda a verdade... você ficaria ao meu lado.

Lucas olhou ao redor.

Os Observadores.

Os híbridos.

A Cidade despertando.

A realidade se rompendo.

Depois voltou os olhos para o pai.

— Você acredita mesmo... que isto é salvação?

John respondeu sem hesitar.

— Não.

Todos o encararam.

— Isto...

Apontou para a ruptura distante, acima da Âncora.

— É o nascimento da próxima humanidade.

Sophia fechou lentamente os olhos.

John continuou.

— Permanecer humano não é mais uma opção. O universo mudou. A Âncora está falhando. Mais cedo ou mais tarde... outra ruptura acontecerá.

Estendeu lentamente a mão para Lucas.

— Venha comigo.

Sua voz era calma.

Quase um pedido.

— Abra a Caixa completamente.

Lucas permaneceu completamente imóvel.

Lembrou-se das consciências dos Arquitetos.

Dos mundos mortos.

Das cidades vazias.

Da procissão infinita de ecos caminhando pelo Outro Lado.

Depois olhou para Sophia.

Ela apenas balançou a cabeça muito discretamente.

Não era uma ordem.

Era confiança.

Ela confiaria na escolha dele.

Qualquer que fosse.

Lucas respirou profundamente.

Quando voltou a falar... sua voz estava absolutamente firme.

— Não.

O silêncio tornou-se quase doloroso.

John permaneceu olhando para o filho.

Esperando que ele continuasse.

Lucas continuou.

— Passei a vida inteira tentando entender por que sobrevivi. Hoje eu descobri.

Olhou diretamente para a Âncora.

— Não foi para abri-la.

Voltou os olhos para o pai.

— Foi para fechá-la.

As palavras ecoaram pelos corredores vivos da cidade.

John não respondeu imediatamente.

Permaneceu completamente imóvel.

Como se ainda procurasse algum vestígio do garoto que um dia conhecera.

Depois... fechou lentamente os olhos.

Quando tornou a abri-los... não havia mais um pai diante de Lucas.

Havia apenas o líder da Black Sun.

Toda a tristeza desaparecera.

Toda a esperança também.

Restava apenas determinação.

— Então... acabou.

Virou-se lentamente.

Cain já sorria.

Como se esperasse aquela resposta desde o início.

John falou sem elevar a voz.

— Mate todos.

Fez uma breve pausa.

Sem olhar para trás.

— Menos ele.

Cain girou lentamente as duas facas entre os dedos.

Os olhos avermelhados encontraram imediatamente os de Lucas.

Um sorriso cruel surgiu em seu rosto.

— Com prazer.

Atrás dele... os poucos soldados restantes da Black Sun ergueram suas armas.

Ao mesmo tempo... os Observadores interromperam sua marcha silenciosa e voltaram seus rostos para os dois grupos.

A Necrópole Sob o Gelo parecia prender a respiração.

A última palavra de John ainda ecoava pelos corredores da Cidade Sob o Gelo.

— Mate todos.

O primeiro disparo rompeu o silêncio.

Depois outro.

Depois dezenas.

Os soldados remanescentes da Black Sun abriram fogo quase simultaneamente.

As rajadas cortaram o corredor em direção aos Marcados.

Lucas lançou-se para o lado.

— Cobertura!

Ethan respondeu imediatamente.

Seu fuzil rugiu.

Dois soldados caíram antes mesmo de encontrarem abrigo.

Nora girou o corpo sobre uma antiga coluna dos Arquitetos e eliminou outro atirador com um único disparo preciso.

Teo avançava de cobertura em cobertura.

Os anos atravessando florestas, montanhas e cavernas transformavam qualquer terreno em vantagem.

Nem mesmo aquela cidade impossível parecia capaz de desacelerá-lo.

Mako ajoelhou-se atrás de uma estrutura de obsidiana.

Disparava sua pistola sem precisão nenhuma, enquanto tentava proteger seus equipamentos.

Linhas luminosas espalharam-se pelas paredes.

Durante alguns segundos... algumas passagens deixaram de se mover.

Pontes interromperam sua reorganização.

Era pouco.

Mas suficiente para criar uma rota de fuga temporária.

Sophia permaneceu no centro da formação.

Não empunhava uma arma.

Fechou lentamente os olhos.

As mãos uniram-se diante do crucifixo preso ao peito.

O ar tornou-se pesado.

Um círculo translúcido expandiu-se ao redor dos Marcados.

Quase invisível.

Como vidro refletindo a luz da Âncora.

Os primeiros projéteis atingiram a barreira.

Nenhum conseguiu atravessá-la.

Ondas azuladas espalharam-se pela superfície psíquica.

Sophia respirava com dificuldade.

— Você é cheia de surpresas.

Comentou Teo.

—Esse local... o fluxo de poder é muito maior aqui. Mas mesmo assim não vai durar muito...

Lucas respondeu sem desviar os olhos do combate.

— Só precisamos de alguns segundos.

Mas a batalha já não pertencia nem à Orpheus.

Nem à Black Sun.

Um Observador atravessou silenciosamente a linha de tiro.

Um soldado da Black Sun virou o fuzil em sua direção.

Antes que pudesse disparar... outras três figuras negras surgiram atrás dele.

Nenhum golpe foi visto.

Quando os Observadores passaram... o soldado simplesmente desaparecera.

Nem sangue.

Nem corpo.

Como se jamais tivesse ocupado aquele espaço.

Outro híbrido deformado lançou-se sobre dois companheiros da própria Black Sun.

Os três desapareceram em uma massa de carne, ossos e membros que se retorciam violentamente.

Os gritos ecoaram por toda a cidade.

Mais adiante... os Afogados avançavam lentamente.

Cada passo deixava um rastro de água negra sobre a obsidiana viva.

Os disparos atravessavam seus corpos.

Nenhum diminuía seu ritmo.

Os Peregrinos surgiam entre as construções.

Não caminhavam.

Pareciam deslizar.

Os longos mantos feitos de pele ressecada ocultavam completamente seus corpos.

Onde deveriam existir rostos... havia apenas superfícies lisas.

Mesmo assim... todos voltavam suas cabeças exatamente na direção dos combatentes.

Era impossível saber quem era inimigo.

Tudo atacava tudo.

Os híbridos investiam contra soldados da Black Sun.

Os Observadores atravessavam Marcados e Black Sun indiscriminadamente.

Os Peregrinos arrastavam qualquer criatura suficientemente próxima para dentro das sombras entre os edifícios.

A Necrópole Sob o Gelo parecia ter decidido eliminar todos os invasores.

Então... ela voltou a mudar.

O corredor à esquerda simplesmente desapareceu.

As paredes deslizaram umas sobre as outras como placas tectônicas.

Uma ponte inteira ergueu-se do chão.

Outra afundou lentamente na escuridão.

Escadarias cresciam diretamente da obsidiana.

Enquanto outras eram engolidas pela própria cidade.

Mako olhava incrédulo para os mapas digitais.

— Não existe geometria que explique isso!

Ethan puxou-o pelo colete um segundo antes de uma parede atravessar exatamente o lugar onde ele estava.

— Esquece a geometria! Corre!

Uma enorme torre moveu-se ao longe.

Seu deslocamento fez uma avenida inteira inclinar-se violentamente.

Observadores e híbridos caíram juntos em um abismo que simplesmente não existia segundos antes.

Lucas disparava rajadas curtas enquanto recuava.

Não para vencer.

Apenas para abrir espaço.

Foi então que percebeu.

Os disparos da Black Sun diminuíram.

Os Observadores deixaram de atravessar o corredor.

A batalha ao redor parecia afastar-se naturalmente.

Como se a própria cidade estivesse reorganizando os combatentes.

Lucas ergueu o olhar.

Cain permanecia parado do outro lado de uma antiga praça dos Arquitetos.

Nenhum Observador se aproximava dele.

Nenhum híbrido cruzava seu caminho.

As duas facas refletiam a luz pulsante da Âncora.

O sorriso permanecia exatamente o mesmo.

Ao redor deles... os corredores começaram a se fechar.

Pontes deslocaram-se lentamente.

Paredes ergueram-se entre Lucas e seus companheiros.

Entre Cain e a Black Sun.

Sem que qualquer um dos dois percebesse... a Necrópole Sob o Gelo havia isolado ambos no centro de um gigantesco círculo de pedra viva.

Os sons da batalha tornaram-se distantes.

Restavam apenas dois homens.

Frente a frente.

Cain girou lentamente uma das facas entre os dedos.

Sorriu.

— Finalmente...

Seus olhos encontraram os de Lucas.

— Agora podemos conversar... do nosso jeito.

CAPÍTULO 17

DOIS HOMENS ENTRAM... UM HOMEM SAI

O Lucas permaneceu imóvel.

O fuzil ainda estava em suas mãos.

Mas ambos sabiam.

Aquela luta jamais seria decidida à distância.

Cain caminhou lentamente até o centro da praça.

O som das botas ecoava sobre a pedra negra.

As duas facas giravam entre seus dedos como se fossem parte do próprio corpo.

— Vamos...

Sorriu.

— Mostre quem seu pai realmente criou.

Lucas soltou lentamente o fuzil.

A arma caiu sobre o piso de obsidiana.

O som metálico perdeu-se entre os pulsos da Cidade.

Sem desviar os olhos de Cain... retirou a faca de combate presa ao colete.

Depois uma segunda menor.

O aço refletiu a luz dourada da Âncora.

Por alguns segundos... nenhum dos dois se moveu.

Então desapareceram.

O choque das lâminas ecoou pela praça.

Faíscas iluminaram rapidamente a escuridão.

Cain atacava como um predador.

Golpes rápidos.

Precisos.

Brutais.

Cada movimento parecia planejado muitos segundos antes de acontecer.

Lucas respondia com a mesma velocidade.

Bloqueava.

Desviava.

Contra-atacava.

Os dois atravessavam a praça em uma sequência contínua de golpes.

Nenhum conseguia abrir vantagem.

Cain sorriu durante um bloqueio.

— Muito melhor.

Girou o corpo.

A lâmina passou a centímetros do pescoço de Lucas.

— Você finalmente parou de lutar como um mero agente.

Lucas respondeu com uma cotovelada no rosto.

Cain cambaleou apenas um passo.

— Estou lutando como alguém...

Outro golpe.

Outra defesa.

— ...que quer continuar vivo.

Cain riu.

— Não.

A faca deslizou pela lateral do braço de Lucas.

O corte foi superficial.

— Você continua lutando para continuar humano.

Lucas girou sobre o próprio eixo.

A lâmina atingiu o ombro de Cain.

O tecido negro rasgou-se.

Uma pequena quantidade de sangue escorreu.

Cain sequer pareceu sentir.

— Esse sempre foi seu problema.

Os dois voltaram a colidir.

Punhos.

Joelhos.

Facas.

A luta já não possuía qualquer elegância.

Era pura sobrevivência.

Ao redor deles... a realidade continuava se desfazendo.

Trechos da praça desapareciam durante alguns segundos.

Depois voltavam.

Gravidade e espaço pareciam oscilar a cada novo pulso da Âncora.

Em determinado momento... os dois atravessaram uma distorção.

Durante um único segundo... Lucas enxergou dezenas de versões diferentes de Cain lutando contra dezenas de versões diferentes dele mesmo.

Então tudo voltou ao normal.

Cain limpou o sangue que escorria pelo rosto.

Sorriu novamente.

— Sentiu isso?

Lucas permaneceu em posição de combate.

— O mundo está morrendo.

— Não.

Respondeu Cain.

— Está mudando... para algo melhor.

Olhou rapidamente para a abertura da Âncora.

Os olhos brilhavam de excitação.

— É isso que vocês nunca entenderam.

Apoiou lentamente uma das facas sobre o próprio ombro.

— Evolução sempre parece monstruosa para quem ficou para trás.

Lucas respirava pesadamente.

— Chamar isso de evolução...

Olhou para os híbridos devorando antigos companheiros da Black Sun.

Depois para os Observadores caminhando silenciosamente entre as ruínas.

— ...é desistir da humanidade.

Cain gargalhou.

Uma gargalhada verdadeira.

— Humanidade?

Abriu os braços.

— Olhe ao redor.

A cidade pulsava.

Os céus rachavam.

As leis da realidade desapareciam diante de seus olhos.

— A humanidade perdeu.

Baixou lentamente a cabeça.

— Nós apenas fomos os primeiros a aceitar.

Lucas apertou as facas.

— Você aceitou deixar de ser você.

Cain ficou em silêncio.

— Esse sempre fui eu... uma cópia barata da obra-prima de John Wright.

Então ergueu lentamente a mão esquerda.
As veias negras reapareceram sob sua pele.
Muito mais intensas do que antes.
Percorriam todo o braço.
Subiam pelo pescoço.
Pulsavam em sintonia com a Âncora.
Lucas imediatamente percebeu.
— O pulso...
Cain assentiu lentamente.
— Você percebeu.
Olhou para a própria mão.
Os dedos tremiam discretamente.
— Quando a Âncora despertou... ela me deu um presente.
Fechou lentamente a mão.
— Eu consegui impedir.
Respirou fundo.
— Até agora.
As veias começaram a brilhar.
Os músculos do braço aumentaram de volume.
A pele esticou-se lentamente.
Como se alguma coisa tentasse nascer sob ela.
Lucas deu um passo à frente.
— Cain...
O outro apenas sorriu.
— Você continua tentando salvar pessoas.
A voz tornou-se mais grave.
— Eu...
As articulações estalaram.
Uma.
Depois outra.
Depois dezenas.
— ...cansei de resistir.
As facas caíram lentamente de suas mãos.

Tilintaram sobre a pedra.

Cain abriu completamente os braços.

Fechou os olhos.

E sorriu.

— Se a humanidade precisa morrer...

Um novo pulso atravessou a Cidade.

As veias negras explodiram por todo o seu corpo.

— Então...

Sua coluna arqueou violentamente.

O primeiro osso rompeu a pele.

— Que morra!

Os gritos começaram.

Misturados a um riso quase insano.

Músculos deformavam-se sob a carne.

Costelas atravessavam o peito.

Os braços alongavam-se de maneira impossível.

A pele rasgava-se lentamente, incapaz de acompanhar a transformação.

Os olhos de Lucas permaneceram fixos nele.

Não via mais um homem.

Via apenas... o nascimento de um monstro.

O grito de Cain atravessou toda a Cidade Sob o Gelo.

Não era mais uma voz humana.

Parecia dezenas de gargantas rugindo ao mesmo tempo.

Os ossos continuaram estalando.

Um após o outro.

Braços.

Costelas.

Coluna.

Mandíbula.

Cada articulação quebrava apenas para se reconstruir numa forma ainda mais grotesca.

Sua coluna arqueou violentamente novamente.

As vértebras romperam a pele.

Alongaram-se como espinhos negros.

A musculatura rasgou o uniforme restante da Black Sun.

Não havia mais roupas.

Apenas carne.

Músculo.

Osso.

E algo muito pior.

Os braços cresceram primeiro.

Esticaram-se até quase tocarem o chão.

As mãos humanas desapareceram.

No lugar delas... lâminas ósseas curvas romperam os antebraços.

Afiadas.

Irregulares.

Cobertas por veias pulsantes.

O peito abriu-se lentamente.

Não como um ferimento.

Mas como uma flor grotesca.

As costelas afastaram-se umas das outras.

Entre elas... novos músculos surgiam.

Contraindo-se continuamente.

Como se respirassem por conta própria.

Então... os olhos apareceram.

Primeiro um.

Depois outro.

Depois dezenas.

Espalharam-se pelo tórax.

Pelos ombros.

Pelas costas.

Pelas pernas.

Cada olho movia-se de forma independente.

Piscando.

Observando.

Sempre procurando Lucas.

O rosto foi o último.

A mandíbula dividiu-se em quatro partes.

Abrindo-se como pétalas de uma armadilha.

Dentes novos nasceram em segundos.

Centenas deles.

Longos.

Transparentes.

Irregulares.

Um líquido negro escorria continuamente entre as presas.

Caindo sobre a obsidiana.

Onde tocava... a pedra viva começava lentamente a apodrecer.

Quando a transformação terminou... Cain já não possuía qualquer semelhança com um ser humano.

Media quase três metros.

O corpo parecia pesado.

Impossível.

Mas permanecia perfeitamente equilibrado.

Lucas permaneceu imóvel.

Observando.

O monstro inclinou lentamente a cabeça.

Todos os olhos fixaram-se nele.

Ao mesmo tempo.

Então... algo como um sorriso surgiu.

A mandíbula abriu-se novamente.

— Agora...

A voz era irreconhecível.

Misturava sons humanos com algo muito mais profundo.

— Agora eu evoluí.

Sem qualquer aviso... desapareceu.

Lucas mal conseguiu reagir.

O impacto o lançou contra uma coluna dos Arquitetos.

A pedra rachou imediatamente.

Antes mesmo de tocar o chão... Cain já estava novamente diante dele.

A lâmina óssea atravessou o ar.

Lucas cruzou as facas no último instante.

O choque arrancou uma chuva de faíscas.

Mesmo assim... foi empurrado vários metros para trás.

— Rápido demais...

Cain atacava como uma criatura faminta.

Nenhum movimento era desperdiçado.

Cada golpe parecia capaz de atravessar concreto.

Lucas desviava por centímetros.

Bloqueava quando podia.

Era lançado contra paredes.

Pontes.

Colunas.

Em poucos segundos... o corpo inteiro acumulava cortes.

Hematomas.

Fraturas.

Um novo golpe atravessou sua defesa.

A lâmina óssea rasgou seu colete.

Abriu um profundo corte sobre as costelas.

Lucas caiu de joelhos.

Respirando com dificuldade.

Cain caminhou lentamente.

Sem pressa.

— Está vendo?

Todos os olhos espalhados por seu corpo observavam Lucas ao mesmo tempo.

— Você continua limitado.

Outro passo.

— Continua preso ao que nasceu.

Lucas cuspiu sangue sobre a pedra.

— Não... não mais.

Apoiou lentamente uma das mãos no chão.

Levantou-se novamente.

As palavras dos Arquitetos ainda ecoavam dentro de sua mente.

As palavras de John.

De Sophia.

De Dmitri.

Tudo convergia para o mesmo ponto.

Ele compreendeu finalmente.

Durante toda a vida... lutara para negar aquilo em que havia se tornado.

Agora... não precisava mais negar.

Precisava apenas decidir.

Fechou lentamente os olhos.

Respirou uma única vez.

Quando voltou a abri-los... havia mudado.

Não fisicamente.

Agora aceitava completamente quem era.

Seu corpo respondeu imediatamente.

Os sentidos tornaram-se absurdamente precisos.

O coração desacelerou.

A dor tornou-se distante.

Cada movimento de Cain parecia previsível.

Como se pudesse enxergar alguns instantes à frente.

Não era mais apenas um agente.

Nem um experimento.

Nem uma vítima.

Era exatamente aquilo que John criara.

A diferença... era que continuava sendo Lucas.

Cain rugiu novamente.

Avançou com toda a força.

As duas lâminas ósseas desceram simultaneamente.

Lucas não bloqueou.

Moveu-se.

Foi mais rápido.

Deslizou por baixo do golpe.

Atravessou a guarda do monstro.

Girou sobre o próprio eixo.

As duas facas penetraram profundamente entre as placas ósseas do tórax.

Exatamente onde ainda pulsava o coração deformado.

Cain parou.

Todos os olhos espalhados pelo corpo arregalaram-se ao mesmo tempo.

O rugido transformou-se num som rouco.

Quase humano.

Lucas puxou violentamente as lâminas para baixo.

Abrindo um enorme corte através do peito da criatura.

O monstro recuou cambaleando.

Tentou manter-se de pé.

As pernas falharam.

O gigantesco corpo caiu sobre a praça dos Arquitetos.

O impacto fez toda a estrutura tremer.

Durante alguns segundos... ninguém se moveu.

Cain ainda respirava.

Muito lentamente.

Os inúmeros olhos começavam a perder o brilho.

As lâminas ósseas rachavam.

A musculatura deformada encolhia pouco a pouco.

Lucas permaneceu diante dele.

Respirando pesadamente.

As facas ainda cobertas pelo sangue escuro da criatura.

Ele havia vencido.

Mas, ao olhar para o que restava de Cain Mercer... já não enxergava um inimigo.

Enxergava apenas o destino que escolhera jamais seguir.

O silêncio voltou à praça.

Não havia disparos.

Nem rugidos.

Nem o som metálico das lâminas.

Apenas a respiração pesada de Lucas.

A mandíbula monstruosa começou a retornar à forma humana.

Os ossos estalaram novamente.

Dessa vez... no sentido contrário.

Pouco a pouco... o monstro desaparecia.

O que restava dele... era apenas Cain.

Muito ferido.

Coberto de sangue.

Respirando com enorme dificuldade.

Lucas aproximou-se lentamente.

As duas facas ainda permaneciam em suas mãos.

Parou diante do agente da Black Sun.

Cain ergueu lentamente o rosto.

Havia sangue escorrendo pelo canto da boca.

Mesmo assim... sorriu.

Era um sorriso cansado.

Quase em paz.

— Então...

Respirou com dificuldade.

— É assim que termina?

Lucas não respondeu.

Apenas observava.

Cain tossiu.

Pequenas gotas de sangue escuro caíram sobre a obsidiana.

Então perguntou:

— Por quê? Por que eu perdi?

Lucas permaneceu alguns segundos em silêncio.

Olhou para as facas.

Depois para o homem caído diante dele.

Finalmente respondeu.

— Porque...

Respirou lentamente.

— Eu ainda sou humano.

O silêncio voltou a dominar a praça.

Cain permaneceu olhando para Lucas.

Como se tentasse compreender aquelas palavras.

Então... riu.

Uma única vez.

Não havia deboche.

Nem arrogância.

Apenas tristeza.

— Talvez...

A voz falhava a cada palavra.

— Talvez... você tenha vencido... antes mesmo desta luta.

Lucas permaneceu imóvel.

Naquele instante... compreendeu.

O homem que enfrentara...já não existia.

Talvez nunca tivesse existido.

Cain não perdera a humanidade quando a Âncora despertara.

Nem quando aceitara a mutação.

Nem quando servira à Black Sun.

Ele a perdera muito antes.

No instante em que deixara de acreditar que ainda valia a pena permanecer humano.

O monstro... era apenas a última consequência.

Lucas baixou lentamente as facas.

— Descanse.

Cain fechou lentamente os olhos.

Nenhuma resposta veio.

Naquele momento... seu rosto parecia tranquilo.

Então... a Cidade inteira estremeceu.

Um novo pulso atravessou a Âncora.

Muito mais violento do que todos os anteriores.

A praça inclinou-se violentamente.

Colunas gigantes começaram a ruir.

Pontes romperam-se ao meio.

A obsidiana viva abriu enormes rachaduras sob os pés de Lucas.

Ao longe... o teto acima da Necrópole Sob o Gelo literalmente se partiu.

Fendas negras cruzavam as auroras impossíveis.

Como cicatrizes rasgando o próprio universo.

Os Observadores interromperam completamente o combate.

Todos.

Sem exceção.

Voltaram simultaneamente seus rostos para a Câmara Central.

Como se respondessem a um chamado impossível de ignorar.

Então Lucas ouviu.

— Lucas!

Era Sophia.

A voz ecoava desesperadamente entre as estruturas que desabavam.

— Lucas! A Caixa!

Lucas levantou imediatamente a cabeça.

Ao longe... a Câmara Central começava a colapsar.

As enormes portas dos Arquitetos rachavam.

Fragmentos de obsidiana despencavam sobre as avenidas.

Os anéis luminosos ao redor da Âncora giravam descontroladamente.

A abertura no monólito aumentava a cada novo pulso.

Pela fissura... já era possível enxergar algo.

Não uma criatura.

Nem uma forma.

Mas uma escuridão tão absoluta... que fazia a própria luz desaparecer ao seu redor.

Lucas compreendeu imediatamente.

Se esperasse mais alguns minutos... não haveria mais nada para salvar.

Sem olhar novamente para trás... guardou lentamente as facas.

Respirou fundo.

E começou a correr.

Não em direção à saída.

Nem em direção à sobrevivência.

Mas diretamente... em direção à Caixa.

CAPÍTULO 18
O UNIVERSO INTEIRO

O Lucas atravessava as avenidas destruídas em disparada.

Atrás dele... Sophia mantinha o ritmo apesar do cansaço evidente.

A cada novo pulso da Âncora, sua respiração tornava-se mais pesada.

Era como se alguma força invisível estivesse chamando seu nome.

Muito atrás deles... o restante dos Marcados ainda lutava para impedir que a Cidade inteira os alcançasse.

Os Observadores já não caminhavam lentamente.

Agora corriam.

Centenas deles atravessavam as avenidas de obsidiana.

Silenciosos.

Implacáveis.

— Eles estão vindo!

Gritou Nora enquanto descarregava mais uma rajada.

Um Observador desapareceu sob os disparos.

Outro ocupou exatamente o mesmo lugar.

Depois outro.

E outro.

Não havia fim.

Teo recarregava o fuzil quase mecanicamente.

Cada disparo derrubava uma criatura.

Outras três surgiam imediatamente.

— Continuem!

Mako permanecia alguns metros atrás.

Sua prótese experimental faiscava a cada novo esforço.

Mesmo assim... continuava atirando para todos lados.

Corredores fechavam-se atrás de Lucas.

Pontes erguiam-se para atrasar os Observadores.

Colunas inteiras desabavam sobre as avenidas.

Ethan lançou uma granada para trás.

A explosão engoliu parte da avenida.

Por poucos segundos.

Os Observadores simplesmente atravessaram a fumaça.

Continuando a marcha.

Como se nada pudesse realmente detê-los.

Lucas olhou rapidamente para trás.

— Aguentem só mais um pouco!

Ethan respondeu sem sequer olhar para ele.

— Vai! Nós seguramos!

Lucas voltou a correr.

A Câmara Central reapareceu diante deles.

Muito diferente da última vez.

As enormes portas dos Arquitetos encontravam-se completamente abertas.

A obsidiana pulsava.

Os anéis luminosos giravam em velocidades diferentes.

Como se a própria Âncora estivesse lutando para permanecer inteira.

Ao redor do monólito... John Wright já aguardava.

Helena permanecia ao seu lado.

Os equipamentos presos ao uniforme exibiam apenas interferência.

Nenhum instrumento conseguia mais interpretar o que acontecia dentro da Câmara.

John não olhava para Lucas.

O olhar permanecia fixo em Sophia.

Ela caminhava lentamente em direção à Âncora.

Como se ouvisse uma música que ninguém mais conseguia escutar.

Então... John finalmente compreendeu.

Sua expressão mudou completamente.

Não havia surpresa.

Havia... aceitação.

— Claro...

Helena voltou-se imediatamente para ele.

— John?

Ele continuava olhando apenas para Sophia.

— Durante todos esses anos... eu procurei apenas metade da resposta.

Lucas permaneceu atento.

Sem abaixar a arma.

John sorriu discretamente.

Um sorriso amargo.

— Eu acreditava que precisava criar um ser capaz de sobreviver ao Outro Lado.

Olhou para o filho.

— E consegui.

Depois voltou novamente os olhos para Sophia.

— Mas nunca compreendi... que sobreviver não bastava.

Sophia já se encontrava a poucos metros da Âncora.

Seus passos tornavam-se cada vez mais lentos.

Como se cada metro aumentasse o peso sobre seu corpo.

John continuou.

— Lucas representa aquilo que tentei construir.

Sua voz ecoava pela Câmara.

— A matéria.

Fez uma pequena pausa.

— O corpo capaz de tocar o impossível.

Então olhou novamente para Sophia.

Pela primeira vez... não como uma agente.

Nem como uma inimiga.

Mas como uma peça que jamais conseguira enxergar.

— E ela...

Respirou lentamente.

— Sempre foi o espírito.

Lucas franziu a testa.

John parecia conversar consigo mesmo.

Organizando décadas de pesquisas em poucos segundos.

— Nós procurávamos Artefatos. Fragmentos. Relíquias.

Balançou lentamente a cabeça.

— E nunca percebemos... que havia dois Artefatos Vivos diante de nós o tempo inteiro.

Helena permaneceu completamente imóvel.

— Sophia...

John assentiu.

— Não foi preparada por laboratórios. Nem por experimentos. Quando chegou até a Orpheus era apenas uma criança com poderes estranhos entregue por Malcolm.

Olhou novamente para a jovem freira.

— Foi preparada pelo próprio Outro Lado.

Sophia fechou lentamente os olhos.

Pequenos fragmentos de sua infância começaram a surgir em sua mente.

O frio.

O choro.

Uma mulher segurando sua mão.

Depois... escuridão.

Uma voz chamando seu nome.

E silêncio.

John continuava falando.

— Sua mãe possuía uma sensibilidade psíquica extremamente rara. Adormecida dentro dela. Como uma semente.

Helena arregalou discretamente os olhos.

John prosseguiu.

— Quando Sophia nasceu... as duas quase morreram.

Sua voz tornou-se mais baixa.

— Sua mãe não sobreviveu ao parto.

Sophia permaneceu imóvel.

Lágrimas escorreram silenciosamente por seu rosto.

— Mas, antes de partir... ela abriu uma porta sem sequer perceber.

A luz da Âncora intensificou-se.

John observava fascinado.

— Os dons que jamais despertaram completamente nela... despertaram na filha.

Sophia voltou a respirar.

Muito lentamente.

Então compreendeu.

Nunca fora apenas mediunidade.

Nunca fora apenas fé.

Desde o primeiro instante de sua vida... ela ouvira o Outro Lado.

Muito antes de entender o que era.

Muito antes da Orpheus.

Muito antes de Malcolm Reed encontrá-la.

John deu mais um passo.

— Eu alterei Lucas para suportar o impossível.

Olhou novamente para Sophia.

— Mas ninguém precisou alterar você.

Sua voz quase se transformou em um sussurro.

— Você nasceu pronta.

A Câmara inteira estremeceu.

A Âncora emitiu um novo pulso.

Sophia ergueu lentamente uma das mãos.

Lucas percebeu imediatamente.

— Sophia...

Ela não respondeu.

Apenas caminhou até o monólito.

Sua mão tocou lentamente a superfície negra da Âncora.

Nada aconteceu durante um segundo.

Depois... a Necrópole inteira parou.

Os anéis luminosos interromperam completamente sua rotação.

A luz deixou de oscilar.

A abertura estabilizou-se.

A Âncora parecia respirar em paz.

John arregalou os olhos.

Helena deu um passo involuntário para trás.

Lucas permaneceu completamente imóvel.

Nem Elias.

Nem Aruem.

Nem ele próprio... haviam conseguido provocar aquela reação.

Mas Sophia... apenas com um toque... fizera a Âncora reconhecê-la.

Como se ela sempre tivesse esperado por sua chegada.

Então Sophia desapareceu.

Não como alguém que atravessava uma porta.

Mas como alguém que deixava de pertencer ao próprio conceito de espaço.

A Câmara Central sumiu.

A Necrópole Sob o Gelo desapareceu.

O frio.

O vento.

O peso do corpo.

Tudo deixou de existir.

Pela primeira vez... Sophia atravessava completamente o Outro Lado.

Não apenas com a mente.

Não apenas com o espírito.

Mas por inteiro.

Ela já não caminhava.

Nem voava.

Nem caía.

Apenas... existia.

Então o universo abriu-se diante dela.

Ela viu estrelas nascerem.

Não uma.

Milhões.

Cada uma surgindo como pequenas centelhas de luz em um oceano infinito de escuridão.

Depois... viu essas mesmas estrelas morrerem.

Explodindo.

Colapsando.

Desaparecendo para sempre.

Galáxias inteiras dançavam lentamente diante de seus olhos.

Colidiam umas contra as outras.

Misturavam-se.

Separavam-se novamente.

Como ondas sobre um mar impossível.

Universos surgiam.

Expandiam-se.

Envelheciam.

Silenciosamente davam lugar a outros.

O tempo já não possuía significado.

Bilhões de anos passavam como um único instante.

Ela viu mundos cobertos por oceanos de cristal.

Planetas iluminados por sóis azuis.

Florestas que cresciam sobre nuvens.

Civilizações construídas dentro de estrelas.

Seres feitos apenas de luz.

Outros compostos por pensamentos.

Alguns jamais possuíram matéria.

Outros jamais conheceram o conceito de vida como a humanidade entendia.

Bilhões.

Talvez trilhões.

Formas diferentes de existir.

Então... viu a Terra.

Pequena.

Tão pequena que quase desaparecia diante daquela imensidão.

A humanidade... ocupava um espaço insignificante.

Um breve instante na história do cosmos.

Uma espécie jovem.

Frágil.

Imperfeita.

Sophia sentiu uma tristeza profunda.

Tudo aquilo... todo o sofrimento... todas as guerras... todos os medos... eram praticamente invisíveis diante da escala do universo.

Então... ela compreendeu algo.

Mesmo sendo tão pequena... a humanidade era diferente.

Não era a maior.

Nem a mais inteligente.

Nem a mais antiga.

Mas havia algo nela... que nenhuma outra civilização parecia possuir da mesma maneira.

A capacidade de escolher.

De errar.

De amar.

De sacrificar-se por alguém.

Era imperfeita.

Justamente por isso... era única.

Foi então... que ela o viu.

Muito além das estrelas.

Muito além dos universos.

Muito além do próprio Outro Lado.

Algo observava.

Não possuía tamanho.

Porque qualquer medida perdia completamente o sentido diante dele.

Tentava enxergar sua forma.

Mas sua mente era incapaz de compreendê-la.

Em um instante... parecia possuir incontáveis membros.

No seguinte... nenhum.

Parecia carne.

Depois... vazio.

Parecia feito de sombras.

Logo depois... de toda a luz existente.

Era todas as formas.

E nenhuma delas.

Quanto mais Sophia tentava entendê-lo... menos sua própria mente conseguia permanecer inteira.

Sentiu o sangue escorrer pelo nariz.

Os pensamentos começaram a se desfazer.

As lembranças de infância desapareciam lentamente.

Seu próprio nome começava a perder significado.

A única certeza que permaneceu... foi o medo.

Não um medo humano.

Um medo primordial.

Como se toda forma de vida existente no universo tivesse nascido para fugir daquela presença.

Ela finalmente compreendeu.

Aquilo... não era apenas uma entidade.

Era uma força.

Uma vontade.

Uma consciência tão antiga quanto a própria realidade.

E onde passava... a diversidade deixava de existir.

Tudo tornava-se igual.

A mesma matéria.

A mesma mente.

A mesma existência.

Não destruía a vida.

Transformava toda vida... em si mesma.

Era o fim de qualquer possibilidade.

O fim de qualquer escolha.

O fim de qualquer futuro.

E agora... aquela presença pressionava lentamente a abertura da Âncora.

Esperando.

Sophia sentiu que bastaria mais um passo.

Mais um pequeno rompimento.

E nada jamais voltaria a ser como antes.

Foi então... que inúmeras figuras luminosas surgiram entre ela e aquela presença.

Os Arquitetos.

Milhares deles.

Não como soldados.

Mas como um último muro.

Uma consciência coletiva construída pelo sacrifício de toda uma civilização.

A visão da entidade desapareceu imediatamente.

Como se jamais tivesse existido.

Sophia caiu de joelhos.

Respirando com dificuldade.

Mesmo sem possuir um corpo naquele lugar.

Um dos Arquitetos aproximou-se lentamente.

Sua voz nasceu diretamente dentro de sua consciência.

— Não olhe por muito tempo.

Outro aproximou-se.

— Nós nunca protegemos apenas um mundo.

A imagem do universo reapareceu diante dela.

Milhões de estrelas.

Milhões de espécies.

Milhões de possibilidades.

— Protegemos aquilo que torna o universo vivo.

Outro completou.

— A capacidade de continuar criando.

Novas vidas.

Novas escolhas.

Novas histórias.

— Enquanto a Caixa permanecer fechada... o universo continuará livre para crescer.

A imagem daquela presença voltou por um breve instante.

Silenciosa.

Paciente.

Esperando.

— Se ela atravessar...

As estrelas começaram a desaparecer.

Galáxias tornavam-se iguais umas às outras.

Civilizações inteiras deixavam de existir.

Não porque morriam.

Mas porque deixavam de ser diferentes.

Tudo convergia para uma única existência.

Uma única consciência.

Um único destino.

Os Arquitetos voltaram-se para Sophia.

— Foi por isso... que aceitamos desaparecer.

Outro aproximou-se.

— Não para salvar a humanidade.

Mais um.

— Mas para preservar o direito de toda forma de vida...

Todos falaram ao mesmo tempo.

— ...continuar escolhendo quem deseja ser.

Sophia permaneceu em silêncio.

As lágrimas escorriam lentamente.

Ela finalmente compreendia.

Os Arquitetos nunca foram heróis.

Nunca buscaram glória.

Nunca esperaram ser lembrados.

Apenas fizeram... o que precisava ser feito.

Ela sorriu.

Pela primeira vez desde que chegara à Antártica... não havia medo em seu coração.

Havia apenas paz.

Porque agora... ela sabia exatamente o que precisava fazer.

CAPÍTULO 19
A ESCOLHA

Na Câmara Central... Lucas observava o vazio onde há pouco estava Sophia.

Os anéis de energia giravam lentamente ao seu redor.

Cada pulso tornava-se mais intenso.

Mais instável.

— Sophia...

Nenhuma resposta.

Lucas aproximou-se.

Sem pensar.

Sem hesitar.

Estendeu lentamente a própria mão.

No instante em que tocou a Âncora... o mundo desapareceu novamente.

A Necrópole Sob o Gelo.

Os Observadores.

John.

A Black Sun.

Tudo dissolveu-se em silêncio.

Quando voltou a abrir os olhos... ela estava diante dele.

Sophia sorriu.

Não havia mais vento.

Nem frio.

Nem dor.

Os dois permaneciam sobre aquele mesmo oceano negro onde Lucas encontrara os Arquitetos.

Acima deles... o universo inteiro continuava nascendo e morrendo simultaneamente.

Sophia caminhou lentamente até ele.

— Você sempre foi teimoso.

Lucas sorriu discretamente.

Apesar de tudo.

— Achei que ia precisar vir buscar você.

Ela balançou a cabeça.

— Eu sabia que você viria.

Durante alguns segundos... nenhum dos dois falou.

Ao redor deles... os Arquitetos permaneciam observando em absoluto silêncio.

Como testemunhas de uma decisão tomada incontáveis vezes ao longo da história do universo.

Lucas voltou o olhar para a imensa ruptura luminosa.

Agora conseguia enxergar claramente.

A abertura continuava crescendo.

Mesmo ali.

Mesmo naquele plano.

— Ainda dá tempo?

Perguntou.

Um dos Arquitetos respondeu.

— Sim.

Lucas olhou novamente para Sophia.

Então compreendeu.

Ao mesmo tempo... na Câmara Central... John Wright observava os anéis da Âncora.

Os instrumentos de Helena enlouqueciam diante de seus olhos.

Ela olhou para John.

— Os dois...

Sua voz falhou.

— Eles estão dentro.

John permaneceu imóvel.

Compreendeu.

Lucas nunca fora suficiente.

Jamais poderia ter sido.

A matéria sozinha... jamais sustentaria a Âncora.

Era preciso algo mais.

O espírito.

Sophia.

Naquele instante... até mesmo John entendeu.

Não existia uma terceira possibilidade.

Apenas duas.

Destruir a Âncora.

Ou... fechar definitivamente a ruptura.

Lucas voltou-se para Sophia.

— Existe um jeito.

Ela assentiu.

— Existe.

Sua voz era calma.

Serena.

— Mas alguém precisa permanecer aqui.

Lucas permaneceu em silêncio.

Ela continuou.

— Foi isso que os Arquitetos fizeram.

Olhou para as incontáveis consciências luminosas espalhadas pelo Outro Lado.

— Eles se tornaram parte da própria Âncora.

Lucas respirou profundamente.

Depois sorriu.

Um sorriso pequeno.

Quase aliviado.

— Então eu fico.

Sophia imediatamente balançou a cabeça.

— Não.

Lucas deu um passo em sua direção.

— Eu fui criado para isso.

— Justamente por isso...

Ela aproximou-se.

Parou diante dele.

Levantou lentamente a mão.

Seus dedos tocaram delicadamente seu rosto.

O mesmo rosto que tantas vezes encontrara coberto de sangue.

De cicatrizes.

De culpa.

Sophia sorriu.

— Você trouxe a humanidade de volta da morte uma vez.

Lucas fechou os olhos por um instante.

Ela continuou.

A voz agora era apenas um sussurro.

— Agora... deixe que eu faça isso pelo mundo.

Lucas segurou sua mão.

— Não.

A resposta saiu imediatamente.

— Eu não vou perder você.

Os olhos de Sophia marejaram.

— Você nunca vai.

Ela deu mais um passo.

Abraçou Lucas com força.

Não havia medo.

Nem dúvidas.

Apenas silêncio.

Lucas fechou os braços ao redor dela.

Ela permaneceu imóvel.

Apenas ouvindo os batimentos do coração dele.

Olhou rapidamente para os Arquitetos.

Todos permaneceram em silêncio.

A resposta já havia sido dada.

Não existia outro caminho.

Sophia voltou a olhar para Lucas.

— Obrigada...

Ele franziu a testa.

— Pelo quê?

Ela sorriu.

Um sorriso pequeno.

Cheio de paz.

— Por me lembrar... que a humanidade sempre vale a pena.

Lucas sentiu uma estranha pressão atravessar o corpo.

— Sophia...

Ela fechou lentamente os olhos.

Marcas luminosas ao redor de suas mãos começaram a brilhar.

Lucas percebeu tarde demais.

— Não...

Uma poderosa onda psíquica atravessou o Outro Lado.

Não era violenta.

Era irresistível.

Lucas tentou avançar.

Seu corpo simplesmente deixou de obedecer.

Foi lançado para trás.

Como se o próprio universo o empurrasse para longe.

— Sophia!

Ela permaneceu parada.

Observando-o afastar-se.

Lágrimas escorriam por seu rosto.

Mas continuava sorrindo.

— Viva.

Sua voz ecoou por toda a imensidão.

— Pelos dois.

A luz da ruptura intensificou-se.

Sophia voltou-se lentamente para ela.

Respirou profundamente.

Então... sem hesitar... caminhou em direção ao coração da luz.

E entrou.

No instante em que Sophia atravessou completamente a luz... o universo prendeu a respiração.

Nenhum som.

Nenhum movimento.

Nem mesmo a Necrópole Sob o Gelo parecia ousar existir.

Então... a Âncora respondeu.

Não com violência.

Não com destruição.

Mas com equilíbrio.

Os anéis luminosos, que giravam descontroladamente, começaram lentamente a sincronizar seus movimentos.

Um.

Após o outro.

Como engrenagens finalmente voltando ao lugar ao qual sempre pertenceram.

A enorme ruptura acima do monólito deixou de crescer.

Começou a diminuir.

Na Câmara Central... Lucas abriu os olhos bruscamente.

Seu corpo foi lançado de volta ao chão de obsidiana.

Ainda estendeu a mão instintivamente para a luz.

— Sophia!

Sua voz ecoou pela Câmara.

Nenhuma resposta.

Ao redor dele... os Observadores simplesmente pararam.

Centenas.

Milhares.

Todos permaneceram completamente imóveis.

Como estátuas negras.

Os híbridos começaram a desmoronar.

Suas deformações desapareceram lentamente.

A carne corrompida transformou-se em poeira escura.

Os corpos restantes caíram silenciosamente sobre a pedra.

Os Peregrinos interromperam sua marcha.

Permaneceram olhando para a Âncora por alguns segundos.

Depois... um a um... desfizeram-se em pequenas partículas negras que o vento jamais levou.

Toda a Cidade desacelerava.

As pontes deixaram de se mover.

Os corredores voltaram às suas posições originais.

As paredes vivas cessaram suas transformações.

O som das gigantescas engrenagens foi diminuindo.

Até tornar-se apenas um leve sussurro.

Muito acima da Antártica... o céu começou a fechar.

As enormes rachaduras negras cicatrizavam lentamente.

As auroras escuras desapareciam como fumaça dissolvida pelo vento.

A luz natural voltava a ocupar o horizonte.

Muito distante dali...

no restante do planeta... o impossível começava a desaparecer.

No Brasil... o rio voltava a correr normalmente.

As vozes cessavam.

Na Inglaterra... a Porta Negra fechava-se lentamente.

Na Rússia... as antigas transmissões terminavam no meio de uma frase.

Para nunca mais retornar.

As rachaduras espalhadas pela realidade fechavam-se uma após a outra.

Como feridas finalmente cicatrizando.

Na Câmara Central... John Wright permanecia completamente imóvel.

Não havia derrota em seu rosto.

Nem raiva.

Apenas... compreensão.

Observava a luz envolver completamente a Âncora.

Observava os Fragmentos retornando lentamente às suas posições.

Observava a Cidade obedecer novamente ao propósito para o qual fora construída.

Helena aproximou-se em silêncio.

— John...

Ele não respondeu imediatamente.

Continuava olhando para o monólito.

Então falou.

Quase para si mesmo.

— Ela fez... o que toda uma civilização precisou fazer.

Silêncio.

— Sozinha.

Pela primeira vez... John compreendeu completamente o erro que perseguira durante toda a vida.

Passara décadas tentando transformar a humanidade para enfrentar o impossível.

Mas fora justamente a humanidade... sua capacidade de amar.

De escolher.

De sacrificar-se pelo outro... que salvara o mundo.

Lucas voltou a levantar-se.

Cambaleando.

Ainda estendeu a mão em direção à luz.

— Sophia!

A luz respondeu.

Não como uma voz.

Mas como uma presença.

Delicada.

Serena.

Então... ela falou.

— Lucas...

A voz parecia vir de todos os lugares ao mesmo tempo.

Do Outro Lado.

Da Âncora.

Do próprio universo.

Lucas deu mais um passo.

A voz veio acompanhada de uma paz impossível de descrever.

— Quando olhar para o céu...

A luz começou lentamente a envolvê-la por completo.

Sua silhueta tornava-se cada vez menos humana.

Mais luminosa.

Mais distante.

— Nunca pense... que eu fui embora.

Lucas sentiu as lágrimas escorrerem sem conseguir impedi-las.

Então... a luz cresceu.

Os cinco Fragmentos moveram-se lentamente ao redor da Âncora.

Um após o outro.

Encaixando-se exatamente nas posições para as quais haviam sido criados milhões de anos antes.

Os anéis desaceleraram.

A abertura diminuiu.

Diminuiu.

Até desaparecer completamente.

O monólito negro voltou a ser apenas um monólito.

Silencioso.

Imóvel.

Eterno.

Toda a Necrópole Sob o Gelo permaneceu completamente quieta.

Como se voltasse a dormir.

Ninguém falou.

Nem Lucas.

Nem John.

Nem Helena.

Nem os Marcados sobreviventes que lentamente chegavam à Câmara.

Todos compreenderam.

Sophia não havia morrido.

Também não havia sobrevivido da forma como entendiam a vida.

Ela fizera a mesma escolha dos Arquitetos.

Tornara-se parte da própria Âncora.

A guardiã da fronteira entre dois universos.

E, enquanto aquela fronteira permanecesse fechada... em algum lugar além de toda compreensão humana... Irmã Sophia Smith continuaria de vigília.

Sozinha.

Mas nunca esquecida.

CAPÍTULO 20
O SILÊNCIO APÓS O GELO

O silêncio havia voltado.

Não o silêncio pesado que antecedia o horror.

Nem aquele vazio impossível que existira enquanto a Âncora permanecia aberta.

Era... um silêncio de exaustão.

Como se até mesmo o universo precisasse descansar.

A Câmara Central permanecia completamente imóvel.

O monólito negro voltara a parecer apenas uma estrutura de obsidiana.

Os cinco Fragmentos repousavam novamente ao seu redor.

Perfeitamente encaixados.

Como se jamais tivessem deixado seus lugares.

Nenhuma luz atravessava mais suas rachaduras.

Nenhum som ecoava do Outro Lado.

Apenas quietude.

Lucas permaneceu imóvel por alguns segundos.

Os olhos ainda fixos na superfície da Âncora.

Esperando.

Sem saber exatamente o quê.

Talvez uma voz.

Talvez um último sinal.

Talvez apenas mais alguns segundos para acreditar que Sophia ainda pudesse voltar.

Nada aconteceu.

Uma mão pousou lentamente sobre seu ombro.

Era Ethan.

— Está na hora.

Lucas respirou profundamente.

Sem responder.

Ao redor deles... os sobreviventes começavam a deixar a Câmara.

Nora caminhava alguns metros à frente, verificando cada corredor antes da passagem do grupo.

Mesmo depois de tudo... o treinamento falava mais alto.

Teo carregava parte do equipamento recuperado da expedição.

O fuzil permanecia pendurado no ombro.

Mas agora... parecia pesar muito mais do que antes.

Mako aproximou-se apoiando-se na prótese experimental.

O mecanismo ainda emitia pequenos ruídos metálicos a cada passo.

Ele olhou discretamente para a Âncora.

Depois para Lucas.

Não encontrou nenhuma piada.

Apenas permaneceu em silêncio.

O grupo começou a subir lentamente pelas enormes escadarias dos Arquitetos.

Ao redor deles... a Necrópole Sob o Gelo voltava lentamente ao repouso.

As avenidas permaneciam imóveis.

As pontes já não se reorganizavam.

As paredes vivas tornavam-se novamente blocos silenciosos de obsidiana.

Os mecanismos gigantescos diminuíam sua atividade.

Engrenagens desaceleravam.

Luzes apagavam-se uma após a outra.

Como uma metrópole inteira encerrando seu último dia de funcionamento.

Mesmo os Observadores haviam desaparecido.

Nenhum corpo permanecera para trás.

Nenhum vestígio.

Como se jamais tivessem caminhado por aquelas ruas.

Muito acima... a tempestade antártica também diminuía.

Os ventos voltavam lentamente ao comportamento natural.

A neve começava outra vez a cair.

Suave.

Constante.

Silenciosa.

Quando finalmente alcançaram a superfície... o frio pareceu diferente.

Ainda intenso.

Ainda cruel.

Mas... humano.

A Antártica parecia apenas a Antártica.

Poucos metros adiante... equipes da Orpheus já cercavam completamente a entrada monumental da Cidade.

Pesquisadores.

Agentes.

Equipes médicas.

Veículos blindados.

Helicópteros.

Ninguém comemorava.

Todos compreendiam que estavam diante do maior evento da história da organização.

John Wright caminhava entre dois agentes.

As mãos presas por algemas especiais revestidas com símbolos de contenção psíquica.

Não demonstrava qualquer intenção de fugir.

Nem Helena Voss.

Ela caminhava ao lado dele.

Silenciosa.

Os olhos permaneciam voltados para trás.

Na direção da Cidade.

Por um instante... Lucas encontrou o olhar de John.

Nenhum dos dois disse uma palavra.

Não havia mais argumentos.

Nem acusações.

Apenas duas pessoas que haviam escolhido caminhos diferentes... e pago preços diferentes.

Adrian Reyes aproximou-se acompanhado de uma pequena equipe de contenção.

Seu rosto normalmente impassível parecia ainda mais cansado.

Observou rapidamente os sobreviventes.

Depois olhou para a enorme abertura na geleira.

— A operação acabou.

Sua voz saiu baixa.

— Vamos levar todos para casa.

Enquanto os agentes iniciavam a retirada... a natureza começava lentamente a esconder novamente o que jamais deveria ter sido encontrado.

Grandes placas de gelo desprendiam-se das montanhas ao redor.

A neve aumentava de intensidade.

Os ventos carregavam toneladas de cristais congelados para dentro das antigas avenidas dos Arquitetos.

Pouco a pouco... a entrada monumental começava a desaparecer.

Como se o próprio continente quisesse proteger aquele lugar outra vez.

Lucas permaneceu observando.

A Necrópole Sob o Gelo parecia adormecer novamente.

Não destruída.

Não abandonada.

Apenas... esperando.

Antes de embarcar na aeronave... ele caminhou alguns metros para longe da equipe.

Voltou-se uma última vez para a vasta planície branca.

A entrada da Cidade já quase desaparecera sob a neve.

O vento atravessou lentamente o continente.

Frio.

Suave.

Então... por um único instante... Lucas sorriu.

Teve a nítida impressão de ouvir uma voz.

Muito distante.

Quase imperceptível.

— Lucas...

Ele fechou lentamente os olhos.

Quando voltou a abri-los... havia apenas o vento.

A neve continuava caindo.

Silenciosa.

E a Antártica... guardava novamente seus segredos sob quilômetros de gelo.

Quatro dias depois... o mundo seguia em frente.

Ou, pelo menos... era isso que todos acreditavam.

No interior do The Vault... a movimentação nunca cessava.

Corredores inteiros permaneciam ocupados por agentes, pesquisadores, médicos e equipes de contenção.

Centenas de telas exibiam mapas do mundo.

Relatórios chegavam a cada minuto.

Novos casos.

Novas anomalias.

Novas perguntas.

A Operação Antártica tornara-se oficialmente a maior missão da história da Orpheus.

E também... o maior segredo que a organização já enterrara.

Na sala principal de operações... Adrian Reyes permanecia diante de uma enorme mesa holográfica.

Os olhos percorriam lentamente cada relatório.

Cada confirmação.

Cada ordem.

— Status da contenção?

Perguntou.

Uma agente respondeu imediatamente.

— A zona foi completamente isolada.

Nenhuma equipe civil conseguiu acessar a região.

Outro operador levantou a voz.

— Satélites militares foram redirecionados. Todas as imagens da área já foram removidas dos bancos internacionais.

Adrian apenas assentiu.

— Continuem.

Poucos metros adiante... Maya coordenava dezenas de analistas simultaneamente.

As telas ao seu redor exibiam transmissões de governos, agências de notícias e serviços de inteligência do mundo inteiro.

— A versão oficial já começou a circular.

Ela ampliou uma das reportagens.

"Expedição científica internacional desaparece após colapso geológico na Antártica."

Outra tela.

"Atividade sísmica sem precedentes provoca destruição parcial de base polar."

Outra.

"Fenômeno magnético interfere em comunicações durante tempestade antártica."

Maya cruzou os braços.

— A história está funcionando.

Adrian respondeu sem tirar os olhos dos relatórios.

— Ela precisa funcionar. Porque a verdade...

Olhou discretamente para Eleanor.

— Destruiria o mundo muito antes de qualquer entidade.

No subsolo do complexo...pesadas portas de contenção fecharam-se lentamente.

John Wright caminhava escoltado por quatro agentes.

As algemas de contenção psíquica permaneciam presas aos pulsos.

Mesmo assim... caminhava com absoluta serenidade.

Ao lado dele... Helena Voss mantinha o mesmo silêncio desde a Antártica.

Nenhum dos dois ofereceu resistência.

Nenhum tentou escapar.

As portas da cela fecharam-se atrás deles.

O som metálico ecoou pelos corredores.

Pela primeira vez em décadas... a liderança da Black Sun havia desaparecido.

Sem John.

Sem Helena.

Sem Cain.

Sem Yelena.

Sem Elias.

Sem Aruem.

A organização deixara de existir como uma força global.

Mas não desaparecera.

Relatórios espalhados sobre a mesa de Maya confirmavam pequenas células ainda ativas na Europa Oriental.

Outras na América do Sul.

Algumas no Oriente Médio.

Poucas na Ásia.

Sem liderança.

Sem direção.

Mas ainda vivas.

— A Black Sun fragmentou-se.

Disse Maya.

— Agora são apenas grupos isolados tentando sobreviver.

Adrian permaneceu em silêncio.

Sabia que aquela guerra ainda não terminara completamente.

Apenas mudara de forma.

Mais ao fundo... Dra. Eleanor Vale permanecia diante dos cinco Fragmentos.

Agora completamente inertes.

Os anéis de contenção ao redor deles registravam atividade praticamente nula.

Ainda assim... ela não conseguia desviar os olhos.

Como se esperasse que despertassem novamente a qualquer instante.

Lucas aproximou-se lentamente.

Ainda carregava o peso dos últimos acontecimentos estampado no rosto.

— Eles realmente estão desativados?

Perguntou.

Eleanor respirou antes de responder.

— Sim.

Passou delicadamente a mão sobre um dos monitores.

— A Âncora voltou ao estado de estabilidade.

Fez uma pequena pausa.

— Pelo menos... até onde conseguimos compreender.

Maya aproximou-se trazendo um novo relatório.

Sua expressão já não carregava o entusiasmo habitual.

— Ainda estamos contabilizando as consequências.

Lucas voltou-se para ela.

— Quantas pessoas?

Ela permaneceu alguns segundos em silêncio.

Como se ainda custasse acreditar nos próprios números.

— Milhares.

Outro silêncio.

— Durante a ruptura... milhares de pessoas desapareceram.

As palavras ficaram suspensas no ar.

— Algumas reapareceram horas depois. Sem lembrar de absolutamente nada.

Baixou lentamente os olhos.

— Outras...

Respirou fundo.

— Nunca voltaram.

Ninguém respondeu.

A sala inteira mergulhou em silêncio.

Foi Eleanor quem finalmente voltou a falar.

Sem desviar os olhos dos Fragmentos.

— Nós fechamos a porta...

A frase permaneceu incompleta durante alguns segundos.

Então ela concluiu.

Quase num sussurro.

— ...mas não apagamos a marca que ela deixou.

Nenhum dos presentes discordou.

Porque todos sabiam.

A humanidade sobrevivera.

Mas jamais voltaria a ser exatamente a mesma.

O mundo continuou girando.

Os mercados abriram.

Os aviões cruzaram os céus.

As cidades permaneceram iluminadas.

As pessoas voltaram ao trabalho.

As crianças voltaram às escolas.

As notícias encontraram novos assuntos.

Para a humanidade... o fim do mundo jamais acontecera.

Mas aqueles que aprenderam a enxergar... sabiam.

Alguma coisa permanecia diferente.

Na Amazônia... pescadores voltaram a relatar o aparecimento de uma antiga cidade de pedra durante noites de neblina.

Ao amanhecer... ela nunca estava lá.

Na Inglaterra... homens e mulheres que jamais haviam se conhecido acordavam descrevendo exatamente os mesmos corredores de obsidiana.

Todos afirmavam caminhar por uma cidade enterrada sob gelo infinito.

Nenhum sabia explicar como chegara até lá.

No Japão... crianças desenhavam símbolos impossíveis.

Nenhum professor conseguia identificar sua origem.

Quando comparados... todos os desenhos formavam partes de uma mesma linguagem.

A linguagem dos Arquitetos.

Na Rússia... equipes de resgate desapareceram durante algumas horas em antigas instalações militares abandonadas.

Ao retornarem... não lembravam onde haviam estado.

Mas todos repetiam exatamente a mesma frase.

— A porta continua fechada.

No sul da Argentina... bússolas permaneciam girando sem qualquer explicação.

Instrumentos eletrônicos falhavam por poucos segundos.

Como se alguma presença invisível ainda atravessasse aquelas montanhas.

Em hospitais espalhados pelo mundo... médicos começaram a registrar um fenômeno impossível.

Pacientes que retornavam de experiências de quase morte contavam a mesma história.

Antes de acordarem... ouviam uma mulher rezando.

Ninguém conseguia descrever seu rosto.

Mas todos afirmavam sentir a mesma sensação.

Proteção.

Esperança.

Paz.

Em diferentes países... pequenos grupos religiosos passaram a surgir.

Não possuíam líderes conhecidos.

Nem uma organização central.

Chamavam o Outro Lado por diferentes nomes.

Alguns o temiam.

Outros o veneravam.

Todos acreditavam que um novo tempo havia começado.

A Orpheus acompanhava cada um deles.

Sabia que aquela história ainda não terminara.

Em lugares isolados... câmeras de segurança registravam figuras negras observando ruas vazias durante poucos segundos.

Quando equipes chegavam ao local... não encontravam absolutamente nada.

Os Observadores continuavam existindo.

Poucos.

Silenciosos.

Distantes.

Como ecos de uma porta que jamais deveria ter sido aberta.

Dias depois... a aeronave da Orpheus cruzava lentamente o céu europeu.

Lucas permanecia sentado próximo à janela.

Observando as nuvens passarem em silêncio.

Durante muito tempo... acostumara-se à sensação de estar sendo observado.

Sempre havia alguma presença atrás dele.

Alguma sombra.

Algum sussurro.

Algum reflexo impossível.

Agora... não havia nada.

Apenas silêncio.

Um silêncio diferente.

Não vazio.

Reconfortante.

Ele apoiou a cabeça contra o vidro.

Observou seu próprio reflexo.

As cicatrizes.

O cansaço.

Os olhos que já não pertenciam ao homem que entrara naquele hotel meses antes.

Mesmo assim... um pequeno sorriso surgiu em seu rosto.

Então fechou lentamente os olhos.

Muito longe dali... sob quilômetros de gelo e rocha.

A Cidade dos Arquitetos permanecia imóvel.

As torres negras voltavam a dormir.

As avenidas permaneciam vazias.

Não aguardava vingança.

Nem conquista.

Nem o retorno dos homens.

Apenas cumpria seu propósito.

Porque, do Outro Lado... alguém permanecia em vigília.

Sozinha.

Mas nunca solitária.

E, sempre que a fronteira entre dois mundos estremecesse... uma voz continuaria rezando no silêncio infinito.

Guardando não apenas a humanidade.

Mas o direito de todas as formas de vida... continuarem escolhendo quem desejam ser.

FIM.